Prêmio Dynamite: os indicados

DYNAMITE

Rock Way of Life 14 anos! - www.dynamite.com.br

FRANZ FERDINAND

A vida depois do hype

Ano XIV
2006 - R$ 6,90
ISSN 1415-2460

MILLENCOLIN • 3 COLD MEN • DEATHSTARS • TEMBLOR
DOLLY DAGGERS • BOCATO • MUTANTES • LOTHLÖRYEN
BORDERLINERZ • BARANGA • FRESNO • BEL GARCIA

PÔSTER: PRODIGY

ALGUÉM PERTO DE VOCÊ JÁ OUVIU!

REAÇÃO EM CADEIA

FEBRE CONFESSIONAL

Baixe o toque do seu celular e faça download legal no site
www.deckdisc.com.br

Deckzones Deckdisc Deckpod

ÍNDICE

12 – Bocato

14 – Bel Garcia

16 - Borderlinerz

18 – Franz Ferdinand

22 – Prêmio Dynamite

29 – Fresno

30 – Millencolin

32 – Lothlöryen

34 – Deathstars

36 – Mutantes

38 – Temblor

40 – Baranga

41 – Dolly Daggers

42 – 3 Cold Men

04 – Boom!

06 – News + REC

08 – On Stage

11 – Play + Mural

26 – Pôster

44 – Ears Up

48 – Eyes Up

49 – Demoterapia

50 – Jukebox

Erramos:

+ Na página 08, o nome do CD do Rolling Stones saiu grafado errado. O correto é "A Bigger Bang"

+ Na página 12 foi publicada por engano uma foto com a antiga formação do CPM22.

+ Na página 24, foi publicada uma foto antiga da formação do Fireball Ministry. A correta é esta.

DYNAMITE

CARTA DO EDITOR:

Quem ganha com a vinda de uma banda para um show no Brasil? Os fãs? A organização? A gravadora? A empresa patrocinadora? A própria banda? Todas as alternativas anteriores estão corretas. O fã fica feliz ao ver a banda do coração tocar ao vivo. A organização tira sua parte e lucra. A gravadora ganha com o aumento das vendas dos CDs da banda visitante. Os artistas recebem seus cachês. E a empresa patrocinadora paga para unir seu nome ao da banda – o que é um grande negócio pois os fãs passarão a, no mínimo, respeitar a empresa, além, óbvio, do mais importante: o nome do patrocinador da turnê ou do show aparece muitas vezes em emissoras de TV, jornais, revistas, internet e rádios por aí.

Então todo mundo sempre ganha, certo? Errado. Muitas vezes os fãs e as bandas são prejudicados devido à falta de respeito da organização. As bandas podem ter seus nomes manchados por causa da falta de profissionalismo de quem a traz para shows. E por melhores que sejam as intenções das bandas – como o Pearl Jam, por exemplo, que tocou em São Paulo no final do ano passado e limitou o número de ingressos para garantir a integridade física de seus fãs –, elas não têm como controlar o serviço oferecido por aqui.

Casos como o absurdo da venda de ingressos para o show do U2 são cada vez mais freqüentes, infelizmente. E os abusos não param aí. A escolha dos locais de show, datas e horários quase nunca levam em conta o bem-estar do público. É claro que não podemos esquecer que as datas nas agendas de shows das bandas são complicadas, mas cada vez é mais comum acontecer shows no Brasil em datas estranhas como terça ou quarta-feira às 19 horas. E o pior de tudo: espetáculos em locais nada apropriados.

Para que ter conforto, se a organização pode montar o palco em um estacionamento? Banheiros? Encomende os mesmos banheiros químicos usados no inferno, afinal de contas, roqueiro não se liga nessa coisa de higiene. Sede? O que custa esperar pelo menos cinco minutos para conseguir comprar água? Fila? Deixe maus-caracteres fingirem que são coxos, que estão grávidas, tanto na hora de comprar os ingressos como na hora de entrar no show. Chuva? Aí a culpa não é da organização, pô! Eles até vendem capas de chuva descartáveis por R$ 10! Quanta bondade!

Mas como não dá para deixar de ir a um show desses, que tal ao menos reclamar com as empresas patrocinadoras e cobrar uma postura mais ativa? E que tal também ligar e falar absurdos para companhias que trazem nossas amadas bandas para cá? Afinal de contas, o fã também é um consumidor – e pode, inclusive, denunciar abusos no Procon.

Elcio Cabral
(elcio@dynamite.com.br)

BOOM! por Bruno Palma Fernandes

Fotos: Divulgação

Courtney Love decidiu faturar uma graninha. A viúva de **Kurt Cobain** venderá 25% dos direitos que tem sobre o material do **Nirvana**, banda de seu falecido marido. A cantora e atriz já adiantou que só venderá os direitos do catálogo para alguém que ela gostar. **Bono**, vocalista do **U2**, é um dos maiores interessados. Será que ela vai com a cara dele?

O **Jason** está de volta à Europa. A banda carioca ficará até maio em turnê ao lado dos alemães do **May The Force Be With You**, com quem lançou um split. O Jason ainda deve lançar esse ano um novo álbum de estúdio chamado "Regressão".

Sérgio Dias afirmou em fevereiro que a reunião do **Mutantes** era um mero boato. No entanto, os rumores continuam. O que se comenta é que a banda tocará em Londres em maio num festival cuja temática é a tropicália e que, como **Rita Lee** não aceitou a reunião, **Fernanda Takai**, do **Pato Fu**, estará no vocal. Ao que parece, os integrantes originais Sérgio Dias e **Arnaldo Baptista** já estão ensaiando junto com **Liminha** e **Duda**, que também já passaram pelo Mutantes.

Tom McCrea, líder do **Cake**, esteve em São Paulo recentemente para gravar uma nova música, chamada "Traffic". Essa música foi composta e gravada em parceria com **Tom Zé**, de quem McCrea é fã. Tom Zé participou da apresentação que a banda fez na capital paulista no ano passado. "Traffic" deve fazer parte do próximo álbum do Cake, sucessor de "Pressure Chief", lançado em 2004.

Assim como **Lenny Kravitz** fez no ano passado, **Bono** leiloará uma das guitarras que usou nos shows que o **U2** fez pelo Brasil e doará o dinheiro arrecadado para o programa Fome Zero.

Henrik Johansson, guitarrista da banda sueca de black metal **Apostasy**, foi encontrado assassinado em sua residência. **Fredric Edin**, vocalista da banda, disse que a polícia constatou que Henrik foi esfaqueado no coração por sua namorada e sangrou até morrer antes da chegada do socorro. Quem gosta do estilo vai achar o enredo ótimo.

A turnê que o **The Who** inicia em junho desse ano pode ser a derradeira da banda, segundo o vocalista **Roger Daltrey**. Ele disse que essa será a chance dos fãs jovens de ver uma banda que eles nunca viram ao vivo. O The Who, que está finalizando um novo álbum de estúdio, pode passar pelo Brasil para essa despedida.

Boy George conseguiu se livrar das acusações de posse de drogas que estava enfrentando. O artista, de 44 anos, foi preso em outubro do ano passado, quando passou um trote para a polícia reportando falsamente um roubo. Quando os oficiais chegaram à sua residência para atender ao chamado, não encontraram um ladrão, mas uma boa quantidade de cocaína. Pela brincadeira, Boy George teve de pagar uma multa de US$ 1 mil e mais US$ 160 em custos judiciais. O músico também foi sentenciado a cinco dias de serviços comunitários e a um programa de reabilitação para viciados.

A Universal Music Publishing está comprando os direitos de todo o catálogo do **Sex Pistols**. A editora já está fazendo planos para fazer fortuna autorizando a utilização do material da banda inglesa em trilhas para filmes, programas de televisão e campanhas publicitárias. Quem era anarquista, mesmo? Alguém lembra de "EMI"?

Johnny Jackson, que tocava bateria na formação original do **Jackson 5**, foi assassinado. O músico, que estava com 54 anos de idade, foi encontrado esfaqueado em sua residência e foi declarado morto na madrugada de 2 de março. A polícia chegou ao corpo de Johnny atendendo a uma queixa a respeito de uma briga entre ele e uma mulher. A principal suspeita do assassinato é Yolanda Davis, de 44 anos, namorada do baterista. Yolanda se entregou à polícia e foi formalmente acusada de homicídio no dia 4 de março. Johnny Jackson era primo de **Michael Jackson**.

Continuam a circular rumores de uma possível reunião de **Max Cavalera** com o **Sepultura** para shows ainda neste. O guitarrista **Andreas Kisser** declarou em fevereiro que existia a possibilidade de que isso acontecesse, embora nada ainda estivesse acertado. Em uma entrevista, Max revelou que cantaria novamente à frente do Sepultura, mas somente por causa dos fãs. "Eles são os únicos que merecem essa reunião. Nem o Sepultura, nem eu, apenas eles", disse Max. "Eu faria isso por eles se eles quisessem muito, não pelo dinheiro e não por qualquer outra razão". Tem alguém pedindo carinho por aí...

O **Guns n'Roses** continua marcando shows (a banda será uma das atrações principais de grandes festivais, como o inglês Download e o português Rock in Rio Lisboa) e também continuam circulando boatos e especulações a respeito do próximo álbum da banda, prometido pelo vocalista **Axl Rose** desde 1999. Tudo indica que esse novo trabalho, "Chinese Democracy", vai ser lançado nesse ano. Entre os novos rumores a respeito do aguardadíssimo novo disco do Guns estão os de que ele será triplo e de que **Brian May**, guitarrista do **Queen**, aparece como convidado especial em uma das faixas. Será?

Falando em **Guns'N Roses**, **Jon Bon Jovi** se sente enciumado pelo fato de que a imprensa dá mais atenção a **Axl Rose**, líder do GNR, do que a ele. "Aquele filho da puta não fez um disco em 13 anos e ele consegue toda a atenção. Sabe o que eu fiz em 13 anos? Muito. Mas continuaram escrevendo a respeito do aspecto freak show dele. Porque ele é recluso. Isso o torna interessante, certo?", disse. Também acabou sobrando para os ingleses do The Darkness. "Eu odeio o **The Darkness**. Simplesmente odeio. Eu não entendo", declarou Jon. Parece que tem alguém precisando de um suquinho de maracujá...

Scooter Ward, vocalista do **Cold**, postou uma declaração na internet anunciando que a banda estava acabando. O vocalista não explicou o motivo da decisão, que, aparentemente, foi amigável. Scooter e o baterista **Sean McCandless** montaram um novo projeto, chamado **The Witch**.

Alex Ostrovsky, de Michigan, sem saber, fez o bilionésimo download no programa de downloads pagos iTunes. Com o download de "Speed of Sound", do **Coldplay**, pelo qual Alex pagou US$ 0.99, o rapaz acabou ganhando mais US$ 10 mil em downloads no iTunes, dois iPods e um computador iMac de 20 polegadas. A Apple está providenciando também uma bolsa de estudos para o rapaz. Tem coisas que só o Coldplay faz por você. E para todos os outros mortais, existe o tal cartão de crédito!

Morrissey foi questionado pelo FBI e pela Inteligência Britânica após ter declarado ser totalmente contra a guerra no Iraque e ter chamado George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, de terrorista. "Eles tentaram determinar se eu era uma ameaça ao governo, e o mesmo na Inglaterra. Mas não demorou muito para que eles percebessem que eu não sou", disse o cantor. Controverso como sempre, Morrissey também excluiu o Canadá do itinerário de sua próxima turnê. O motivo desse boicote é a caça às focas realizada anualmente no país.

Mike Patton (ex-Faith No More) marcou a estréia de mais um de seus projetos, o **Peeping Tom**, que lança seu primeiro álbum em 30 de maio. Esse disco traz participações especiais de integrantes do **Melvins**, **Kool Keith**, **Dan the Automator** (Gorillaz), **Massive Attack** e... **Norah Jones**! Tudo a ver.

Freddie Mercury e **Kurt Cobain** serão reproduzidos como bonecos de plástico. Freddie, falecido em 1991, foi retratado como estava no show que o Queen fez em Wembley, em 1986. A réplica de Kurt, encontrado morto em 1994, é idêntica a como o vocalista do Nirvana aparece no videclipe de "Smells Like Teen Spirit".

David Lee Roth, vocalista original do **Van Halen**, havia declarado que uma volta dele à banda estava para acontecer. Algum tempo depois, isso foi desmentido. Depois surgiram rumores de que o Van Halen recorreria a um reality show, assim como o **INXS** fez no ano passado, para encontrar um novo vocalista. O baixista **Michael Anthony**, por sua vez, está mais desesperançoso a respeito do futuro da banda. "Eu diria que estamos em um hiato temporário que pode se tornar permanente", disse o baixista.

BOOM!

Surgiram boatos de que o **Angra** estava processando a banda de forró **Calcinha Preta** por ter gravado uma versão em português da música "Bleeding Heart". Segundo fontes, os integrantes do Angra não ficaram mesmo muito contentes com a tal versão, mas não há processo em andamento, já que ela foi autorizada pela gravadora Paradoxx. Na versão do Calcinha Preta, "Bleeding Heart" se chama "Agora Estou Sofrendo". Confira um trecho da letra: "Me fere, me risca de amor/Me foge, me alimenta/Não sabe que já me conquistou/Agora estou sofrendo". Que belezoca!

O dia 06 de junho desse ano promete ser uma data especial. **Macabra**, porém especial. Dia 06 do mês 06 de 2006. 666, o número da besta. Algumas bandas têm planos para lançar um álbum nessa data. Entre elas estão **Slayer**, **Deicide** e **AFI**. Tá amarrado!

Interditada no dia 8 de fevereiro, a **Galeria do Rock**, no centro de São Paulo, foi reaberta no dia 13. O estabelecimento havia sido lacrado pelo Contru sob a exigência de vários reparos na rede elétrica – essa estava danificada e podia vir a gerar incêndios. O Contru e a Eletropaulo fizeram uma nova vistoria dias depois e constataram que todas as medidas necessárias haviam sido tomadas. Com isso, a energia foi religada e a Galeria do Rock reabriu para a felicidade dos emos de plantão, que já estavam cansados de tanto chorar por ter ficado sem a segunda casa.

Com tantas bandas se reunindo ultimamente, acaba ficando certa impressão de que tudo o que é banda que acabou pode estar prestes a voltar. No entanto, quem sonhou com uma reunião do **The Verve** já pode ir tirando o cavalinho da chuva. O vocalista **Richard Ashcroft** jurou que nunca reuniria a banda, que encerrou carreira em 1999. "É mais fácil conseguir os quatro Beatles no palco", disse o vocalista, hoje em carreira solo. Será?

O guitarrista **Wes Borland** declarou que o **Limp Bizkit** podia estar com os dias contados. No entanto, a banda está se preparando para gravar um novo disco. É improvável que Wes continue participando. Ele e o vocalista **Fred Durst** não superaram suas diferenças. O guitarrista está atualmente se dedicando a um novo projeto, o **Black Light Burns**, do qual também fazem parte **Danny Lohner (Nine Inch Nails)**, **Josh Freese (A Perfect Circle)** e **Josh Eustis (Telefon Telaviv)**.

O **Pixies**, que se reuniu há dois anos, continua indeciso. O quarteto de Boston não sabe se grava um novo disco ou pendura as chuteiras definitivamente, se casa ou se compra uma bicicleta. Cada um dos integrantes da banda está trabalhando em um projeto diferente. O vocalista **Frank Black** lança um novo disco solo no meio do ano; a baixista **Kim Deal** está trabalhando em um novo disco de sua outra banda, o **Breeders**; o guitarrista **Joey Santiago** está desenvolvendo a trilha sonora para um documentário canadense; e o baterista David Lovering continua com sua carreira de mágico.

Brian Eno negou os rumores de que estava se reunindo com o **Roxy Music**, banda na qual não toca desde a década de 70. Segundo o músico, a única coisa que ele fez foi visitar seus ex-colegas no estúdio onde eles estão gravando um novo disco. Brian revelou que foi daí que surgiram os falsos boatos. Então tá.

Um ataque cardíaco levou **Pio Leyva**, cantor da banda cubana **Buena Vista Social Club**, aos 88 anos de idade, no dia 23 de março. Desde 2003 o Buena Vista já perdeu **Compay Segundo**, **Ruben Gonzalez** e **Ibrahim Ferrer**. Não conhece o BVSC? Vá até a locadora e pegue o documentário que tem o mesmo nome da banda. Já. Agora. Vai logo!

A banda carioca **Som da Rua** está testando vocalistas para ocupar o posto deixado de forma inesperada por **Liô Mariz**, que faleceu com apenas 23 anos de idade em um acidente de carro em Ipanema em dezembro do ano passado. Os interessados devem seguir as instruções dadas na página de abertura do site oficial da banda (http://www.somdarua.com).

Cansei de Ser Sexy assinou com a lendária gravadora americana Sub Pop, que lançou bandas como **Nirvana** e **Soundgarden**. O homônimo disco de estréia do Cansei, lançado por aqui no ano passado, ganhará uma edição nos Estados Unidos, contando com 11 faixas cantadas em inglês. O sexteto paulistano fará em julho uma turnê pelos Estados Unidos e Canadá. Boa sorte! Sucesso! Fiquem o máximo que conseguirem!

Uma produtora anunciou que lançaria um vídeo de **Kid Rock** e **Scott Stapp**, ex-vocalista do **Creed**, praticando sexo com quatro garotas, gravado em 1999. Os artistas entraram com um processo e conseguiram que o lançamento fosse barrado. O mundo agradece. Ou não.

Segundo o guitarrista **Billy Duffy**, a reunião do **The Cult** para alguns shows esse ano pode resultar em um novo álbum. "Se nós compormos algo digno de lançamento, nós lançaremos", disse.

O cancelamento de diversos shows do **Aerosmith** por conta do estado de saúde do vocalista **Steven Tyler** levantou suspeitas de que ele estivesse com um câncer na garganta. Um porta-voz da banda desmentiu e garantiu que Steven, o maior concorrente de **Mick Jagger** na categoria "a maior boca do rock'n'roll", está apenas com um problema nas cordas vocais. Se as cordas forem proporcionais à boca, pode ser um problemão...

O **The Smiths** recebeu uma proposta de 5 milhões de dólares para um show de reunião no festival californiano Coachella, que acontece no final de abril. Não surpreendentemente, a oferta foi recusada.

E a embromação do volta-não-volta do **Smashing Pumpkins** parece ter chegado ao fim. Depois de boatos de que dois festivais teriam a banda como atração não terem sido confirmados, vazou na imprensa internacional que a banda está em estúdio. A formação da banda não está certa e a volta da banda faz parte das maquinações de Billy Corgan. O guitarrista James Iha e a baixista D'Arcy não falam sobre o assunto.

O **Nightwish** está oficialmente procurando por uma nova vocalista para o lugar de **Tarja Turunen**, que foi demitida em outubro do ano passado. No começo de julho o Nightwish lançará o CD/DVD ao vivo "End of an Era", com o registro do último show de Tarja à frente da banda. Era? Quanta pretensão...

Shirley Manson, vocalista do **Garbage**, está trabalhando em um álbum solo, contando com a colaboração de **David Arnold**, que trabalhou com o Garbage em "The World Is Not Enough", trilha sonora de "007 – O Mundo Não É o Bastante". Enquanto isso, os outros integrantes do Garbage estão trabalhando em trilhas sonoras e produções. Shirley fez questão de esclarecer que a banda não acabou, mas está apenas dando um tempo.

Com a morte de **Dimebag Darrell**, ex-guitarrista do **Pantera** e estava no **Damage Plan**, em dezembro de 2004, **Dave Mustaine**, líder do **Megadeth** ficou tão sensibilizado que resolveu dar uma trégua. Ele chegou até mesmo a se oferecer para sentar para conversar e resolver a antiga disputa entre ele e o Metallica, banda da qual foi despedido no começo da década de 80. Mas **Lars Ulrich**, baterista do **Metallica**, ainda parece se divertir com o assunto. O Metallica levou recentemente o nome do **Black Sabbath** ao Rock'n'Roll Hall of Fame. Perguntado sobre quem gostaria que levasse o nome do Metallica quando a banda entrasse para o Hall of Fame, Lars respondeu espertamente: "Dave Mustaine". Lars perde o "amigo", mas não perde a piada.

No começo do ano passado, fãs do **Metallica** fizeram uma petição virtual pedindo para que a banda parasse de trabalhar com o produtor **Bob Rock**, parceiro do quarteto desde 1991. A produção do próximo álbum da banda ficará a cargo de **Rick Rubin**, que já trabalhou com **System of a Down**, **Slayer**, **Red Hot Chili Peppers** e **Slipknot**. O cliente – ops, fã – tem sempre a razão.

Fãs do **White Stripes**, calma. Não há motivo para desespero. O guitarrista e vocalista **Jack White** está ocupado com o **Raconteurs**, banda que formou com amigo **Brendan Benson** e que lança seu disco de estréia em 15 de maio. Mas Jack não se esqueceu da dupla que forma com **Meg White**. Ele disse até que já tem uma porção de músicas novas prontas para um novo disco do White Stripes e que, assim que ele arrumar um tempinho, as gravará. O garoto é prolífico, não?

NEWS

SANTANA FEZ O QUE QUIS NO ANHEMBI

17/03/2006 - Anhembi - São Paulo

Por Dum de Lucca Neto

O que um mestre como o guitarrista mexicano Carlos Santana pode fazer quando fica de coadjuvante para megabandas como Rolling Stones, U2 e Oasis? Bater no peito e chamar o jogo, é claro. Com eficácia e destreza costumeiras, Santana brindou os fãs paulistanos com uma apresentação de gala. O exímio guitarrista desfilou clássicos dos seus mais de trinta anos de carreira.

O público, mesclado por quarentões, metaleiros e até eletrônicos, "bailou" a cada sonzeira que o mestre detonava no palco. A garotada, mais ligada em seus trabalhos mais recentes (com participações especiais de nomes como Eric Clapton, Lauryn Hill, Steven Tyler, Rob Thomas e Michelle Branch, entre outros), curtiu mais essa parte do show. Já os fãs mais antigos (aqueles que ouviram as velhas bolachas) se deliciaram com clássicos como "Soul Sacrifice", "Black Magic Woman", "Abraxas" e "Oye Como Va".

Como sempre, Carlos Santana veio acompanhado de grandes músicos e uma cozinha de primeira qualidade. E deu um banho de rock latino e guitarra. É impressionante como o músico domina o instrumento tirando sons espaciais, etéreos, e até meias notas. Mixou rock, jazz e soul com muita latinidade e levadas brazucas. Fez o que quis da guitarra, levou a platéia ao delírio e mostrou, de novo, por que é apontado pelo público e crítica como um dos melhores e mais respeitados instrumentistas vivos no planetinha azul.

Marcelo Rossi

JAMIROQUAI FAZ MÚSICA PARA DANÇAR

24/03/2006 – Credicard Hall – São Paulo

Por Pat Get

O Jamiroquai levou mais de sete mil pessoas ao Credicard Hall para dançar. Com Mr. Jason Kay à frente, a banda trouxe um ar de world music - algo como se Stevie Wonder tivesse passado a ser uma dance music globalizada. Talvez por isso mesmo o Jamiroquai tenha conseguido abocanhar várias tribos de todas as idades com o mais puro pop de boa qualidade.

Pat Get

A apresentação começou pontualmente às 22h30 com "Canned Heat", do álbum "Synkronized". O setlist teve músicas de todos os discos e durou cravadas duas horas. E foram duas horas extremamente dançantes, mesmo durante a execução de músicas mais novas e desconhecidas da maior parte do público.

O ponto alto foi "Space Cowboy", mas "The Return of the Space Cowboy", "Travelling Without Moving", "Synkronized" e "Deeper Underground" (tocada durante o bis) não ficaram atrás.

Quando o clima estava baixando, veio mais uma onda de emoção à execução da faixa que dá nome ao álbum mais recente, "Dynamite". Jay Kay veio com uma bandeira brasileira em punho. O show foi fechado com a gostosa "Alright".

Os músicos são bons e competentes, porém bastante impessoais. Deixaram bem claro ali quem era o "patrão". Um show redondo, com somente um bis. E britanicamente encerrado sem muitas delongas.

REC

+ O Kings of Leon está gravando seu terceiro disco, sucessor de "A-Ha Shake Heartvreak", que saiu em 2004. De acordo com o baixista Jared Followill, este será um grande álbum.
+ O Stone Sour, projeto paralelo de Corey Taylor (vocalista do Slipknot) está gravando um novo álbum. A banda está atualmente sem um baterista, pois Joel Ekman teve que sair para resolver problemas familiares. Roy Mayorga, do Soulfly, está dando uma mãozinha na gravação.
+ O Primal Scream resolveu voltar às origens em seu novo álbum. A banda abandonou as experimentações eletrônicas dos últimos trabalhos pelo rock cru e dançante do começo de sua carreira. O disco se chama "Riot City Blues" e conta com participações de VV (vocalista do The Kills) e Will Sergeant (guitarrista do Echo & The Bunnymen). O lançamento está marcado para 5 de junho.
+ Menos de um ano após o lançamento de seu álbum mais recente, "Out of Exile", o Audioslave já tem um novo pronto. O novo disco, que deve se chamar "Revelations", tem lançamento previsto para junho.
+ O TV on the Radio continua trabalhando em seu próximo disco, intitulado "Return to Cookie Mountain". Esse segundo álbum deve representar um grande avanço na carreira da banda. Além de ser o primeiro a ser lançado por uma grande gravadora, a Interscope, o disco contará com uma participação mais que especial de David Bowie.
+ Cat Stevens está se preparando para lançar seu primeiro disco não-religioso desde a década de 70, quando o músico passou a dedicar sua carreira ao islamismo e adotou o nome Yussuf Islam. Segundo informações, três gravadoras estão disputando esse lançamento. Não se sabe se o artista o assinará como Yussuf Islam ou como Cat Stevens. Mas qual a diferença?
+ Novas influências devem aparecer no segundo álbum do Velvet Revolver. De acordo com o baterista Matt Sorum, o disco deve trazer algo de Led Zeppelin, de Prince e Refused. Provisoriamente intitulado "Libertad", o disco, que deve ser um trabalho conceitual, sai ainda esse ano.
+ Nicky Wire e James Dean Bradfield, respectivamente, baixista e vocalista do Manic Street Preachers, estão trabalhando cada um em um disco solo. Ao mesmo tempo, a banda compõe novas músicas para seu próximo disco.
+ O Down se reuniu para alguns shows, mas não deve ficar só nisso. Em setembro, após ter cumprido as datas dessa turnê, a banda entra em estúdio para registrar um novo álbum. Fazem parte do Down nomes célebres da cena metal, como Phil Anselmo e Rex Brown (Pantera), Pepper Keenan (Corrosion of Conformity), Kirk Windstein (Crowbar) e Jimmy Bower (Eye Hate God).
+ O Dead Fish está dando os toques finais em seu novo álbum, que deve sair ainda nesse semestre. A banda já anda tocando algumas das músicas novas ao vivo.
+ Courtney Love está gravando seu segundo álbum solo e Los Angeles. Algumas dessas novas músicas, que a artista começou a compor quando estava em uma clínica de reabilitação, serão produzidas por Billy Corgan (ex-Smashing Pumpkins), outras por Linda Perry (ex-4 Non Blondes). São esperadas participações de músicos como Jerry Cantrell (Alice In Chains), Anthony Rossamondo (Dirty Pretty Things) e Ben Gordon (Dead 60's).
+ Comemorando 25 anos de atividades, o Ratos de Porão está gravando um novo álbum, que se chamará "Homem Inimigo do Homem". Esse será o primeiro do quarteto a sair pela gravadora Deckdisc.
+ O Iron Maiden iniciou os trabalhos em um novo disco, sucessor de "Dance of Death", de 2003. O produtor será Kebin Shirley, o mesmo de "Brave New World", que marcou o retorno do vocalista Bruce Dickinson e do guitarrista Adrian Smith à banda.
+ O Slayer está gravando um novo disco. E conta mais uma vez com o baterista Dave Lombardo em sua formação.
+ Beck está finalizando o álbum que começou a gravar antes de seus dois últimos lançamentos. Vamos explicar melhor: esse disco foi gravado entre "Sea Change", de 2002, e "Guero", de 2005, e deve apresentar a sonoridade de transição entre esses dois discos. No começo do ano, Beck lançou uma versão remixada de "Guero", chamada "Guerolito".
+ Os integrantes do Radiohead estão tendo uma bela de uma dor de cabeça com a gravação de seu novo disco, sucessor de "Hail to the Thief", que saiu em 2003. "Estou arrancando os cabelos", revelou o líder Thom Yorke. O lançamento deve acontecer ainda esse ano.

HELLOWEEN GRAVA DVD EM SAMPA

25/03/2006 - Credicard Hall – São Paulo

Por Kadu Martins de Oliveira

Com o Credicard Hall razoavelmente cheio, apagam-se as luzes e sobe a cortina para o início do show do Helloween. Adentra o palco o personagem encapuzado das capas da trilogia "Keeper", recitando algumas falas, introduzindo a entrada do grupo que iniciou o show com "The King For A Thousand Years", seguida de "Eagle Fly Free" e "Keeper of the Seven Keys", o que empolgou os fãs logo de início.

Um bom jogo de luzes, palco decorado com a capa do álbum e os amplificadores com as "abobrinhas" que sempre acompanham a banda davam noção do porte do DVD que estava sendo gravado. Coisa de boa qualidade visual e sonora. Michael Weikath (guitarra), Andi Deris, (vocal), Markus Grosskopf (baixo), Dani Loeble (batera) e Sascha Gerstner (guitarra) mostravam-se empolgados com a reação do público e não pararam um segundo.

Seguiram-se mais sons, como "Hell Was Made in Heaven" e "Occasion Avenue", do novo álbum, algumas surpresas, como a balada "A Tale that Wasn't Right", e outras não tão surpresas, mas muito bem-vindas, como "Power", "Mr. Torture" e "If I Could Fly".

"Future World" e "The Invisible Man" encerram a primeira parte do set. Após um breve descanso o grupo retorna com "Mrs. God" e "I Want Out". Mais um breve intervalo, e o Helloween termina o show com "Dr. Stein" para deleite dos fãs.

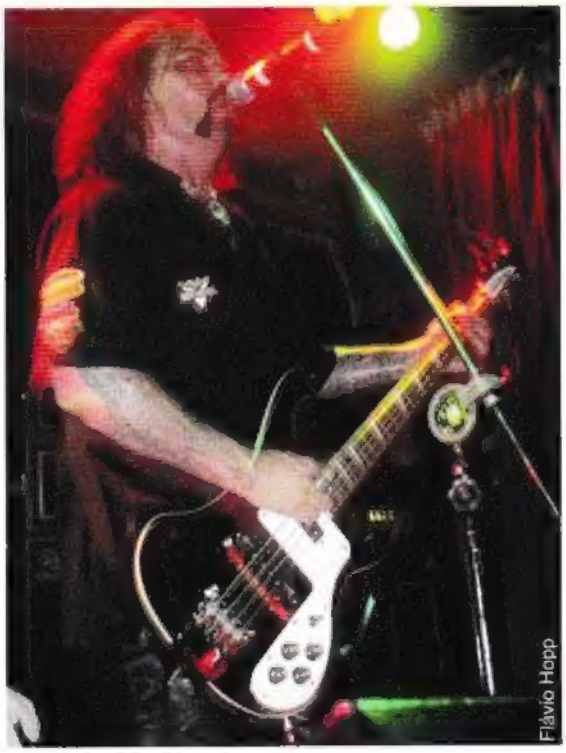
Kadu Martins de Oliveira

DEICIDE: A LENDA FINALMENTE EM SÃO PAULO

02/03/2006 - Hangar 110 – São Paulo

Por Rodrigo "Khall" Ramos

É um dos últimos grandes nomes do death metal americano finalmente se apresentou em São Paulo. O Deicide fez um show simples e curto, mas que agradou muito aos fãs de longa data, que estavam sedentos para ouvir e ver o baixista e vocalista Glen Benton e o batera Steve Asheim, únicos restantes da formação inicial. Ao lado deles estão agora o excelente guitarrista Jack Owen (ex-Cannibal Corpse) e Ralph Santola (ex-Iced Earth/Sebastian Bach).



Flávio Hopp

A abertura da noite ficou a cargo do grupo Ancestral Malediction, de Taubaté, que apresentou um bom death tradicional e competente. Na hora prevista, chega ao palco a tão esperada lenda da Flórida. A banda iniciou o set com "Once Upon the Cross" e "Bastard of Christ", agitando a galera presente no Hangar. "When Heaven Burns" e "Blame it on God", também bem executadas, foram seguidas por "Serpents of the Light", "This is Hell We're in" e "They are the Children of the Underworld", entre outras pérolas, como a clássica "Deicide". Os "from hell" ali presentes certamente saíram satisfeitos com o show.

GATHERING DÁ SHOW DE COMPETÊNCIA

03/03/2006 - Via Funchall – São Paulo

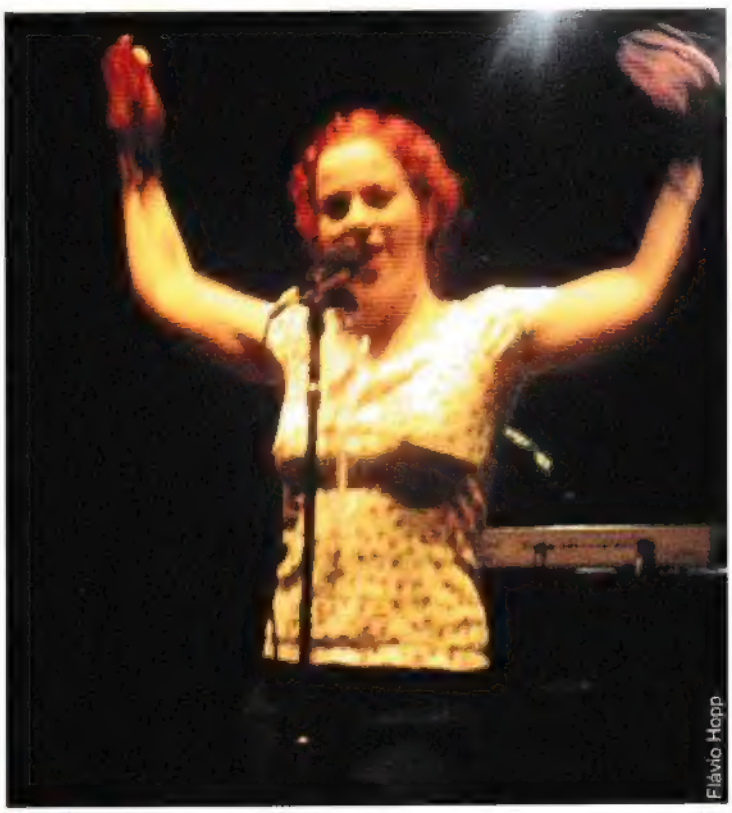
Por Marcelo Teixeira

O Via Funchal recebeu um público bem abaixo da expectativa para ver o The Gathering, uma vez que a banda tem muitos fãs em nosso país. A abertura ficou por conta da banda carioca Ashtar, que mostrou seu interessante folk metal em 40 minutos de apresentação.

Após um intervalo não muito longo entrou em cena o a atração principal, trazendo em sua formação Anneke Van Giesbergen (vocal), Hans Rutten (bateria), Rene Rutten (guitarra), Frank Boeijen (teclado), e apresentando a nova integrante, Marjolein Kooitman (baixo). Como o palco foi montado de forma simples, presumia-se que a banda realizaria um show sem muitos malabarismos, o que se confirmou. Foram quase duas horas de show de uma banda extremamente coesa onde a bela Anneke mostrou que, além de possuir uma voz belíssima, sabe utilizá-la muito bem.

O guitarrista Rene Rutten tocou com eficiência a sua Gibsom Les Paul, que às vezes era trocada por uma guitarra semi-acústica. Frank Boeijen (teclados) proporcionou o clima atmosférico da banda de forma ideal, e a cozinha foi pra lá de precisa, onde o batera Hans Rutten mostrou-se inteiramente entrosado com a simpática baixista Marjolein.

O show começou com "Liberty Bell", com os fãs em êxtase, logo seguida por "Even the Spirits are Afraid". Músicas como "Saturnine", "Eleanor", "Travel" e "A Noise Severe" também foram tocadas. O The Gathering merece um público maior da próxima vez – e isso certamente acontecerá, pois quem viu o show saiu com uma ótima impressão desta grande banda e vai querer voltar mais vezes.



Flávio Hopp

NEWS

OASIS DE BOM HUMOR MESMO NA CHUVA

15/03/2006 – Estacionamento do Credicard Hall – São Paulo

Por Alex Sasllai

O Oasis fez uma única apresentação no Brasil, que começou pontualmente às 22 horas com "Turn Up the Sun". Quando os fãs cantavam com todo o entusiasmo a segunda canção, "Lyla", quem resolveu aparecer foi uma forte chuva. Mas com os hits "Morning Glory" e "Supersonic", o Oasis não deixou a noite esfriar por causa da tempestade. "Wonderwall", "Don't Look Back In Anger" e "The Masterplan" garantiram momentos de emoção.

Lá pela metade do show, por mais de uma vez, a reportagem ouviu membros da equipe se comunicar pelo celular para saber se o temporal afetaria o show – havia água vazando em um canto do palco. O som estava abafado e, por vezes, ficava baixo, problema que aconteceu durante todo o show. Os telões deixaram de funcionar durante parte do espetáculo. A chuva começou a acalmar e não houve maiores incidentes.

Apesar desses problemas – ou muito provavelmente nem se dando conta deles - Liam se mostrou com surpreendente bom humor, batendo palmas várias vezes para o público por não ter se intimidado com o pé d'água que castigou São Paulo, e lançando o comentário que poderia definir essa apresentação: "Chove como em Manchester".

Ao contrário de bandas como o U2, por exemplo, o Oasis abdica de certas frescuras. Não usa um palco espalhafatoso com grandes telões e discursos políticos. O que se pôde ver foi um palco simples, com dois telões normais e uma música atrás da outra.

Mas nem tudo foi unânime entre as mais de 14 mil pessoas ali presentes. Alguns fãs acharam meio irritante a insistência do Liam em mudar os vocais. Por muitas vezes o público tentava acompanhar, mas ele esticava e encurtava as notas. E a simpatia do vocalista não foi tanta quando o público insistiu em pedir a canção "Stand By Me". Liam esticou a mão, pedindo um "stop". Os fãs continuaram a pedir a música, mas a banda não a tocou.

A banda encerrou sua apresentação com um cover para "My Generation", do The Who.

ON STAGE

+ **Prodigy** e **LCD Soundsystem** estão entre as atrações da próxima edição do festival de música eletrônica **Skol Beats**, que acontece no dia 13 de maio no complexo do Anhembi.

+ A banda inglesa **Sham 69**, comemorando 30 anos de carreira, se apresenta no Hangar 110, em São Paulo, nos dias 16 e 17 de junho.

+ Três bandas alemãs de metal num único dia. **Destruction**, **Leave's Eyes** e **Atrocity** tocam no dia 21 de abril, no Via Funchal, em São Paulo.

+ O **Leave's Eyes** e o **Atrocity** ainda se apresentam no dia 22 de abril no festival **Abril Pro Rock**, em Recife. Entre as atrações internacionais dessa próxima edição do evento também se incluem **Stereo Total** e **Kook and Roxxy** (Alemanha), **Diplo** (EUA) e **Camille** (França).

+ Um bom filho à casa torna. O **Udora** fará seus primeiros shows no Brasil em quatro anos. As datas já marcadas são 06/05 em Belo Horizonte (Lapa Multishow), 11/05 em São Paulo (Vegas) e 13/05 em Vitória (local a definir). O **Udora**, que antes se chamava **Diesel**, foi a vencedora da competição de bandas realizada no **Rock in Rio III**, em 2001.

+ **MxPx** e **Rufio**, dois dos maiores expoentes do poppy punk atual, tocam juntos no dia 04 de maio no Via Funchal, em São Paulo. Mais datas devem ser anunciadas.

+ O **Opeth** passará em turnê pela América do Sul e tem três datas marcadas no Brasil: 29/09 em São Paulo (Citibank Music Hall), 30/09 no Rio de Janeiro (Circo Voador) e dia 01/10 em Curitiba (Master Hall).

MILLENCOLIN: ÓTIMO EM SÃO PAULO, NÃO TÃO BOM NO RIO

09/03/2006 – Credicard Hall – São Paulo

10/03/2006 – Claro Hall – Rio de Janeiro

Por Bruno Palma Fernandes e Guilherme Sorgine

Foi ousada a escolha do Credicard Hall para o show do Millencolin em São Paulo. No entanto, a casa ficou completamente abarrotada para ver o show do quarteto, que não passava pelo Brasil há quase dez anos. A abertura ficou por conta do Dead Fish, que apresentou músicas de seu próximo disco, prestes a ser lançado. O Millencolin entrou na seqüência, numa apresentação crua e livre de superproduções, o que acabou servindo de prova de que Nikola (baixo e vocal), Mathias e Erik (guitarras) e Fredrik (bateria) não precisam de mais que seus instrumentos para levantar a galera. A música que abriu o show foi "Kemp". Em seguida veio "Fox".

Os suecos tocaram com bastante gás músicas de toda sua carreira, desde "Same Old Tunes" (ou "Tiny Tunes"), de 1994, até "Kingwood", de 2005. A banda presenteou o público com verdadeiros clássicos do chamado hardcore melódico, como "Penguins & Polarbears", "Loozin Must", "Olympic" e "Bullion", e músicas de seu álbum mais recente, como "Ray", "Farewell My Hell", "Cash Or Clash" e "Shut You Out". A primeira parte do show foi encerrada com "No Cigar", música que certamente contribuiu para o vício de muitas pessoas em games de skate. No bis, o Millencolin uniu mais uma vez o início de sua carreira com músicas mais recentes. Tocaram "Mr. Clean", do primeiro disco, e "Mooseman's Jukebox", do último.

Despediram-se. Mas quem disse que a multidão ali dentro queria se despedir da banda? Não teve jeito. Tiveram que voltar. Tocaram mais dois clássicos: "Leona" e "Material Boy", que encerrou um show empolgante e vigoroso.

No Rio de Janeiro, a coisa não foi tão bem quanto na capital paulista. O Claro Hall não encheu. Na memória, o histórico show de 1998, quando o Millencolin detonou tudo em um Teatro Rival lotado.

Após um atraso ínfimo de 15 minutos, a banda adentrou num palco totalmente desprovido de produção. Foi a senha para o público se amontoar na frente da enorme grade, compensando com muita empolgação os clarões deixados na pista. Assim como em São Paulo, a apresentação foi iniciada com "Kemp" e "Fox".

Como todo show de lançamento, o setlist teve como base as músicas do novo álbum, "Kingwood", o que significou alguns bons momentos de descanso. A diferença na reação do público era evidente, levando o próprio vocalista Nikola a constatar: "Acho que vocês gostam mais das antigas, não é?". Por sorte, elas não faltaram: "Olympic", "Loozin' Must" e "No Cigar", entre outras, fizeram valer a noite dos milhares de presentes.

"Mr. Clean tell me, if that's really you" ressoou no palco ainda escuro da casa, introduzindo uma das melhores músicas da banda ("Mr. Clean", oras!). E o show, que até ali alternava altos e baixos, ganhou uma nova vida no bis, com uma seqüência matadora que teve início com "Leona", passou por "Pepper", atingiu o auge em "Material Boy" e fechou com a velhaca "Dance Craze", sem dúvida uma das mais energéticas do grupo.

SUPERGRASS IGNORA HIT NO CAMPARI ROCK

08/04/2005 – Hotel Fazenda Hípica Atibaia – São Paulo

Por Bruno Palma Fernandes

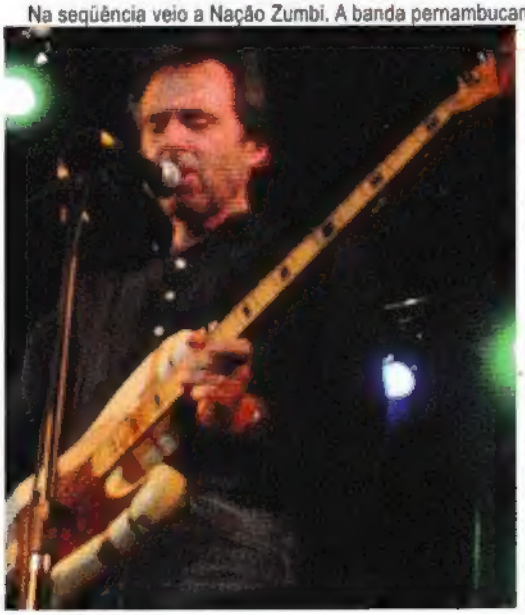
Em sua segunda edição, o Campari Rock mudou de local, o que lhe rendeu uma cara completamente diferente da edição passada, realizada em um galpão na Lapa, em São Paulo. Com o intuito de realizar algo similar a alguns dos mais célebres festivais britânicos e americanos, a organização optou por levar o evento para um hotel fazenda, no interior.

Embora tenha rock no nome, o festival foi iniciado com duas atrações da cena eletrônica. Os cearenses do Montage e os mineiros do Digitaria fizeram as honras. Na seqüência veio o rock propriamente dito. Os gaúchos do Walverdes mostraram seu som garageiro e os paulistas do Ludovic seu trabalho mais influenciado pelo punk.

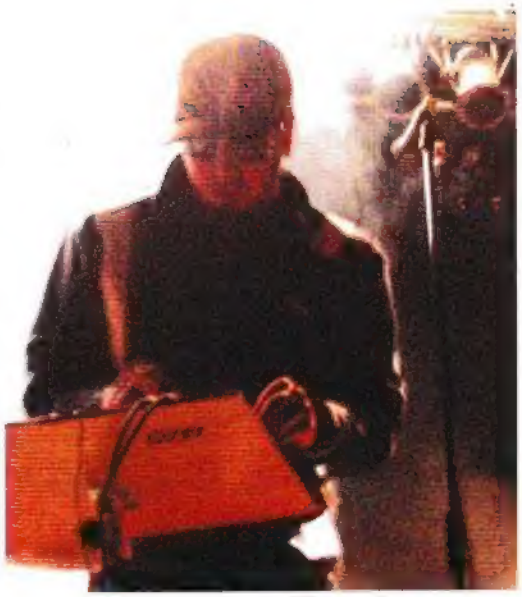
A quinta banda a subir no palco foi o Cachorro Grande, que abriu com "Você Não Sabe o que Perdeu" e conquistou a platéia logo de cara. Também vieram "Que Loucura", "As Próximas Horas Serão Muito Boas" e "Sexperienced". A apresentação ainda teve direito a uma longa jam. O único problema foi uma falha no som enquanto a banda tocava "Lunático".

Depois veio o Mission Of Burma, cujo show ficou empacado o tempo inteiro e não chegou a lugar algum. A banda apresentou músicas do começo de sua carreira, iniciada nos anos 80; do álbum "Onoffon", que marcou seu retorno em 2004; e uma música nova, que aparecerá em "The Obliterati", disco com lançamento marcado para o final de maio.

Na seqüência veio a Nação Zumbi. A banda pernambucana deu uma aula de palco com sua percussão violenta, guitarra distorcida, baixo pulsante e com a voz hipnótica de Jorge Du Peixe. A música escolhida para dar início ao show foi "Hoje, Amanhã e Depois". Também foram executadas "Quando a Maré Encher", "Da Lama ao Caos", "Meu Maracatu Pesa uma Tonelada", "Propaganda" e "Blunt of Judah". Fizeram um show simplesmente perfeito. Deixaram o palco ao som de muitas palmas, gritos e assovios, mimos mais do que merecidos.



E então veio o lendário Ira!. Em sua apresentação, o quarteto de Nasi, Edgar Scandurra, Ricardo Gaspa e André Jung tocou músicas de três décadas diferentes. Os clássicos dos anos 80 foram representados por músicas como "Envelheço na Cidade" e "Dias de Luta". Dos anos 90 vieram "É assim que me querem", "O Girassol" e "Teorema". Da safra da década atual tocaram "Entre seus rins" e "Flerte Fatal". Ainda tocaram um cover de "Foxy Lady", de Jimi Hendrix. Fizeram um show com muita garra, e para quem duvidou ainda avisaram: "Rock de tiozinho é o caralho!".



O Supergrass entrou no palco sob uma fria garoa. Perante os milhares de espectadores, a banda inglesa fez exatamente aquilo que tem feito ao longo de sua carreira: a união da energia à sensibilidade. Ao mesmo tempo em que soava a guitarra estridente do frontman Gaz Coombes, seu irmão, o tecladista Charles, ia dando às músicas um toque de sutileza. Com essa fusão tocaram músicas alegres, como "Caught by the Fuzz", "Grace" e "Pumping on Your Stereo", e outras mais melancólicas, como "Moving" e "Mary". Mais do que justo, a banda também apresentou ao público brasileiro algumas músicas de "Road To Rouen", disco lançado no final do ano passado e que ganhou uma edição nacional recentemente. Deste último trabalho foram tocadas "Tales Of Endurance", "St. Petesburgh", "Low C" e a faixa-título, músicas que mostram claramente como o Supergrass evoluiu de uma banda de adolescentes para algo muito mais elaborado. Os ingleses encantaram o público, e nem precisaram de "Alright", seu maior hit. Sobre essa música, aliás, um comentário ouvido no meio do público foi de que ela está para o Supergrass assim como "Ana Julia" está para o Los Hermanos. Bem por aí mesmo. O Supergrass deixou o palco do Campari Rock com todos muito satisfeitos.

Assim que o equipamento da banda de Oxford começou a ser desmontado, boa parte dos presentes já se deslocava em direção à saída. Alguns ainda tiveram ânimo para assistir ao duo Fixmer & McCarthy, que mostrou o peso de seu som eletrônico. Estranhíssimo o Campari Rock ter começado e acabado no eletrônico... Será que tá faltando rock por aí? Bom, de qualquer forma, o festival foi ótimo.

Fotos: Bruno Palma Fernandes

NEWS - REGIONAL

RUÍDO FESTIVAL

Rio de Janeiro/RJ

Por Guilherme Sorgine

Com a demolição do Ballroom, o Ruído Festival migrou para o Teatro Odisséia, que se mostrou uma opção viável e até mais acessível. Confira a cobertura de dois dias de shows.

Sábado, 12 de março. Os paulistas do Headphone apresentaram um pop rock instrumentalmente competente. Os cuiabanos do Vanguart mostraram porque são considerados a melhor banda do underground brasileiro nos últimos anos – foi um dos melhores shows do festival. O The Pop's desistiu de tocar porque a programação atrasou. Nervoso & Os Calmantes fecharam o set com "Já Desmanchei Minha Relação", o único momento realmente empolgante do show. O brasiliense Sapatos Bicolores eletrizou o público com 40 minutos de rock'and roll preciso, acelerado e sem caô. Fechando a noite, os cultuados gaúchos do Graforréia Xilarmônica fizeram a festa do público, que retribuiu à altura. A banda dá a impressão de estar se divertindo a cada minuto no palco, e brinca o tempo todo, seja com a platéia ou entre si.

Domingo, dia 13. O Tchopu mostrou pop rock pesado e modeminho, na linha do Detonautas Rock Clube. Os campinenses do Violentures detonaram sua surf music original e pesadíssima. As paulistanas do Lava chegaram de mansinho e fizeram um dos melhores shows da noite, com sintonia fina com a platéia. Em seguida foi a vez do Drosophila subir ao palco, com um power pop tão pesado, redondinho e delicioso que impressionou. O Rádio de Outono manteve a linha golden pop e mostrou fantástico show com sua formação peculiar de baixo-teclado-bateria. Fechando a noite e o festival com chave de ouro, os reis do hard-rock-heavy-stoner-ou o que mais quiserem inventar-metal: MQN. O grupo detonou quase uma hora de um rock and roll dos mais competentes e esporrentos.

O texto completo sobre os shows está na coluna Headphone, no endereço www.dynamite.com.br.

Guilherme Sorgine

GRITO ROCK

Cuiabá/MT

Por Adreana Oliveira e Humberto Finatti

Durante o Carnaval rolou o 4º Grito Rock, nos dias 24, 25 e 27 de fevereiro, com 30 bandas de variados Estados brasileiros. Entre elas estavam Johnny Suxxx & The Fucking Boys, Rockefellers, Lord Crossroad Valentina, Madame Saatan, Charme Chulo, Chilli Mostarda, Rhox, Zefirina Bomba, GAT, Asthenia e Unknown Project.

Ana Pupulin

O Ebinho Cardoso Trio não se apresentou devido a um acidente de carro - perda total, mas o músico está bem.

Na primeira noite os destaques fora Macaco Bong – que com baixo, guitarra e bateria fizeram a alegria dos amantes do melhor do rock, blues, com pitadas de soul – e Zefirina Bomba, os paraibanos radicados em São Paulo que mandaram até covers de Irmãos Rocha!, Nirvana e Pin Ups.

A segunda noite teve três bandas já tarimbadas da indie scene: Los Porongas, Revoltz e Porcas Borboletas. Todos fazem pop rock de excelente qualidade, cada um a seu modo. Pode ser o rock sinuoso do Los Porongas, ou a new wave revisitada do Revoltz ou o experimentalismo na linha Tom Zé do Porcas Borboletas. Foram belos shows que abriram caminho para aquele que, sem surpresas, seria o climax da noite: o quinteto cuiabano Vanguart, que mostrou até sua primeira composição em português, "Semáforo". E o paulistano Ludovic fechou com extrema competência a segunda noite do Grito Rock, segurando o público até mais de cinco da manhã com seu pós-punk enérgico e furioso.

A última noite do festival Grito Rock trouxe o glam sarcástico e corrosivo de Johnny Suxxx & The Fucking Boys, o metal poser "levanta público" dos Rockefellers, o hard/blues rock do Lord Crossroad, a sensação goth/glam do Valentina e a revelação do "metal com elementos brasileiros" vinda de Belém, o Madame Saatan. A surpreendente apresentação do Valentina mostrou pleno domínio de palco, ótimas canções e um vocalista de visual andrógino e sedutor – isso credencia a banda a ser uma das melhores do rock glam/goth no Brasil atualmente. O Lord Crossroad levantou o público com um hard/blues de primeira. O Madame Saatan confirmou porque é um dos principais nomes da cena rock de Belém: metal pesadíssimo e bem tocado, salpicado aqui e ali por elementos de música brasileira.

A cobertura completa do festival está no site www.dynamite.com.br.

CIRCUITO ROCK DOSOL

NATAL/RN

Por Anderson Foca e Hugo Morais

O Circuito Rock DoSol rolou no DoSol Rock Bar, em oito datas entre os dias 14 de janeiro e 18 de fevereiro. Lá estiveram bandas de vários Estados, entre elas Astronautas, Wander Wildner, Autoramas, Pactum, Aparelhagem, NX Zero, Zero8quatro, Vamoz, Bode Rocco e Kohbaia, Jane Fonda, Peixe Coco e DJ Dolores: Aparelhagem.

Da cena local, uma das bandas mais cultuadas é o Jane Fonda. Eles aproveitaram o bom momento para fazer um dos melhores shows desse Circuito. Wander Wildner, gaúcho radicado em São Paulo, vocalista da lendária banda Replicantes, empunhou sua guitarra e cantou canções simples e diretas de sua autoria e de artistas marginais (ou não) do Brasil inteiro. O que tinha tudo para ser um fiasco foi na verdade um momento sublime que representa bem o espírito punk tão citado, mas pouco seguido por aí.

Fotos: Divulgação

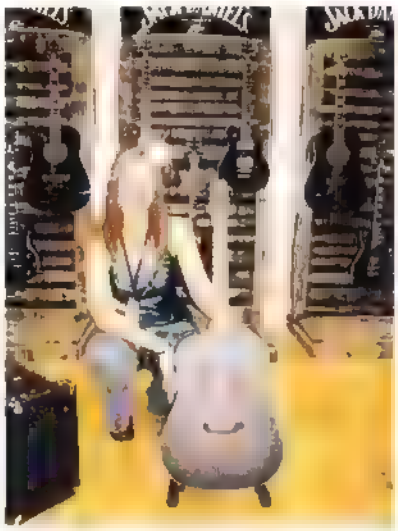
DJ Dolores fez um som semi-eletrônico. Eletrônico devido a presença do dj, e semi devido a presença de metais (trompete e sax), guitarra e percussão com afoxé, pandeiro e outros utensílios musicais. Enquanto o batidão eletrônico botou para mexer, a parte "viva" da banda botou para pensar: "É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado". É isso aí, um funk, e que dizia que mesmo diante da discriminação, a musicalidade impera. Mas também haviam letras animadas e para animar: "Fim da rua estava em festa...". Ficou evidente que ali estava a evolução do tal manguebeat.

Os textos completos sobre os shows estão na coluna Insolação, no site www.dynamite.com.br.

A FESTA DAS ESTRELAS DO ROCK AMERICANO

Por Silvia Mendes

A Namm, Associação Internacional de Produtos Musicais, que aconteceu em Anaheim, na California, entre os dias 19 e 22 de janeiro, se tornou um dos grandes eventos da música – e em especial do rock. Embora este evento seja fechado ao público, ele acaba trazendo pessoas de diversas nacionalidades, profissões ou afiliações. Encontra-se de tudo por lá: desde rock stars produtores famosos, fãs e homens e mulheres de negócio. A 104ª Namm fechou mais uma vez com recorde de público – foram mais de 100 mil pessoas, sendo que o evento teve expositores de mais de 90 países. A associação que promove a feira reinveste todo o lucro recebido em programas para estimular a demanda por produtos musicais.



A Gibson lançou na feira 15 novos modelos de guitarras, incluindo nesta leva modelos criados especialmente para as mulheres guitarristas, como a nova Les Paul Vixen e a série Goddess. O diferencial dos modelos é que eles são mais leves e finos que o normal. Já a Peavey lançou uma linha em homenagem ao famoso whiskey Jack Daniels. São verdadeiras jóias – tanto na qualidade quanto no preço, a partir de US$ 1.200.

E a tendência do bom-mocismo (hoje confundido com profissionalismo) no rock também apareceu no evento. A Sony Music lançou junto com uma empresa parceira uma linha de produtos que visa manter o vigor dos músicos durante as longas turnês. O "wellness kit" (kit do bem-estar), como é chamado, inclui um spray feito de produtos orgânicos para ajudar os vocalistas pelo mundo, além do kit de emergência que inclui vitaminas, incensos, plugues de ouvido e óleos para relaxar.

A Zyldjian trouxe vários músicos patrocinados pela empresa para sessões de autógrafos. O interessante é que a empresa monta uma mesa que ocupa a metade do estande e todos os batenstas dão autógrafos ao mesmo tempo. Marcaram presença Eric Singer, Simon Phillips (Toto), Kenny Aronnoff, Greg Bissonette, Stephen Perkins (Jane's Addiction) entre outros.

A feira conseguiu agradar a todos, e a Associação se prepara para o próximo show, no ano que vem – que será em Austin, no Texas.

Sting: Fora do Tom

Por Gilza Araujo

Raros são os que pressentem e seguem obstinadamente sua lenda pessoal. Sting é uma dessas almas. Sua intuição sempre o levou à arte e ao verdadeiro destino. Gordon Sumner, nome de batismo, sempre ouviu e acreditou em sua voz interior, "seu talento é maior que todos os obstáculos". Isso é o que relata a autobiografia do artista lançada pela editora Cosac & Naify.

Ele iniciou a carreira no underground e, contra sua vontade e estilo romântico, tocou muito punk rock antes de brilhar com o hit "Roxanne". A imagem de uma mulher jovem e sem dinheiro o fez tornar-se um músico famoso e aclamado. "Roxanne" foi inspirada no nome da personagem da peça "Cyrano de Bergerac", visto em um velho cartaz colado num dos hotéis de quinta categoria no qual se hospedara em turnê pelos Estados Unidos.

Nos tempos em que foi professor, Sting assimilou a sabedoria de contar bem uma história. Na autobiografia, escrita com toques de ourives da palavra, o músico relata uma trajetória sensível e cativante. Nela, ele cita o inusitado fato de ter visto um negro pela primeira vez somente aos 15 anos. Era Jimi Hendrix. O som demoníaco do guitarrista nunca mais lhe sairia da memória. O músico lembra que, a partir desse momento, seu sonho era ser um roqueiro com o nível de perfeição do ídolo. Entre a família e a estrada, atuou em um filme com os Sex Pistols, gravou com Miles Davis, casou-se duas vezes e teve seis filhos. Seu pai era dono de uma leiteria. De sua mãe, ele herdou um bom humor atípico.

No livro Sting conta que seu dom musical ganhou força na época em que viveu com os avós paternos. Ainda adolescente, costumava dedilhar o piano do avô, Tom, incansavelmente, até a avó, Agnes, "irritada" pela repetição das mesmas notas, ralhar: "preste atenção, você está fora do tom". Um dos pontos altos da obra é a lembrança dos ótimos amigos que cruzaram seu caminho e o ajudaram a chegar ao topo como, por exemplo, o jornalista da "Sounds", Phil Stucliffe. Stucliffe foi quem o apresentou ao batenista Stewart Copeland, então no Curved Air. De cara Stewart o convidou para uma jam. Inconformado com a Last Exit, sua banda na ocasião, e tendo que garantir a mamadeira do filho primogênito, Sting confessa que não perdeu a oportunidade de tocar com músicos melhores e formar uma nova banda, o Police. Depois que o guitarrista Andy Summers entra na banda, o Police se profissionaliza de vez e emplaca nas rádios de Londres.

"Fora do Tom" é mais que uma autobiografia. É uma história de um homem obstinado que seguiu sua lenda e realizou seu sonho.

Título: Fora do Tom
Autor: Sting
Editora: Cosac & Naify
Páginas: 351
Preço: R$ 38

BOCATO

Alma e expressão do som

Por Dum De Lucca

Fotos: Paul Path

O único trombonista brasileiro que toca com instrumento nacional

Itacyr Bocato Júnior nasceu em São Bernardo do Campo, na grande São Paulo, no começo dos anos 60. Desde criança ouviu as modas de viola que seu pai tocava. Coisas autênticas, aquelas que cantam a realidade dos homens do campo – nada a ver com o chamado sertanejo de hoje.

Bocato construi com muito esforço, dedicação e talento uma carreira de instrumentista e compositor, tocando, além de um instrumento não muito comum – o trombone – uma criativa fusão de ritmos brasileiros com jazz e rock.

Tocou junto de Elis Regina, Hector Costita, Roberto Sion, Léa Freire e, claro, a Banda Metalurgia, que nos anos 1980 o projetou no cenário da música instrumental moderna. Veterano em festivais e shows no exterior, Boca, como é conhecido pelos amigos, é respeitado como um dos melhores trombonistas do Brasil, ao lado de Raul de Souza.

A Dynamite conversou com o músico às vésperas de seu embarque para os EUA, onde foi se apresentar em algumas cidades da Califórnia.

Dyna: Qual sua formação musical?
Bocato: Comecei ouvindo meu pai, que era violeiro autêntico e tocava folclore. Lá em casa sempre tinha som de viola, modinhas, essas coisas. No meio dos anos 60 entrei na banda de música da escola, fomos premiados por cinco vezes nacionalmente. Viajávamos muito e isso ajudou na minha formação musical. Fui crescendo e, no começo dos anos 1970, comecei a tocar em bandas de baile, estudei na Fundação das Artes, em 1976, em São Bernardo.
Dyna: Sempre com o trombone?
Bocato: Sempre, mas toco um pouco de violão, guitarra. Tenho uma forte ligação com o rock. Gosto de música boa, não tenho preconceito contra estilo nenhum, mas as coisas negativas não entram mais. Rock tem muita coisa que acho maravilhosa, existem coisas que não acredito. Tenho uma maturidade, costumo ler, não engulo propagandismo e jabá.
Dyna: Quem tem cultura e referência possui análise crítica...
Bocato: Exatamente. Depois fiz dois anos de música na Unesp, em 1978 e 79. Em 79 participei do festival com o Amigo Barnabé, Itamar Assumpção, Ná Ozzeti, Suzanna Sales, Teté Spindola, todo aquele pessoal da vanguarda da época. Em 1980 toquei com a Elis Regina, que foi um marco, um grande aprendizado e honra porque ela era uma universidade. Paralaleiamente a isso montei a Banda Metalurgia, cujo disco foi superpremiado como o melhor lançamento instrumental de 1982. Nessa época toquei com Rita Lee, Ney Matogrosso, Roberto Carlos, Paulo Patife...
Dyna: Sua influência inicial foi a moda de viola. Depois você estudou, abriu seus horizontes e deslanchou. Sua música é um mix de rock, jazz e MPB. Que tipo de rock você ouvia e quando começou a assimilar o jazz?
Bocato: Na Fundação das Artes que isso começou a segmentar. Meus professores eram o Nelson Ayres, Roberto Sion, Hector Costita, Amilson Godoy, só fera, o que me colocou em contato com o jazz. No rock adoro Jimi Hendrix, Janis Joplin, Alvin Lee – do Ten Years After – Yes, King Crimson, Rolling Stones, Deep Purple, Emerson Lake & Palmer, toda aquela coisa... É um segmento bacana.
Dyna: Como é fazer música instrumental de qualidade num país como o nosso onde o jabá rola solto, de maneira violenta, sem nenhum critério de qualidade?
Bocato: Antigamente eu blasfemava muito. Mas hoje acho um privilégio fazer música brasileira instrumental que, infelizmente, é para poucos. Veja bem, pelas minhas viagens pelo mundo, constatei que no Brasil é onde se ouve a pior música brasileira. Tudo isso que te disse, de leitura, de pensadores, Jung, Reich, Sócrates, Platão, quando a gente lê isso, começa a perceber que o mundo está interessado em coisas. Então porque vou reclamar, vou ser redundante, mais um chorão – não o do Charlie Brown Jr., que eu gosto. Não adianta nada reclamar, não vou conseguir mudar o mundo. O que posso fazer é dar a minha contribuição para os que estão a fim de crescer e evoluir.
Dyna: Você disse que no Brasil se ouve a pior música brasileira. Porque isso ocorre? Qual a intenção? Porque não dar boa música para o povo?
Bocato: O povo já é povo, tem pouco acesso, tem uma vida de merda, uma verdade que ninguém fala. Então, como eles podem entender as coisas mais elaboradas? Na verdade quanto mais banal é melhor, esse povo que vê uma orquestra sinfônica no Ibirapuera, por exemplo, não deixa de ser uma elite procurando coisas boas. O povo é muito culpado de tudo e o governo não dando condições fica um prato cheio.
Dyna: A culpa é do povo? Por que?
Bocato: Porque ele gosta do feijão-com-arroz. É acomodado, ele não quer crescer, não quer sair da favela, experimentar novas comidas, se esforçar e conhecer outras maneiras de viver.
Dyna: Você quer dizer que brasileiro é meio relapso?
Bocato: Acho que são trabalhadores, mas vivemos para pagar contas e impostos. O plano Mashall (feito nos anos 1950 nos EUA) estabeleceu o crescimento às custas da exploração da América Latina. Pagar contas sem crescimento. O povo tem essa culpa do imobilismo, você pode ler Wilian Reich e ele comenta que os cristãos se submetem. O povo vota num governo e depois de um mês já quer tirar. Não foram os romanos que mataram Jesus, mas sim o povo, que escolheu Barrabás.
Dyna: Quais seus próximos projetos?
Bocato: Dois discos, "Bocato e os Reis do Samba Jazz", uma jam session, e outro de músicas de jazz tipo John Coltrane, Bill Wizard, Fred Hubard, etc. Estão saindo daqui a dois meses, aqui e no exterior. Estou indo para Los Angeles em abril, com o Tita Lima, filha do produtor e ex-Mutante Liminha.
Dyna: O que você acha do panorama musical brasileiro hoje?
Bocato: São músicas com letras água com açucar de amorzinho, meu amor me deixou, de namoro de adolescente, com um tipo de som sem nenhuma qualidade – como, por exemplo, o emocore. Eu não gosto não, mas essas letras, rasas, pegam também as pessoas que gostam de pagode e sertanejo. E o pior, é que quem curte pagode fala que gosta de rock também, pois conhece um pseudo-rock, esses novos emocores...

JOE SATRIANI SUPER COLOSSAL

O MAGO DAS 6 CORDAS
num NOVO CD que leva a guitarra
a novos horizontes

13 FAIXAS INÉDITAS

www.sonybmg.com.br www.satriani.com

EPIC

SONY BMG

BEL GARCIA

Bluebell - caldeirão mágico

Por Tiago Bolzan De Luca

Divulgação

"Os undergrounds que me perdoem, mas eu não tenho medo do mainstream". É com esta atitude que Bel Garcia mostra o quanto pretende ser reconhecida. Sem abrir mão de seus princípios artísticos, ela não esconde de ninguém que deseja ser prestigiada pelo que faz. Este desejo leva o nome de Bluebell, banda de uma só pessoa, Bel Garcia, de 28 anos e cara de 18 que, com sua voz doce e angelical, revela suas mais profundas intimidades em seu primeiro álbum, "Slow Motion Ballet". As letras que parecem arrancadas das páginas de seu diário pessoal. Bel afirma que não é bem assim: "São imagens que brotam do inconsciente", diz O.k., mas sem dúvida trata-se de um inconsciente povoado de relacionamentos e emoções provocadas pelos mesmos.

Essa não é a primeira incursão de Bel Garcia na indústria fonográfica. Há cerca de dez ela abriu show para o Ira! no Aeroanta, em São Paulo, e foi até Portugal gravar pelo selo local Virtual Records. Como resultado de uma briga de bastidores, onde a contratada desejava cantar em inglês e a contratante exigia canções em português, foram feitos discos nas duas línguas. Bel não gostou de nenhuma das duas versões, achou que as gravações foram superficiais e nunca houve nenhum lançamento.

De lá pra cá, Bel estudou na Universidade Livre de Música, tomou lições de groove em aulas particulares e morou em Berlim por um ano. Conheceu parceiros musicais como os músicos e produtores do disco Luciano Kurban e Paulo Corcione e um companheiro de composição, o coreano/americano Henry Oh, que assina em conjunto três faixas do álbum.

Com exceção de "Junk", versão adocicada para a música de Paul McCartney, Bel assumiu sozinha a autoria das canções. Autodidata em inglês, a cantora diz que gosta de utilizar a língua anglicana por razões puramente estéticas. Não a toa, o inglês é o idioma predominante em "Slow Motion Ballet", um álbum refinado, recheado de ternura, fofura, candura e melancolia pura, que transmite sentimentos e dores incuráveis. A impressão que fica é que cada som, cada ruído, foi tratado com severo cuidado. Há elementos tradicionais, como violão, guitarra, baixo acústico, bateria, teclado e sampler. Mas também surgem, em determinados momentos, instrumentos não convencionais, como violão de 12 cordas, bandocello, dobro e até oboé.

Ele prefere o inglês, mas também canta e compõe em português

No caldeirão de influências há os mais diversos ingredientes possíveis. Bel despertou seu gosto pela música ainda na adolescência, durante os anos 90. Gostava do que toda garota roqueira curtia na época. Guns'n Roses, Alice'n Chains e Faith No More. Ao se aproximar dos 20 anos de idade, entrou em contato com sons que moldaram seu "eu" musical, de diversos estilos. Mutantes, Beatles, Rolling Stones, The Who, Ella Fitzgerald, Billie Holiday, Moreno Veloso, Lenine, Los Hermanos, Milton Nascimento, Elis Regina, Marisa Monte e Cássia Eller. E a mistura deu certo.

É interessante notar que as letras entregam um certo ímpeto pelo sexo feminino. Indagada se quer entrar para o numeroso time das "cantoras lésbicas", Bel desconversa: "Eu não curto apenas mulheres. Gosto de gente de uma forma geral e não me interessa ser colocada neste ou naquele nicho específico".

Realmente é difícil rotular o Bluebell. E mais difícil ainda é não se encantar com Bel Garcia.

rock project

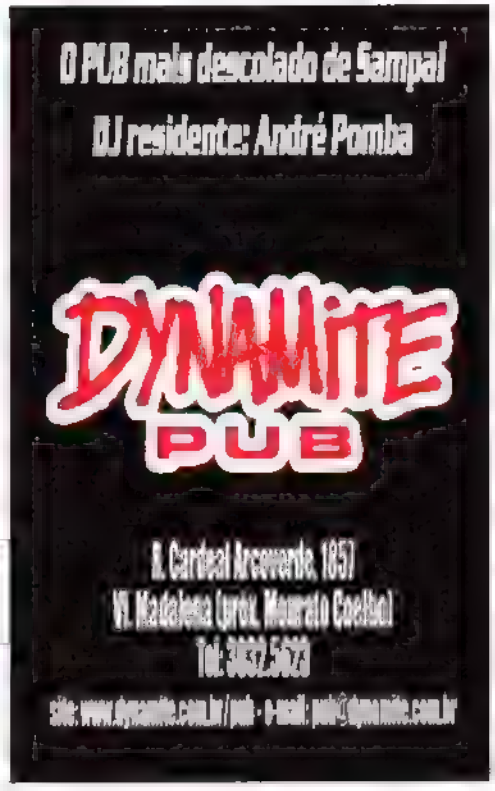
BarangA
NOVO CD
WHISKEY DO DIABO
ALTO TEOR
DE
ROQUENROU!
RNR

www.rocklove.com.br
Fone: 3221-4764

O salão de beleza
ENGENHARIA DE CORTE
A MECÂNICA DA MODA
Fone: (11) 6168.3037
R. Bom Pastor, 1843 - Ipiranga - São Paulo/SP
http://engenhariadecorte.fotoblog.uol.com.br

INDEPENDENT'S DAY
FESTIVAL 4
Premiação de R$ 1.500,00 em dinheiro
Gravação de CD
Produção:
RAFAEL LAUER
Apoio:
DYNAMITE
METEORO

BS
Maui
Servindo Qualidade


O PUB mais descolado de Sampa!
DJ residente: André Pomba
DYNAMITE
PUB
R. Cardeal Arcoverde, 1857
Vl. Madalena (próx. Mourato Coelho)
Tel: 3032.5623

BORDERLINERZ

Simples e muito bom

Por Humberto Finatti

O Bordernilerz abriu mão das firulas em prol do bom, velho e divertido rock´n´roll

O badalado club indie rock paulistano Outs ficou pequeno no começo de fevereiro, durante a volta do carismático quarteto Borderlinerz aos palcos da cidade. Foi o primeiro show deste ano e casa entupiu de gente. Também pudera: o quarteto comandado pelo vocalista e - agora - guitarrista Zeh, continua fazendo uma das melhores performances ao vivo da cena alternativa. Como se não bastasse, o grupo está com nova formação (além de Zeh, também estão no grupo o guitarrista Fil Jota, o baixista Carlos H. e o já célebre batera Jeff Molina, que destrói na percussão do também ótimo Daniel Beleza & Os Corações em Fúria) e novo disco, "O Simples é Complexo", lançado no final de 2005.

O que mudou na banda entre o primeiro álbum ("Elvis", lançado em 2003) e o novo trabalho? Algumas coisas. Sim, as guitarras aceleradas continuam ditando o compasso das melodias, assim como os eflúvios do glam/punk setentista. Mas a língua na qual as letras são escritas, por exemplo, mudou. Zeh deixou o inglês algo precário do primeiro CD de lado e passou a cantar em bom português. "É claro que a questão mercadológica conta, cantar em português torna mais fácil você conseguir mercado", reflete o vocalista em bate-papo com a Dynamite.

"Mas a questão principal nem é essa. Meu inglês não é dos melhores, reconheço. E as letras agora estão mais complexas, mais profundas. Seria difícil para escrevê-las em inglês", explica. Além da mudança na questão da língua, Zeh também conta que o referencial sonoro da banda foi ampliado - e muito. "Tem muita coisa dos anos 70, como psicodelia, algo Jimi Hendrix. E também influência de coisas mais recentes, como o Foo Fighters, por exemplo, que eu tenho ouvido bastante"

O grupo ainda é novíssimo. Foi formado em 2003 e acabou se transformando em hype na mídia descolada de colunas sociais, que enxergaram no visual da banda e em seu rock anfetamínico uma postura fashion transgressiva. Mais ou menos o que ocorre atualmente com o bombado Cansei de Ser Sexy. Isso contribuiu para que o disco de estréia do quarteto vendesse muito bem para os padrões independentes - cerca de 2 mil cópias cada. Porém, não tardaram a surgir problemas de relacionamento e as famosas "divergências musicais" entre Zeh e os outros integrantes (o guitarrista Bóris e o baixista Fábio), que acabaram saindo do conjunto. "A verdade é que morávamos juntos, fazíamos tudo juntos", conta o vocalista. "É como um casamento, né? Pintou um desgaste no relacionamento, eu queria um pouco mais de seriedade no trabalho, e eles, não. O rompimento foi meio pesado, a gente parou de se falar. E eu gostaria de voltar a falar com eles porque, afinal, eram grandes amigos meus e eu gosto deles."

Com a saída de Bóris e Fábio, a solução foi partir para uma nova formação.

Vieram Jonas e Marcelo para a guitarra e baixo, mas não ficaram muito tempo pois foram abrir o bar Berlin (outro atual hype do circuito alternativo paulistano). E o ex-batera Toni saiu porque foi morar nos Estados Unidos. Reformulação geral no line up e finalmente o grupo pôde voltar aos palcos e lançar o novo trabalho.

E a volta foi em grande estilo.

Planos futuros? Tocar, tocar e divulgar o disco. O Borderlinerz, enfim, superou a crise interna e passou pelo momento do hype. E agora está pronto para seguir tranqüilo seu caminho, como um dos melhores grupos da cena indie nacional.

Leia a resenha do CD na seção Ears UP.

TOR
"Cantando sobre a estrada, os bares, a boêmia e a vida dura, TOR resgata uma parte esquecida da cultura nacional e mantém viva a tradição dos violeiros errantes, estradeiros e heróis de bar"
Maus hábitos e promessas quebradas, o primeiro álbum solo do vocalista do
ZUMBIS DO ESPAÇO

WWW.OFICIALTOR.COM
Contato: oficialtor@gmail.com
Um lançamento
Distribuído por
(11) 3744-0593
WWW.13RECS.COM

Vida depois do hype

Por Bruno Palma Fernandes

Fotos: Divulgação

O Franz Ferdinand foi coadjuvante de luxo nos shows do U2 em São Paulo

Existe um grande risco em ser a sensação do momento. A afobação criada em cima de novos artistas cria expectativas que muitas vezes acabam não sendo atingidas. A cada ano surgem pelo menos três salvações do rock – a maioria vindas do Reino Unido. Mas quantas dessas bandas conseguem se livrar dessa aura que as leva às alturas para, muitas vezes, destruí-las, tornando-as descartáveis ao surgimento da próxima "grande coisa"? Quantas conseguem dar seqüência a seus trabalhos sem ser ignoradas? Um bom e atual exemplo disso é o Strokes, que era comentado nos quatro cantos do mundo antes mesmo de lançar "Is This It", seu álbum de estréia, em 2001. A banda nova-iorquina conseguiu superar o hype, já está em seu terceiro álbum, e vai bem, obrigado. Já o furor ao redor de outras bandas, como The Hives, Libertines e Cooper Temple Clause parece ter se perdido.

O Franz Ferdinand também já era bastante falado sem ter um primeiro disco. No final de 2003 as orelhas se erguiam espertamente quando ouviam qualquer coisa a respeito do quarteto escocês formado por Alex Kapranos (vocal e guitarra), Nick McCarthy (guitarra), Bob Hardy (baixo) e Paul Thomson (bateria). Toda essa comoção foi gerada por "Darts Of Pleasure", um mero EP de cinco faixas (sendo que duas são demos caseiras).

Em janeiro de 2004 a banda deu mais um gostinho do que estava por vir com o lançamento do single "Take Me Out". Poucas músicas tocadas com guitarras sujas têm tamanho apelo pop. Os pés já coçavam nas pistas de dança aos primeiros acordes do primeiro single do Franz Ferdinand, mas o álbum de estréia veio somente dois meses depois.

Em março de 2004 saiu o primeiro disco da banda, que começou dando festas badaladas e ensaiando em uma prisão abandonada de Glasgow com o intuito de fazer rock para se dançar. Essa intenção foi concretizada. Tanto as batidas cadenciadas de "The Dark of the Matinée" ou "40'" quanto as pulsantes de "Jacqueline" ou "Michael" fizeram com que o Franz Ferdinand caísse nas graças do mundo. A verdade é que "Franz Ferdinand" superou as expectativas com uma sonoridade crua, mas sempre elegante, sem nunca perder a pose.

Outros artistas de renome também foram conquistados. O maior exemplo disso talvez tenha sido o Daft Punk. O duo francês trabalhou em um remix para "Take Me Out" – e esse remix sequer foi encomendado. Tanto é que quando o Daft Punk enviou o CD com sua versão de "Take Me Out" para a Domino (gravadora do Franz Ferdinand), a correspondência nem foi levada a sério. Um belo dia uma funcionária da Domino resolveu entrar em contato com a dupla para checar se eles mesmos haviam enviado aquele CD, e o remix acabou sendo incluído em uma outra versão do single "Take Me Out".

Está certo. Nem todo mundo se apaixonou pelo Franz Ferdinand. Liam Gallagher, vocalista do Oasis, declarou certa vez que não gostava da banda, pois não gostava de "música esquisita", e ainda teorizou que Alex Kapranos é o vocalista o Right Said Fred depois de ter feito uma dieta e de ter deixado o cabelo crescer. Mas, francamente, do que é que esse cara gosta? E não vale responder Beatles ou Oasis...

Ainda com o primeiro disco recém-lançado, o Franz Ferdinand já falava no segundo. De acordo com declarações deles mesmos, compor novas músicas faz parte da rotina do quarteto. No meio de uma extensa turnê ao redor do mundo foram surgindo idéias para novas músicas. O Franz Ferdinand começou a trabalhar em seu segundo disco com mais afinco já no final de 2004. A idéia inicial era ter Dan The Automator, do Gorillaz, como produtor. Dan chegou a trabalhar com a banda, mas seus serviços foram dispensados repentinamente.

A banda passou 2005 gravando novas músicas sob a produção de Rich Costey. Saiu em setembro o primeiro single do novo trabalho, "Do You Want to", não menos dançante e cativante do que aquilo que o grupo já havia apresentado

O segundo disco, "You Could Have it so Much Better", chegou em outubro de 2005. Fizeram-se presentes mais umas vez as batidas mais sumgadas ("Outsiders" e "The Fallen") e as mais enérgicas ("Evil and a Heathen" e "This Boy"). Mas também vieram baladas ao piano ("Eleanor Put Your Boots

On" e "Fade Together"), violões climáticos ("Walk Away") e mudanças de tempo imprevisíveis ("Well that was Easy" e "I'm Your Villain").

No final de 2005 começaram a circular boatos de que o Franz Ferdinand viria ao Brasil para ser a atração de abertura nos shows que o U2 faria em São Paulo, no final de fevereiro. A boa notícia foi confirmada pouco tempo depois. Mas todo mundo sabe que as bandas de abertura têm tempo e volume sonoro reduzidos. Não seria justo a banda finalmente aportar no Brasil para apresentações curtas e sem a devida atenção. Seria baba demais para pouca marmita. Felizmente, marcaram um show só deles no Rio de Janeiro

Quando o Franz Ferdinand abriu para o U2 no Estádio do Morumbi foi isso o que aconteceu: pouquíssimas pessoas estavam lá exclusivamente por causa deles (mas algumas estavam, sim, e nem faziam questão de ver a banda do bom moço Bono); algumas outras pessoas que não conheciam a banda curtiram o show, muitas outras ficaram impacientes e mandaram os escoceses irem tomar naquele lugar; outras tantas, ao ouvirem "Take Me Out" no show, se deram conta de que era "aquela banda" que tocava "aquela música"

Nas duas noites que o Franz Ferdinand abriu para o U2 a banda seguiu do estádio para o estúdio, onde gravou algumas músicas novas, temperadas por instrumentos de sopro. Não surpreendentemente, o Franz Ferdinand continua escrevendo novas músicas. Algumas dessas composições podem aparecer no terceiro álbum da banda. E se tudo seguir nesse mesmo ritmo, esse novo disco não deve demorar a sair.

Um dia antes de a banda embarcar para o Rio de Janeiro, onde fez um show brilhante e quente (no sentido conotativo e denotativo) no Circo Voador, o divertido batenista Paul Thomson concedeu uma entrevista à revista Dynamite. Confira:

Dynamite: No final de 2004 você havia dito que para "You Could Have it so Much Better" vocês não teriam um produtor, mas sim diversos colaboradores. Por que acabara optando por Rich Costey?
Paul Thomson: Nós encontramos um colaborador com o qual gostamos muito de trabalhar e decidimos fazer o álbum todo com ele. Rich tem uma forma de trabalhar muito diferente de Tore Johansson. O contato que nós tínhamos com Tore era muito mais via e-mail. Ele nos mandava um e-mail dizendo o que fazer e nós fazíamos. Rich tem um jeito muito mais íntimo e pessoal. Ele realmente pôs a mão na massa. Ele não tem medo de dar sugestões e idéias, algumas boas, outras não.

Foi ótimo trabalhar com ele. Ele fez com que todo o processo fosse divertido.

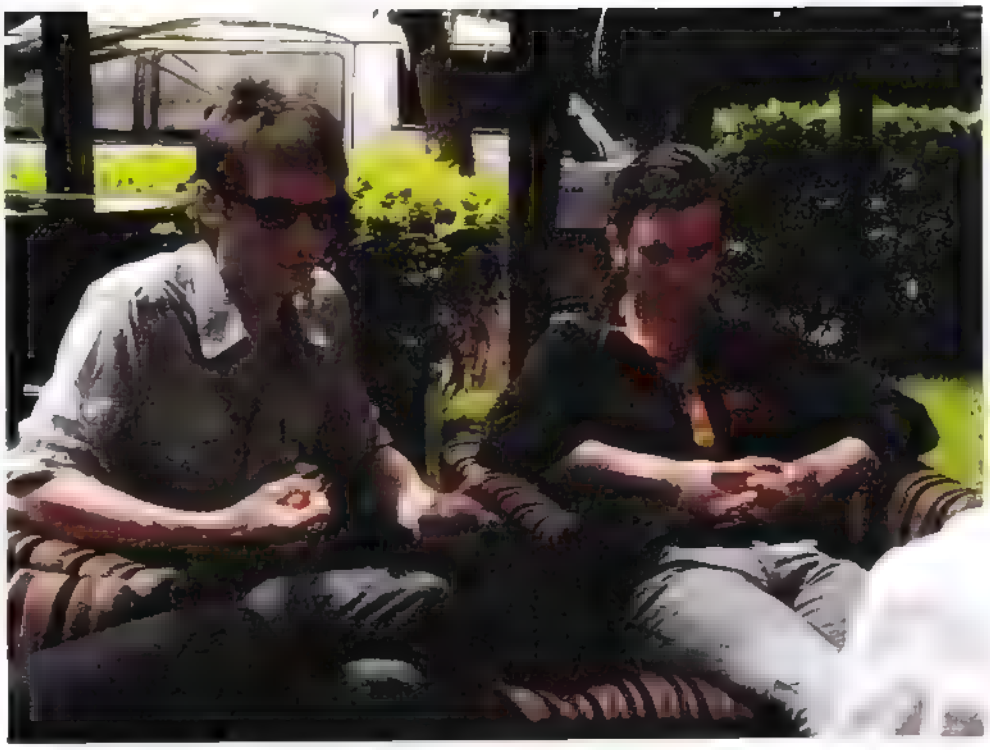
Dyna: Alex disse que nenhum dos discos da banda teria um título e eles só se diferenciariam um do outro pelo esquema de cores da arte. Por que resolveram dar um nome ao segundo disco?

Paul: Porque nós mudamos de idéia, simplesmente (risos). Dar nomes facilita para que tenhamos um maior controle dos nossos discos. Acho que chegamos a essa idéia porque não conseguíamos pensar para um bom nome para o disco. Mas acabamos encontrando um.

Dyna: Vocês lançaram o primeiro disco em 2004, "You Could Have It So Much Better" saiu em 2005 e vocês já estão trabalhando em novas músicas para um próximo álbum. Você não acha que o Franz Ferdinand trabalha bem mais rápido que a maioria das bandas?

Paul: Nós nunca paramos de escrever músicas e, por isso, sempre temos coisa nova. Geralmente, as bandas compõem um disco, gravam, fazem uma divulgação, saem em turnê por um ano e meio e tiram mais alguns meses para escrever um novo disco. E todo o processo recomeça. Mas isso é um tédio e acaba transformando você em um vegetal. Não há fonte de inspiração. Nós vamos escrevendo e gravando sempre que podemos e onde podemos. Nós gravamos em Melbourne quando passamos pela Austrália. E nós gravamos ontem à noite em São Paulo com alguns músicos locais, que tocam instrumentos de sopro. Temos gravado muita coisa em épocas diferentes este ano. Isso tem feito com que as músicas tenham uma atmosfera única. Há um certo tempero brasileiro no que gravamos aqui.

Dyna: Essas músicas gravadas em São Paulo serão usadas no próximo disco?



Paul: Talvez. Nós não sabemos o que essas músicas vão virar. Pode ser que seja apenas uma demo. Também pode ser que lancemos como single ou que apareça mesmo num novo álbum. Mas elas serão lançadas de algum jeito.

Dyna: O que você pode dizer a respeito dessas novas músicas?

Paul: Elas são completamente diferentes uma da outra. Mas nós quatro juntos sempre soaremos como Franz Ferdinand. O nosso segundo disco é bem obscuro, ele é mais rock. A sonoridade dele é mais próxima daquilo que fazemos ao vivo. Nosso processo de composição mudou depois de ter lançado nosso primeiro disco. Ficamos um ano e meio em turnê. Isso fez com que o segundo disco saísse um pouco mais agressivo. As músicas novas estão bastante diferentes. Tem influências da tropicália ao pós-punk.

Dyna: É verdade que vocês já têm cerca de 15 novas músicas escritas?

Paul: Nós não chegamos a contar. Mas acho que temos umas quatro que estão prontas para serem tocadas. Nós temos gravado parte por parte. Um de nós grava alguma coisa e os outros vão adicionando. Depois temos que entrar em um estúdio todos juntos para tocar com a banda toda e ver como sai. É um processo completamente diferente.

Dyna: E essas novas músicas têm mesmo mais base nas batidas do que nas guitarras, como Alex afirmou?

Paul: Eu acho que sempre foi assim. Nós sempre tivemos um grande interesse por boas linhas de bateria e baixo. Acho que continuamos assim.

Dyna: Em "You Could Have it so Much Better" o Franz Ferdinand usou instrumentos diferentes, como violão e piano. Continuarão explorando novos sons?

Paul: Sim, nós usaremos tudo aquilo que estiver a nosso alcance. Nenhum de nós toca instrumentos de sopro, por exemplo. Por isso temos que chamar músicos locais para tocar. Nós dizemos o que queremos e eles tocam. Alex já fez parte de uma banda de ska, então ele sabe o que soa bem em instrumentos de sopro. Tem soado muito bom.

Dyna: Vocês tinham planos de lançar singles de músicas não incluídas nos álbuns, como "Can't Stop Feeling" e "Turn it on". Por que ainda não fizeram isso?

Paul: Nós pensamos em fazer isso durante algum tempo. "Can't Stop Feeling" será lançada como single em algum momento. Nós a gravamos por duas vezes, mas nunca ficamos felizes com ela.

Fotos: Cristina Ludwig

É uma ótima música, um discopop bem direto. Ela precisa sair de algum jeito. Provavelmente isso aconteça entre o álbum atual e o próximo. Talvez nós tenhamos que gravá-la novamente.

Dyna: Há mesmo mensagens subliminares em "Michael"?

Paul: Sim, é verdade. Tem que ouvir ao contrário para entender. É só gravar no computador e colocar para rodar do contrário. Em "Outsiders" há um outro tipo de mensagem. Na versão vinil do disco tem uma coisa arranhada lá no final. Quando os discos são prensados você pode pedir para arranharem o que você quiser no final. Se você vir o vinil contra a luz você consegue ler. Muitos álbuns antigos têm isso. Quando eu era mais jovem era um hobby comprar discos e olhá-los contra a luz. Nós gostamos de deixar essas mensagens, é divertido. Nos anos 70 as bandas costumavam deixar frases satânicas ou coisas do tipo "Cometa suicídio". E nós fazemos o oposto. Nós deixamos mensagens felizes e positivas.

Dyna: Vocês têm levado o documentarista Don Letts em turnê. Estão gravando algo com ele?

Paul: Ele está nos filmando. Ainda não sabemos exatamente para quê essas imagens serão usadas. Ele é muito respeitado como cineasta, como DJ e também como pessoa. A oferta surgiu e nós aceitamos. Talvez isso vire um documentário. Vamos ver o que acontece.

Dyna: O DVD "Live" será lançado por aqui em abril. O que você pode adiantar sobre ele?

Paul: Ainda não saiu no Brasil? Achei que já tivesse

sido lançado. É um DVD ao vivo compilado por mim e Bob. Nós o gravamos na turnê do primeiro disco, em diversos shows e festivais nos quais tocamos ao redor do mundo. Nós juntamos todas essas filmagens e escolhemos as de shows que mais gostamos e nos quais o público estava bem legal. Tem também filmagens de dois shows inteiros, um em São Francisco e um em Londres. Nós extras tem um filminho que nós fizemos e um karaokê.

Dyna: Como foi ter tocado com o U2 em São Paulo?

Paul: Foi excelente. Nós pudemos finalmente vir à América do Sul e tivemos a chance de tocar com a maior banda do mundo. É um desafio positivo tocar para um público que não é seu. Você tem que dar tudo de si e tentar cativá-lo de alguma forma. Mas muita gente ali estava gostando e conhecia a gente.

Dyna: Soube que você fizeram uma grande festa no hotel quando tocaram em Cingapura. Como foi isso?

Paul: Nós estávamos de tarde no lobby desse hotel. Alex adora conhecer as comidas típicas dos lugares para onde vamos. Ele é fascinado por culinária, até tem uma coluna numa revista a respeito disso. E ele estava comendo macarrão ou algo do tipo. Um cara chegou e foi muito grosso com ele. Disse que ele não podia comer no lobby. Ele era o gerente do hotel. Nós não estamos acostumados com alguém falando de forma tão rude. Acho que ninguém está. Por isso, no show, convidamos todo o público para levar comida e comer no lobby do hotel. Fizemos essa festa e 300 pessoas apareceram.

SHOW INESQUECÍVEL NO RIO

23/02/2006 – Circo Voador – Rio de Janeiro

Por: Bruno Palma Fernandes

O Franz Ferdinand subiu ao palco do Circo Voador completamente tomado, disparando "This Boy". Apesar do calor, o público não desanimou em nenhum momento do show, mesmo quando a banda tocou músicas menos conhecidas. Ainda que o baixista Bob Hardy seja paradão e não tenha o sorriso mais contagiante do universo, o guitarrista Nick McCarthy e o baterista Paul Thomson compensam por ele. O vocalista e guitarrista Alex Kapranos, então, é um caso a parte. Ele hipnotiza, tem o público o tempo todo a seu comando.

Quando a banda tocou sucessos como "Take Me Out" e "Do You Want To" o público ficou completamente alucinado. O FF toucou também "Auf Achse", "40'", "Darts of Pleasure", "Evil and a Heathen", "I'm Your Villain" (durante a qual houve uma falha quase imperceptível no som), "Eleanor Put Your Boots On", "The Dark of the Matinée" e "Michael". "The Fallen" foi usada por Alex para apresentar toda a banda, incluindo o músico de apoio, que toca teclado e tocou bateria em "Walk Away" (o batera Paul Thomson serviu como um terceiro guitarrista durante essa música).

Fernanda Pereira

No bis, Alex voltou sozinho ao palco. Pegou sua guitarra, deslizou a palheta sob as cordas num acorde familiar e começou a cantar "Jacqueline was seventeen working on a desk..." para delírio geral. Quando o resto da banda subiu ao palco foi uma catarse coletiva. E depois ainda veio "Outsiders". Paul ficou tocando sozinho no palco o final da música, que foi encerrada a seis mãos, com o músico de apoio e o roadie. A música acabou de repente, deixando o público de queixo caído e sem qualquer reação.

Ainda sozinho no palco, Paul começou a tocar "This Fire". A banda toda voltou, sob uma iluminação bem vermelha, dando o clima ideal à música que encerrou a apresentação.

PRÊMIO DYNAMITE DE MÚSICA INDEPENDENTE

Esaíram os indicados do Prêmio Dynamite de Música Independente – Melhores de 2005. Com 21 categorias e quase 400 indicados de todos os Estados, é o maior mapeamento de que se tem notícia sobre a produção musical independente brasileira.

O QUE É O PRÊMIO?

Em 2002, a revista Dynamite completou 10 anos, tornando-se o principal e mais longevo veículo de música alternativa do país. Foi decidido, então, que a revista organizaria um evento que há muito o mercado musical do nosso país necessitava: o Prêmio Dynamite de Música Independente. O sucesso foi imediato e gerou edições anuais com receptividade crescente, sendo que a quarta, em 2005, contou com o patrocínio da empresa de telefonia Claro, e se chamou Prêmio Claro de Música Independente.

Anualmente, mais de 200 jornalistas e produtores por todo o país são consultados, mapeando e arregimentando indicações. A votação aberta ao público, já começou e vai até o dia 15 de junho de 2006, e é feita exclusivamente pela internet, em um site (http://www.dynamite.com.br/premio) com tecnologia de segurança de home-banking. No site, além da cédula e regulamentos, o internauta pode conhecer o perfil de cada um dos indicados, bem como ver como foram as premiações dos anos anteriores. Na edição do ano passado (referentes aos melhores de 2004) foram obtidos mais de 150 mil votos em mais de 35 mil e-mails cadastrados.

As festas de premiação movimentaram a cena independente de todo o Brasil, sendo realizadas com apoio público. Em 2002, a entrega dos prêmios aconteceu no Hall Monumental da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Em 2003, foi no Centro Cultural São Paulo e, em 2004, no Sesc Pompéia. No ano passado a festa rolou no Teatro Sérgio Cardoso. O evento reuniu personalidades do calibre de João Gordo, Fábio Massari, Gastão Moreira, Otto, Kid Vinil, Luis Thunderbird, Pitty, Supla, Zé do Caixão, Lobão, Paulo Ricardo, além de membros das principais bandas de pop/rock do país.

Conheça agora os indicados aos melhores de 2005:

A roqueira Pitty tocando na edição 2005 da premiação

MELHOR ÁLBUM DE ROCK

Acusticos e Valvulados – Esse Som me Faz tão Bem (Antidoto/RS)
Automata - Individuo-ação (Ataiho/BA)
Baranga – Whiskey do Diabo (Unimar/SP)
Bastardz - No ass no pass (ind./SP)
Borderlinerz – O samples é complexo (Supernova/SP)
Cachorro Grande - Pista Livre (Deckdisc/RS)
Carro Bomba – Segundo Atentado (Bomba Records/SP)
Ecos Falsos - A última palavra em fashion (ind./SP)
Forgotten Boys – Stand by the D.A.N.C.E (ST2/SP)
Galaxy – Galaxy (Astronauta/SP)
Marcelo Nova – O Galope do tempo (Ouver/BA)
Matanza – To Hell With Johnny Cash (Deckdisk/RJ)
Pitty – Anacrônico (DeckDisc/BA)
Raimundos - .Qq cOrzAr (Ind./DF)
Ramirez – Ramirez (Performance Be/RJ)
Rock Rocket – Por Um Rock And Roll Mais Alcoólatra e Inconseqüente (13 Records/SP)
Sapatos Bicolores - Clube quente dos sapatos Bicolores (Monstro/DF)
Walverdes – Playback (Mondo 77/GO)
Zumbi do Mato – Adorei a Mesinha (Ind./RJ)

MELHOR ÁLBUM DE INDIE ROCK

Ártico Blue – Aqui na Terra (Musiclandrecords/PB)
Banzé – De Pernas pro Ar (Mondo 77/SP)
Continental Combo – Continental Combo (Monstro Discos/SP)
Fluid - Do Not Disturb (Studio Recording/SP)
Jess Saes – Jess Saes (Midsummer Madness/RJ)
Laura's Problem - About bleeding (ind./PR)
Ludovic – Servil (Ind./SP)
Os Skywalkers – Zenmakumba (Baratos Afins/SP)
Réu e Condenado - Um Compêndio lírico de escárnio e dor (L & C Editora/GO)
Starfish 100 - Defaced (Volume One/SP)
The Violentures - Garage boosters (Mondo 77/SP)
Velocet – Velocet – (Slag Records/MG)
Violins - Grandes Infiéis (Mondo 77/GO)
Volver - Canções perdidas num canto qualquer (Senhor F/PE)
Wry – Flames in the Head (Monstro/SP)

MELHOR ÁLBUM POP

Bluebell - Slow Motion Ballet (Seper Reds/SP)
Cadão Volpato - Tudo que eu quero dizer tem que ser no ouvido (Outros Discos/SP)
Cansei de Ser Sexy – CSS (Trama Virtual/SP)
Catedral - A resposta de um desejo (Line Records/RJ)
Cidadão Instigado – E o método fúfo de expenências (Slag/CE)
Fantastic 5 – Intergalatic Headquarters (ind./SP)
Jimi Joe - Saudade do futuro (ind./RS)
Lobão - Canções dentro da noite escura (L & C Editora/RJ)
Ludov – O Exercício das Pequenas Coisas (Deckdisc/SP)
Mim – Eu mim meu (Lua Music/RJ)
Mundo Livre S/A - Bebado Groove Vol. 1 (OIA Records/PE)
Nação Zumbi – Futura (Trama/PE)
Nenhum de Nós – Pequeno Universo (Orbeat/RS)
Os The Darma Lovers – Laranjas do Céu (Ind./RJ)
Plato Divorak - Calendário da imaginação (Baratos Afins/RS)
Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta - Ronei Jorge e os ladrões de bicicleta (Ind./BA)
Seychelles - Ninfas do Asfalto – (Recohead/SP)
Som da Rua - Musicas para violão e guitarra (Deck Disc/RJ)
Stela Campos – Hotel Continental (Outros Discos/SP)
Terminal Guadalupe - Você vai perder o chão (ind./PR)

MELHOR ÁLBUM DE HEAVY METAL

Andralls – Inner Trauma (ind./SP)
Claustrofobia - Fulminant (Voice Music/SP)
Dead Nature - Pure Impressions (Overload Records/RJ)
Dragonheart - Vengeance In Black (Hellion Records/PR)
Espada Negra - Kingdom Of Fear (Independente / MG)
Henceforth - Henceforth (Voice Music/SP)
Karma - Leave Now! (Dynamo Brazilie/SP)
Lothlöryen - Of Bards And Madman (Force Majeure Records/SP)
Massacration - Gates Of Metal Fried. . (DeckDisc/SP)
Mindflow - Just The Two of US Me and Them (Heaven Cross Records/SP)
Mythological Cold Towers - The Vanished Pantheon (Somber/SP)
Rygel - A Long Way to. .(Ind./SP)
Scars - The Nether Hell (ind./SP)
Shaaman – Reason (DeckDisc/SP)
Silent Cry - Darklife (Hellion Records/MG)
Subtera - Apocalypsed (Voice Music/PR)
Tribuzy - Execution (Hellion/RJ)
Tuatha De Danann - Trova Di Danú (Louder Music/MG)

MELHOR ÁLBUM PUNK / HARDCORE

Arquivo - Trechos de uma autobiografia em 3ª pessoa (DoSol/RN)
Ataque Periférico - Esperto Que É Esperto Morre De Velha (Suvaco/SP)
Dance Of Days – Lírios aos Anjos (ind./SP)
DFC - O Mal Que Vem Pra Pior (53 Hardcore Company/DF)
Dr. Bacalhau - Procurando A Direção (Mindox/SP)
DZK- Imperialistas! (Universo Diverso/SP)
Encuende - Mãos Adestradas Para Guerra (Chain/RJ)
Envydust - Quando Estar Vivo Não Basta (Travolta Discos/SP)
Frenetic Trio – Frenetic Trio (Funeral/PR)
Gin Tonics - Cocktails A Go Go (Thirteen/SP)
Lambrusko Kids - Jogos e Trapaças (Ataque Frontal/SP)
Merda - Carlos (Läjä/ES)
Overlife Inc - .Ab Initio (Nitroala/SP)
Periferia S.A. – Periferia S/A (ind./SP)
Reatores - Mais Um Dia, Mais Uma Guerra (Ataque Frontal/SP)
T.S.F - Reciclando Terror (Ind./RS)
Upset Kids - Caixa de Recordações (F Records/SP)
Zumbis Do Espaço – Aqui começa o inferno (Thirteen Records/SP)

MELHOR ÁLBUM DE MPB

Alceu Valença- De Janeiro a Janeiro (Lazuli Editora/PE)
Aldir Blanc - Vida Noturna (Lua Music/RJ)
Alzira Espindola e Alice Ruiz – Paralelas (Duncan Discos/MS e PR)
André Mehmari e Ná Ozzetti - Piano e Voz (MCD/SP)
Bruno Morais - Volume Zero (Ind./SP)
Céu – Ceu (Ambulante/SP)
Dinho Nascimento - Ser-hum-mano (Genteboa Produções/BA)
Gal Costa - Hoje (Trama/BA)
João Supicy – Caseiro (ind./SP)
Mana Bethânia - Que Falta Você Me Faz (Biscoito Fino/BA)
Max de Castro – Max de Castro (Trama/SP)
Moisés Santana - Terra em Trânsito (Lua Music/BA)
Mônica Feijó – Sambasala (ind./PE)
Péri – Samba Passarinho (Baticum Discos/BA)
Seu Jorge - Cru (ST2/RJ)
Teresa Cristina e Grupo Semente – O Mundo é Meu Lugar (Deckdisk/RJ)
Thedy Corrêa - Loopcinio (Orbeat Music/RS)
Tom Zé - Estudando o Pagode: na Opereta Segregamulher e Amor (Trama/BA)

MELHOR ÁLBUM DE MÚSICA INSTRUMENTAL

Estrume n'tal - Neander'n'tal (Golly Gee Records /MG)
Eu serei a hiena - Eu serei a hiena (Travolta/SP)
Jorge Pescara – Groove is in the temple (Voiceprint/RJ)
Jurandir Santana - Só Brasil (ind./BA)
Kiko Loureiro - No Gravity (Hellion/SP)
Lanny Gordin - Projeto Alpha 1 e 2 (Baratos Afins/SP)
Luiz Brasil – Brasilêru (ind./BA)
M. Takara - M. Takara com Chankas e Jon (Slag/SP)
Marcus Nabuco - Pianos (ind./RJ)
Maremotos (ind./PR)
Paula Faor – Cool bossa struttin' (ind./RJ)
Quartchêto - Quartchêto (RS/ind.)
Raul de Souza & Claire Michael – Elixir (ind./RJ)
Samba Jazz Trio – Agora sim (Guanabara Records/SP)
Spok Frevo Orquestra – Passo de Anjo (Voice Music/PE)
The Dead Rocks – International Brazilian Surfs (Monstro Discos/SP)

MELHOR ÁLBUM DE RAP / HIP HOP / BLACK MUSIC

Calibre 23 - Enquanto Houver Fé (Discovery G1/RJ)
Dj Hum - Humbatuque Clube (Trama/SP)
Doctor Billy - Saqueando O Inferno - Hp Produções
M.I N.A - Pane No Sistema (ind./SP)
Mzun Sana - Ep (Trama/SP)
Núcleo - Fatos e notas (ind. /SP)
Parteum - Raciocínio Quebrado (Trama/SP)
Pavilhão 9 - Público Alvo (Unimar/SP)
Quinto Andar - Piratão (L&C editora/RJ)
Radiola Santa Rosa - Disquena (Manne Music/SP)
Rappin Hood - Sujeito Homem 2 (Trama/SP)
Sexto Sello - Tipo Um Montão De Loucos (ind./SP)
Silvera - Silvera (Trama/SP)
Slim Rimografia - Financeiramente Pobre (Mocado Records/SP)
Verbo Pesado - Sem Prostituição De Idéias (ind.SP)
Viela 17 - O Alheio Chora Seu Dono (Porte Ilegal/DF)

MELHOR ÁLBUM DE MÚSICA ELETRÔNICA

Bojo - Procedimento (Outros Discos/SP)
Bruno E – Alma Sessions / Super Jazz-Nova vida vol2 (Trama/SP)
CH2K - Light...camera ..sound... (Segundo Mundo/SP)
Chambaril - Chambaril (Bazooka Discos/PE)
Deejay Jozé Pedro – Quero Dizer A Que Vim (Ind./SP)
DJ Dolores - Aparelhagem (Trama/PE)
Four Tet – Everything Ecstatic (Slag/SP)
George Actv - Sunday Away # 1 mixed by George Actv (URBR/SP)
Input_Output - Eu contenho todos os meus anos dentro de mim (Open Field/Peligro/RS)
Instituto Vs DJ Dolores - Narradores de Javé Remix (YB Music/PE e SP)
Johann Heyss – Psychosamba (Astronauta/RJ)
Julio Torres – Deeper Love (Deeper Love/Aqualic/SP)
No Porn - No Porn (Segundo Mundo/SP)
Pet Duo - Palazzo Volume Five (T. Classix/SP)
Que fim Levou Robin!? - No país de Laura Rottman (Paradoxx/SP)
Sonic Jr. – Pra Fazer O Mundo Girar (Mundo Perfeito/A..)
Tara Code – Azul e Roxo (ind./BA)
X-Action - Into the night (Techno Vision/SP)

Edu Falaschi e Rafael Bittencourt recebem prêmio

Clemente, do Inocentes, apresentando indicados

MELHOR ÁLBUM DE REGGAE/SKA

Echo Sound System - Tempo Vai Dizer (ST2/SP)
Edu Ribeiro & Catveiro - Roots Reggae Classics Vol 1 e Outras Canções (ind./SP.)
Firebug - On the move (Deck Disc/SP)
Jimmy Luv - Reggae Seu Coração (K-Rootz/SP)
Kilaman & Roots Controllers - Comunidade (Kaskata's/SP)
Leões de Israel - Palavra Viva (Johnny Bgood/SP)
Liberte-se - ForçAttitude (Johnny B Good/SP)
Maskavo - O Som Que Vem Da Luz Do Sol (Unimar/DF)
Mato Seco - Reggae Raiz (Kaskata's/SP)
Namastê - Simplesmente Assim (Mnf Brazil/PR)
Natiruts - Nossa Missão (Unimar Music/DF)
Noção Rasta - Som Roots, a verdadeira meditação (Kaskata's/RJ)
Sine Calmon & Morrão Fumegante - Guerreiro Mor (Ind./BA)
Tribo de Jah - In Version (Indie Records/MA)
Trilhas e Raizes - Bem Aventurados (Kaskata's/SP)
Usina Reggae - Da Beira Da Cidade (Johnny B. Good/SP)

DESTAQUE REGIONAL

Acun (RJ)
Carlinhos Brown – Candombless (Candyall Music/BA)
Ceguinhas de Campina Grande - A Pessoa é para o que nasce (Tratore/PB)
Charme Chulo - Você sabe muito bem onde eu estou (ind./PR)
Everton dos Andes - Música Negra (ind./TO)
Karranka - Pão Music (ind./PI)
La Pupuña - (ind./PA.)
Lacertae - A volta que o mundo deu (Amplitude/SE)
Los Porongas - Enquanto uns dormem (ind./AC)
Luiz Marenco - Querência, tempo e ausência (Orbeat/RS)
Macaco Bong (Cubo/MT)
Madame Saatan (ind./PA)
Maracujazz - Mz2 (Tratore/DF)
Móveis Coloniais de Acaju - Idem (ind./DF)
Napalma - Napalma (Lona/ES)
Os Berbigão - Os Berbigão - (ind./SC.)
Projeto Canto Indígena (RR)
Silvério Pessoa - Cabeça elétrica coração acústico (ind./PE)
The Bad Folks (PR)
Totonho E Os Cabra - Sabotador de satélite (Trama/PB)

REVELAÇÃO

Cabaret (RJ)
Chernobillies (PR)
Digitana (MG)
Érika Martins & Telecats (RJ)
Fuzzly (MT)
Imperdíveis (SP)
Lou (BA)
Mezatrio (AM)
Montage (CE)
Multiplex (SP)
Natural (ES)
Obando (RJ)
Sedna (RO)
Star 61 (PB)
Stereovitrola (AP)
Superquadra (DF)
Tony da Gatorra (RS)
Turbo Trio (RJ)
Vanguart (MT)
Zefirina Bomba (PB)

MELHOR ÁLBUM INTERNACIONAL

Afrika Bambaataa - Dark Matter Moving At The Speed Of Light (St2/USA)
Agnostic Front - Another Voice (Nuclear Blast/EUA)
Arcade Fire – Funeral (Slag/Canadá)
Black Label Society – Máfia (Big Rock Music/USA)
British Sea Power – Open Season (Trama/Inglaterra)
Bruce Dickinson – Tyrany Of Souls (Century Media/Inglaterra)
Franz Ferdinand - You Could Have It So Much Better (Trama/Escócia)
Gamma Ray – Majestic (Century Media/Alemanha)
M.I.A. – Arular (Sum/UK)
Millencolin - Kingwood (Highlight/Suécia)
Mxpx - Panic (Deckdisc/USA)
Nada Surf - The Weight Is A Gift (Inker/Squat/USA)
Soulfly - Dark Ages (Sum/USA)
Stereophonics - Language. Sex. Violence.Other? (Sum/UK)
The Mendoza Line - Fortune (Sum/USA)
The Tormentos - Grab Your Board! (Monstro Discos / Argentina)
Vive La Fete - Grand Prix (St2/ Bélgica)
White Stripes – Get behind me Satan (Sum/USA)

MELHOR SELO / GRAVADORA

Astronauta (RJ)
Biscoito Fino (RJ)
Cogumelo (MG)
Deckdisc (RJ)
Helion Records (SP)
Kaskata's (ABC/SP)
L & C Editora (RJ)
Läjä (ES)
Lua Music (SP)
Midsummer Madness (RJ)
Mondo 77 (Campinas/SP)
Monstro Discos (GO)
Orbeat Music (RS)
Outros Discos (SP)
Slag (SP)
ST2 (SP)
Trama (SP)
YB Music (SP)

MELHOR VEÍCULO ONLINE

Bacana (www.bacana.mus.br)
Bahia Rock (www.bahiarock.com.br)
Bocada Forte (www.bocadaforte.com.br)
Canja (IG) (http://megaplayer.ig.com.br)
FiberOnLine (www.fiberonline.com.br)
Garagem (TV Uol) (www.tvuol.com.br)
Mundo Rock (www.mundorock.com.br)
Na Orelha (www.naorelha.com.br)
Popload (www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ribeiro.shtml)
Portal Cultura (http://www.portalcultura.com.br/terrua)
Real Hip Hop (www.realhiphop.com.br)
Recife Rock (www.reciferock.com.br)
Senhor F (www.senhorf.com.br)
Show Livre (www.showlivre.com.br)
Território da Música (www.territoriodamusica.com.br)
Trama Virtual (www.tramavirtual.com.br)
Urbe (www.gardenal.org/urbe)
Whiplash (www.whiplash.net)
Zinguidum (http://www2.uol.com.br/zinguidum)
Zona Punk (www.zonapunk.com.br)

MELHOR VEÍCULO IMPRESSO

Beatz (SP)
Bizz (SP)
Comando Rock (SP)
Coquetel Molotov (PE)
DJ Sound (SP)
Laboratório Pop (RJ)
Mosh (RJ)

Edgard Scandurra

Revista MTV (SP)
Revista Outracoisa (RJ)
Rio Fanzine - O Globo (RJ)
Roadie Crew (SP)
Rock Brigade (SP)
Rock Press (RJ)
Tarja Preta (RJ)
Valhalla (SP)

MELHOR PROGRAMA DE TV OU EMISSORA
Alto falante (MG / TV Cultura/Rede Minas)
Atitude.com (RJ / TVE)
Bandas Antes (SP / MTV)
Canal SP (SP / TVA)
Em Movimento (ES / TV Gazeta)
Enfoque (PR / TV Paraná Educativa)
Jornal da MTV (MTV)
Liqüidificador (Rede União/CE)
Na Pilha (SC / TVCOM)
Patrola (RBS/SC e RS)
Plug (RPC/PR)
Pop Mix (TV Millennium, Canal 16,TVA/RJ e SP)
Sopa Diária (TV Universitária/PE)
Stay Heavy (Rede NGT de Televisão)
TV Rock (SP / www.tvrock.com/Net/TVA)

MELHOR PROGRAMA DE RÁDIO OU EMISSORA
96 Rock (PR / Curitiba 96,3 FM)
A Vez do Brasil (SP / 89 FM - RJ / Cidade FM)
Backstage (Brasil 2000 FM)
Br 102 (Kiss FM/SP)
Cult 22 (DF / Cultura FM 100,9)
DDO (Brasil 2000)
Espírito da Música / Demolândia (GO / Rádio Universitária)
Gasômetro (SC-RS / Rede Atlântida FM)
Ipanema FM (RS)
Lúmen FM (Curitiba)
Programa Kid Vinil (Brasil 2000/SP)
Rádio Favela FM (MG)
Rádio Viva Rio (RJ / AM 1180)
Ronca Ronca (OI FM/RJ)
Senhor F 100.9 (Rádio Cultura/DF)

MELHOR CASA DE SHOWS ALTERNATIVOS
92 Graus (Curitiba/PR)
A Obra (Belo Horizonte/MG)
Blackmore Rock Bar (São Paulo/SP)
Casarão Santa Luzia (Salvador/BA)
Centro Cultural São Paulo (São Paulo/SP)
Circo Voador (Rio de Janeiro / RJ)
Do Sol Rock Bar (Natal/RN)
Dokas (Recife/PE)
Drakkar (Florianópolis/SC)
Entre Amigos 2 (Vitória / ES)
Funhouse (São Paulo/SP)
Garagem Hermética (Porto Alegre / RS)
Gate's Pub (Brasília / DF)
Hangar 110 (São Paulo/SP)
Manifesto (São Paulo / SP)
Ocidente (Porto Alegre / RS)
Outs (São Paulo / SP)
Teatro Odisséia (Rio de Janeiro / RJ)

MELHOR EVENTO
Abril Pro Rock (Recife/PE)
Ampli volume 1 – Sesc Pompéia (São Paulo/SP)
Brasil Metal Union (São Paulo/SP)
Calango (Cuiabá/MT)
Campari Rock (São Paulo/SP)
Claro Que é Rock
Curitiba Rock Festival (Curitiba/PR)
Demo Sul (Londrina/PR)
Goiânia Noise Festival (Goiânia/GO)
Humaitá Pra Peixe (Rio de Janeiro/RJ)
Live 'n Louder (São Paulo/SP)
Mada (Natal/RN)
Memorial Plural – Memorial da América Latina (São Paulo/SP)
Nokia Trends (RJ/SP)
Porão do Rock (Brasília/DF)
Projeto Disco de Ouro – Sesc Pompéia (São Paulo/SP)
Rec Beat (Recife/PE)
Skol Beats (São Paulo/SP)
Tim Festival (RJ/SP/BH/RS)
Trama Universitário

PERSONALIDADE
Alexandre Mathias (Trabalho Sujo/Trama Universitário/SP)
André Barcinski (SP / Garagem / Circuito / Campari/SP)
Cláudia Assef (Beatz/SP)
Enéas Neto (Fiberonline/SP)
Fabiana Batistela (Inker/SP)
Fabrício Nobre (Monstro Discos/GO)
Fernando Rosa (Site Senhor F/DF)
Flávia Durante (Assessorieindie/Popscene-Santos/SP)
Gisele Santos (Mundo Rock/SP)
Guilherme Barrela (Perigo/SP)
JR (92 Graus/PR)
Kid Vinil (Brasil 2000 FM/SP)
Lobão (Revista Outracoisa/RJ)
Pablo Capilé (Cubo Planejamento/MT)
Paulo André (Abril Pro Rock/Porto Musical/PE)
Rafael Ramos (Deck Disc/RJ)
Rodrigão (Grande Garagem Que Grava/PR)
Rodrigo Lanú (Midsummer Madness/RJ)
Silvio Pellacani Jr. (Tratore/SP)
Tetine (SP e UK)

Xis, Lobão e Patife celebram a música independente

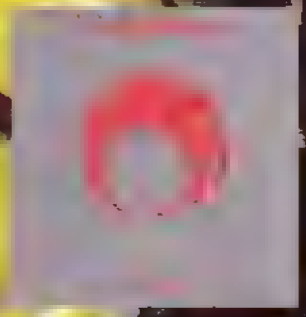
THE PRODIGY

THE PRODIGY photographed by CHRIS DAVISON

ASSINE A DYNAMITE E GANHE CD's DO X-ACTION

A melhor dupla de música eletrônica do Brasil!

X-ACTION



[illegible]

DYNAMITE

THORNS 8 Gothic Rave

O MAIOR EVENTO GÓTICO E ALTERNATIVO DO PAÍS!

SÁBADO, 13 DE MAIO DE 2006, ÀS 21 hs

PREÇO: R$ 30,00 (ANTECIPADO) | R$ 37,00 (NA PORTA)

EXCURSÕES E CARTEIRINHA "CLUBE DO ROCK" TEM DESCONTO!

VINHO GRÁTIS ATÉ AS 3 h!

AS MERCENÁRIAS

CLAN OF XYMOX

Fuerza de Gravedad

4 PISTAS DE SOM, DISCOTECAGEM DIVERSOS DJ'S, TELÃO E VÍDEOS, ENCONTRO DE RPG, LIVES, PERFORMANCES, DUELOS DE ESGRIMA, PIROFAGIA, MALABARISMO, GRUPOS DE DANÇA, EXPOSIÇÕES, MÓDA GÓTICA, TATUAGEM & BODY PIERCING, DIVERSOS AMBIENTES, PISCINAS, ÁREA VERDE, ETC

LOCAL: "ILHA DE MONTE CARLO" (CLUBE DOS BANCÁRIOS)
ESTÂNCIA ECOLÓGICA E TURÍSTICA DO RIACHO GRANDE - AV. RIO XINGÚ, 501 - RIACHO GRANDE-SBC

OUTRAS BANDAS:

Trinity · Pecadores · HISTAMURA 80 · Enjoy · Das Projekt der KRUMEN MAUERN · LAUDANY

SEGURANÇA, TOTAL INFRA-ESTRUTURA, BARES, LANCHONETE, POSTO MÉDICO, CHAPELARIA, ESTACIONAMENTO COM MAIS DE 2.000 VAGAS!

MAIS DE 50 ÔNIBUS DE SÃO PAULO, OSASCO, GUARULHOS E ABC

INFORMAÇÕES (11)4343-7991/(11)9151-5409

VISITE O SITE: WWW.THORNS.COM.BR

CLUBE DO ROCK · KROCODILLE · Acla MUSIC

ANOS 80 - GOTHIC ROCK - DOOM - [illegible]

INDUSTRIAL - EBM - DARK WAVE - SYNTH POP - ALTERNATIVO ...

FRESNO

Real sucesso virtual

Por Dum De Lucca

O Fresno aprendeu a lição direitinho: a internet é o melhor caminho para divulgar sem gastar

A internet provou ser uma ferramenta poderosa para bandas iniciantes e independentes na divulgação e venda de CDs e vídeos. Os números alcançados pela Fresno, de Porto Alegre, chamam a atenção. O guitarrista Lucas Silveira conta que o single "Quebre as Correntes" foi lançando através do site TramaVirtual e atingiu a expressiva marca de 70 mil downloads. Somado a outros sites, o total de vezes em que as músicas do Fresno foram baixadas é de mais de 200 mil, com destaque as músicas "Duas Lágrimas" e "Onde Está", ambas com mais de 20 mil downloads.

De acordo com o guitarrista, participar de um universo à parte do mercado fonográfico tradicional é um desafio. Um dado bacana na Fresno é que, mesmo sendo independente, a banda conquistou notoriedade e uma legião de fãs. Ou seja, compete com inúmeros artistas de "renome" que pertencem a casts de grandes gravadoras. "O grupo superou as barreiras do underground e hoje tem um público muito heterogêneo, conquistado através da internet, em sua maioria", diz Lucas.

A Fresno teve a agenda de shows lotada em 2005, com média de 8 a 10 por mês, passando por 17 Estados. A banda aposta no MP3 como arma poderosa de divulgação e como a única forma de chegar aos ouvidos dos fãs sem ter o CD nas prateleiras das grandes lojas. O número de vendas também é expressivo: foram 3 mil cópias do primeiro e 4 mil do segundo CD. "A grande maioria foi vendida nos shows ou através de distribuidores pequenos. Fazemos tudo. Desde responder aos e-mails até vender. Não conseguimos dar conta da demanda, mas o grande barato é que essa relação aconteça da forma mais direta possível", explica.

Lucas declara porque optaram pela internet para impulsionar a carreira do grupo: "essa foi a única saída disponível para divulgação do nosso trabalho. Nem tínhamos disco, ou sequer uma demo decente, e já havia um pessoal no país inteiro que conhecia as demos acústicas que eu gravava em casa sozinho". Segundo ele, todas as conquistas foram obtidas através da rede e 90% do público conheceu o grupo dessa forma. O músico ressalta a surpresa que tiveram nos primeiros contatos com os fãs. "ficamos muito felizes quando pessoas que não conheciam a banda nos cumprimentavam depois de um show, ou quando recebíamos e-mails de gente que ouvia nossas músicas via MP3. Frases como 'venham tocar em aqui em São Paulo' nos deixavam surpresos".

Quanto a um possível interesse de grandes gravadoras em contrata-los, Lucas afirma que a proposta é continuar trabalhando dessa forma. "No momento a independência nos dá tudo que precisamos. Fazemos show todo final de semana e há algum tempo rompemos a barreira invisível que separa o Rio Grande do Sul do resto do Brasil. O crescimento do público é impressionante, por isso temos a sensibilidade de que ainda não alcançamos o teto do independente". Ele deixa claro que assinar com uma major agora não os beneficiaria em nada. "A gravadora teria um produto que já tem público em todo o país, o que seria uma bela economia no marketing, restando para nós apenas uma fatia do bolo", afirma.

Um detalhe que preocupa a Fresno é não estragar a relação com o público, que é de muita proximidade. "As pessoas sabem de onde viemos, a nossa história, e que tudo que conseguimos foi às custas de muito trabalho ao longo de seis anos. A superexposição causada por uma contratação dessas pode colocar tudo em risco, bastando que o marketing seja feito da forma errada, que seja passada uma imagem equivocada", conclui Lucas.

A banda entrou em estúdio em janeiro e o lançamento está previsto para meados de abril. Será o terceiro disco realizado e divulgado de forma independente. A Fresno foi convidada para tocar no "Planeta Atlântida", o maior festival de música do sul do país. Outro número interessante está na comunidade Fresno no Orkut, com 50 mil pessoas – o que, certamente, deu um gás na votação para que o grupo fosse escolhido para o evento. Afinal de contas, quem não tem cão...

MILLENCOLIN

Auto-análise

Por Bruno Palma Fernandes

fotos: divulgação

A banda voltou ao Brasil depois de 10 anos

Os fãs brasileiros do Millencolin ganharam bons motivos para sorrir nos últimos tempos. A gravadora paulistana Highlight Sounds lançou edições nacionais da discografia completa da banda. O último a sair por aqui foi "Same Old Tunes", disco de estréia do quarteto sueco lançado originalmente em 1994. A Highlight também trouxe ao Brasil o DVD "Hi-8 Adventures", que saiu em VHS em 1999. Esse DVD traz filmagens feitas em shows, diversos videoclipes e entrevistas, entre outras coisas. Tem até imagens registradas durante a primeira vinda da banda ao Brasil, em 1998.

Falando nisso, já estava mais do que na hora de o Millencolin tocar por aqui novamente. Vontade por parte da banda e de seu fiel público não faltou. Em março de 2006, quase 10 anos após sua primeira passagem pelo Brasil, o Millencolin voltou para alguns shows.

Você não conhece o Millencolin? Eis um resumo bem ligeiro: a banda, formada por Nikola Sarcevic (baixo e vocal), Erik Ohlsson e Mathias Färm (guitarras) e Fredrik Larzon, surgiu em Örebro, na Suécia, no começo da década passada, em meio à explosão poppy punk e hardcore. A banda foi uma das primeiras contratações da gravadora Burning Heart, que a tornou conhecida na Suécia e em outros países europeus. Mais tarde, o Millencolin assinou com a americana Epitaph, gravadora de Brett Gurewitz (guitarrista do Bad Religion). A Epitaph abriu as portas do Millencolin para o mundo. Em 1998, a banda, cansada das longas turnês, resolveu parar por um tempo. Nesse período aproveitaram para lançar uma coletânea de lados B's e randades, além de um VHS. Voltaram com um novo disco em 2000 e continuam em plena atividade até hoje.

Antes de a banda embarcar para o Brasil, o guitarrista Erik Ohlsson, concedeu uma entrevista à revista Dynamite, na qual falou sobre o passado, o presente e o futuro da banda. Confira:

Dynamite: "Same Old Tunes" antes se chamava "Tiny Tunes", mas vocês foram obrigados a mudar o título e a capa do disco devido a um processo que a Warner abriu contra a gravadora Burning Heart. O que você achou disso?
Erik Ohlsson: Foi tudo muito louco e estranho. Nós éramos uma banda pequena em 1994, quando saiu "Tiny Tunes". Depois de um ano, quando já estávamos mais populares, veio o processo. Acho que a Burning Heart teve de pagar uma certa quantia e nós tivemos de mudar a capa e o nome do álbum.

Dyna: E por que fizeram essa brincadeira com um título e uma arte de capa que remetia à Warner?
Erik: Eu faço as capas para o Millencolin. Na época de "Tiny Tunes" existia uma tendência entre as marcas de skate. Muitas delas brincavam com o logotipo de certas empresas e encaixavam seu próprio nome no logo. Foi uma tendência artística que eu adotei ao desenvolver essa capa. Com o processo, nós decidimos colocar a imagem que estava atrás na capa e mudar o título para "Same Old Tunes", já que eram as mesmas canções da versão original.

Dyna: O Vandals teve de mudar a capa de seu último disco porque foi processado pela revista "Variety". Você soube disso?
Erik: Não, eu não sabia disso. Isso é uma grande bobagem. Essas empresas poderiam encarar isso como uma homenagem. Nós acabamos fazendo mais propaganda para elas.

Dyna: O ska que aparece em "Same Old Tunes" foi aos poucos deixado de lado. Por quê?
Erik: Nós tocávamos esse ska porque era isso o que ouvíamos. Nós tínhamos uma das nossas maiores influências no Operation Ivy. Mas acho que nós nunca fizemos isso tão bem, por isso não fazemos mais. No começo de nossa carreira também copiamos bandas como Bad Religion e NOFX, mas com o tempo fomos criando a sonoridade própria do Millencolin

Dyna: Com o passar do tempo, o Millencolin passou a trabalhar mais com melodia e menos com velocidade. Qual o motivo disso?
Erik: As melodias são o que há de mais importante. É indispensável que uma música tenha uma boa melodia de vocal. Esse é o gancho da música. Você pode trabalhar com uma música de maior energia unindo uma batera rápida com um vocal lento, ou o contrário. Existem diferentes perspectivas. Mas nós nunca planejamos como um álbum nosso soará.

Dyna: Onde você acha que a banda mudou de "Same Old Tunes" para o disco mais recente, "Kingwood"?
Erik: Nós fizemos mais de mil shows em 11 anos de carreira. Adquirimos muito mais experiência. Tínhamos cerca de 18 anos quando o primeiro disco foi lançado. Tentávamos copiar o punk rock que era feito na Califórnia nessa época. Nós estamos mais maduros, mas ainda somos as-mesmas pessoas e ainda nos divertimos muito com o que fazemos.

Dyna: Vocês costumavam lançar singles e EPs. Ainda fazem isso?
Erik: Na Suécia é legal lançar esse tipo de material. É legal para colecionar e para ter músicas inéditas da banda que você gosta. Mas a internet mudou tudo. Acho que nosso atual single, "Shut You Out", será o último que lançaremos. É uma pena.

Dyna: Depois de três álbuns de estúdio saiu a compilação de raridades e lados Bs "Melancholy Collection". Depois dessa coletânea saíram mais três discos de estúdio. Pretendem lançar outra compilação do gênero?
Erik: Nós queremos, mas no momento temos apenas umas 11 ou 12 músicas para essa compilação. Precisamos de mais. Também temos umas quatro músicas, que são sobras do último disco. Mas elas não têm vocal e nem sequer uma letra escrita.

Dyna: E o vídeo "Hi-8 Adventures"? Vocês pensam em lançar um outro assim?
Erik: Estou com uma caixa cheia de fitas do meu lado agora mesmo. São cerca de 200 com uma hora de duração cada uma. Vou passar um mês dando uma olhada nesse material. Será um grande projeto. Eu demorei seis meses para editar o "Hi-8", mas eu estava aprendendo a editar enquanto editava. Então, devo demorar bem menos para fazer esse novo DVD
Dyna: O que virá nesse novo DVD?
Erik: O resto dos nossos videoclipes (lançamos mais uns seis ou sete depois que o "Hi-8" saiu). Temos muitas filmagens. Muitas delas são bobagens, gravações feitas em festas. Pode ser que esse vídeo tenha de ser censurado (risos)
Dyna: E o skate? Ainda é algo presente na vida de vocês?
Erik: Não tanto quanto antes por causa da falta de tempo. Mas abrimos o Millencolin Open Contest, que é um campeonato de skate. Ele é um dos maiores da Suécia atualmente.

Dyna: Como Brett Gurwitz (Epitaph, Bad Religion) influenciou para que vocês estejam onde estão agora?
Erik: Nós crescemos ouvindo Bad Religion. Seríamos diferentes se eles não existissem. Nossa relação com Brett é curiosa. Ele é um ídolo, que se tornou amigo e chefe.
Dyna: A volta da banda ao Brasil era aguardada há muito tempo. Vocês sabiam que tinham tantos fãs por aqui?
Erik: Nós sabemos. Estávamos loucos para voltar. Nós sempre cruzamos com brasileiros pela Europa e eles sempre nos dizem que temos muitos fãs no Brasil
Dyna: Por que demoraram quase dez anos para voltar?
Erik: Eu não sei. Nós tocamos aí em 1997 e demos um tempo logo depois. Não sei exatamente o que houve. Talvez ninguém tenha aparecido com uma proposta boa. Talvez tenham nos chamado quando estávamos sem tempo. Não evitamos voltar, simplesmente aconteceu.
Dyna: Já estão compondo músicas novas?
Erik: Estamos escrevendo novas músicas, mas ainda não as ensaiamos. Devemos começar a trabalhar nesse novo material entre outubro e novembro.

Discografia comentada por Erik Ohlsson

Same Old Tunes (1994) – Esse é o primeiro disco da nossa carreira. A primeira faixa é "Mr. Clean", que é uma música que sempre tocamos. Ela é considerada uma espécie de clássico entre os fãs da banda.

Life On A Plate (1995) – Foi nessa época que começamos a crescer. Fizemos uma turnê ao redor do mundo e assinamos um contrato com a gravadora Epitaph, que nos lançou "Life on a Plate" e "Same Old Tunes" nos Estados Unidos. "Bullion", desse disco, é uma das nossas músicas mais famosas.

For Monkeys (1997) – Compusemos este disco em um mês. Estávamos fazendo turnês muito extensas e tínhamos que gravá-lo porque o estúdio já estava agendado. Foram dez músicas e mais duas no estúdio. "Monkey Boogie" foi escrita na cozinha do estúdio.

Pennybridge Pioneers (2000) – Esse é um dos nossos melhores discos. Nós o fizemos após uma pausa, por isso tivemos mais tempo para compor. Foi nosso primeiro trabalho gravado fora da Suécia. A produção é de Brett Gurewitz. É o disco que tem "No Cigar", que foi usada como trilha em um jogo de skate para video game.

Home From Home (2002) – Nós voltamos à Suécia para gravar esse disco. Para a produção nós chamamos Lou Giordano, um americano que já trabalhou com bandas como Samiam e Green Day. Foi a partir desse álbum que nosso som tomou uma direção mais rock'n'roll.

Kingwood (2005) – Esse é o nosso disco mais recente. Eu gosto dele. Não sei mais o que posso falar a respeito desse álbum...

LOTHLÖRYEN

Os elfos de Minas Gerais

Por Alonso Dias e Ana "Death" Duarte

Fotos: divulgação

Reconhecimento: a banda concorre ao Prêmio Dynamite 2006

Oriunda da cidade de Machado, Minas Gerais, a banda surgiu no ano de 2002 e se chamava Neverland. Com a existência de uma banda homônima e por causa de uma mudança de direcionamento no som da banda, que fazia então metal melódico, ainda no fim de 2002 o grupo passa a se chamar Lothlöryen, homenageando uma de suas maiores paixões, J.R.R. Tolkien – o autor da trilogia "Senhor dos Anéis", que deu esse nome à floresta dos elfos. Antes de completar um ano de carreira a banda soltou sua primeira demo, intitulada "Thousand Ways to the Same Land". O grupo é composto hoje por João Messias Jr. (baixo), Geonani Corsini (bateria), Dênis Paiva (teclados), Leonaldo Oliveira (guitarra e vocais) e Wesley Soares (guitarra). A banda já se apresentou ao lado de algumas das melhores bandas nacionais, como Tuatha de Danann, Torture Squad, Sagitta, Monster, Tiger Cult, Atomica, Holy Sagga, Fates Prophecy, Velhas Virgens e Andralls, entre outras.

Em 2005, a banda lançou em parceria com a gravadora paulista Force Majeure Records o tão aguardado "...of Bards and Madmen", um álbum que surpreende ainda mais quando se descobre que foi feito sem a utilização de estúdios, produtores ou desenhistas renomados. O trabalho em nada deve aos lançamentos de ponta do metal nacional e mundial. Confira a entrevista que Wesley Soares concedeu à Dynamite

Dynamite: O CD "...of Bards and Madmen" tem grande qualidade de gravação, uma bela arte gráfica e possui como característica elementar letras que resumem muito bem o espírito da banda e do mundo da fantasia. Apesar de vocês mesmos afirmarem que o álbum não é conceitual, elas se encaixam muito bem. Como foi para o processo de criação das letras deste álbum?

Wesley Soares: O processo de criação das letras anda lado a lado em relação ao processo de composição da parte instrumental. Geralmente tento expressar com as palavras aquilo que o instrumental me passa na hora em que estou compondo. Em relação à temática, tentamos expressar nossos sentimentos, vontades e tristezas por meio de um mundo mítico e imaginário.

Dyna: Qual a relação de vocês com o selo Force Majeure Records?

Wesley: Nós entregamos o material gravado totalmente finalizado e o selo cuidou das partes burocráticas. Também por meio do selo está sendo feita a divulgação necessária para que o nome da Lothlöryen atinja o maior número de ouvintes possível.

Dyna: No CD há a participação especial de Bruno Maia, do Thuata de Dannan, nos vocais. A banda entrou em turnê com o Tuatha e percorreu várias cidades. Como foi isso?

Wesley: A relação com o Tuatha vem de longa data, pois eu conheço a banda desde 1997, na época da demo "The Last Pendragon". Eu tocava em uma banda de metal melódico que se chamava Seventh Steel e realizamos vários shows com o Tuatha. À medida que os caras foram crescendo, essa amizade sempre se manteve pois sempre arranjavam alguns shows pra fazermos juntos.

Dyna: O Lothlöryen surgiu do interior de Minas, assim como o Thuata. Vocês concordam que lá é um lugar propício para o surgimento de novas bandas folk? O clima, as histórias e as lendas da região inspiram isso?

Wesley: Sim, principalmente porque moramos perto de São Tomé das Letras, que é a nossa fonte de inspiração para tudo. Realmente, vendo por esse prisma, acho que a água aqui das Minas Gerais está meio contaminada com o chá dos duendes, bardos etc (risos).

o salto
Em seu primeiro SINGLE
TANTOS LUGARES
já nas rádios!
GRAVADORA
indie
RECORDS

Mais depressivo é possível

Por Rodrigo "Khall" Ramos, Bruno Palma Fernandes e Vinicius "LaSombra" Fornielle

Divulgação

O Deathstars, grupo que surgiu na cena metal / industrial / eletrônica já no topo, chega ao segundo álbum envolto de trevas. "Termination Bliss" é mais obscuro que seu debut, "Synthetic Generation" e a formação da banda já sofreu alterações, com a entrada do baixista Skinny no lugar de Beast X Electric.

No novo disco, o grupo mostra como é possível aproveitar sentimentos negativos de forma positiva, criando, assim, atmosferas perfeitas para esse estilo musical. Confira abaixo a entrevista com o vocalista Whiplasher, que conta sobre essa virada de atmosfera.

Dynamite: O novo álbum, "Termination Bliss", soa mais obscuro que o anterior. A que você atribui isso?
Whiplasher: Acho que a escuridão é o que fazemos de melhor (risos). Esse disco acabou saindo com essa vibração porque tivemos muitos problemas durante a fase de composição dele. Nightmare Industries, que é quem escreve a maioria das músicas, estava tomando remédios. Isso foi refletido nesse álbum. Ele é baseado em conflito e frustração. Com isso o disco também se tornou mais pessoal.

Dyna: E quais foram as influências para os temas abordados no novo trabalho?
Whiplasher: Nós mesmos. Tudo aquilo que estávamos passando naquele momento acabou sendo expressado de alguma forma nas músicas. Nós tratamos muito das fraquezas do ser humano nessas novas composições. E essas fraquezas são também as nossas próprias fraquezas. Os sentimentos conflitantes rondam o disco inteiro.

Dyna: Como você vê a evolução da banda de "Synthetic Generation" para "Termination Bliss"?
Whiplasher: O último disco não era tão focado quanto este e acho que ainda desenvolveremos muito nesse sentido. Enquanto estivermos apaixonados por isso, algo interessante vai sair no fim. Enquanto tivermos histórias para contar, temos de fazer isso. Quanto ao futuro, ele está escrito nas estrelas (risos). Nós não somos uma banda com metas traçadas. Temos de nos sentir confortáveis com aquilo que estamos fazendo. Nós não deixamos ninguém ouvir nosso trabalho enquanto ele não está pronto. Nem mesmo a gravadora. É assim que funciona o Deathstars. É tudo com a gente. Isso é muito importante. Não é interessante saber exatamente o que está no futuro. Desde que seja bem obscuro estarei feliz.

Dyna: Você comentou que a banda passava por um momento difícil enquanto compunha "Termination Bliss". Foi difícil fazê-lo?
Whiplasher: Nós tivemos muitos problemas pessoais na fase de composição e de gravação. Mas nós gravamos em nosso próprio estúdio e tudo correu de forma suave. Acho que foi mais problemático gravar "Synthetic Generation". O que tomou tempo foi compor as músicas desse novo disco, isso devido ao estado mental da banda.

Uniformes a Marylin Manson?

Dyna: Nightmare Industries ficou novamente a cargo da produção. Por quê?
Whiplasher: Nós tivemos oportunidades de trabalhar com bons produtores, mas somos Nightmare e eu quem escreve tudo na banda, e nós sabemos exatamente o que queremos. Não nos interessa trabalhar com alguém de fora da banda. Não sei no futuro, mas agora não.

Dyna: Por que a saída do guitarrista Beast?
Whiplasher: Foi um problema prático. Nós mudamos nossa base da costa oeste, em Gothemburg, para Estocolmo. Entre os dois discos, Beast começou uma nova vida e a distância o impedia de ensaiar. Nós conversamos e dissemos que seria melhor se ele saísse da banda. Ambas as partes estavam de acordo. Ainda somos amigos. Não há problemas entre a gente.

Dyna: E como foi que vocês chegaram ao baixista Skinny?
Whiplasher: Conheci Skinny em ocasiões diferentes. Eu sempre o encontrava em um bar. Eu aparecia para tomar uma cerveja e ele estava lá, sozinho. Um dia simplesmente perguntei se ele sabia tocar baixo. Ele disse que sabia, e aqui estamos nós.

Dyna: Ele participou das gravações de "Termination Bliss"?
Whiplasher: Sim, ele gravou o baixo no disco.

Dyna: O que você achou do remix que Mortiis fez para a música "Blitzkrieg"?
Whiplasher: Não sei muito a respeito. Ele não deveria estar no disco, em primeiro lugar. Foi algo que a Nuclear Blast colocou lá por engano. Era para esse remix ter sido lançado em uma edição diferente. Mas ele não deveria estar lá. Não tem de ter remix no álbum, apenas as faixas originais. Mas o que aconteceu foi que Nightmare fez um remix para o Mortis e agora ele fez um para a gente.

Dyna: O que você acha das comparações que as pessoas fazem do Deathstars com o Marilyn Manson?
Whiplasher: Nós não ouvimos Marylin Manson. Acho que as pessoas que dizem isso o ouvem demais. Mas não sei, não sou muito familiarizado. Deve ter um pouco a ver com o nosso visual. Mas nós temos esse visual desde o começo dos anos 90. E onde estava o Marilyn Manson nessa época? É claro que há similaridades, mas ele não é uma influência.

Dyna: Li em algum lugar uma declaração sua dizendo que o Deathstars era uma ameaça ao cidadão comum. O que isso quer dizer?
Whiplasher: Ah, isso é só uma piada. Isso foi porque um canal de televisão sueco não quis passar nossos vídeos. Por isso disse que nós deveríamos ser uma ameaça. Eu achei isso ridículo. É tão conservador que me espanta.

Dyna: Como foi essa censura?
Whiplasher: Parece que eles não gostaram muito do vídeo de "Synthetic Generation". Acho que eles pensaram que nós estávamos fazendo uma apologia ao aborto. Mas é só um vídeo sobre escurdão, drogas e um pouco de sexo. Acho que os pais das mancinhas rosadas não gostam de ver homens vestindo látex na televisão logo após o programa favorito de seus filhos.

Dyna: A Suécia é conservadora assim?
Whiplasher: Não é tão ruim quanto a Noruega, mas é, sim, bastante conservadora.

Dyna: Isso não bate um pouco de frente com a forte cena metal da Escandinávia?
Whiplasher: Ah, sim. Mas essa cena existe porque as pessoas são frustradas (risos). É uma reação da sociedade. O mundo tem sofrido muito por ser mais e mais politicamente correto. As pessoas sabem mais e mais o que é de bom gosto e têm medo de fazer coisas mais complexas.

GLENN
TIPTON
BAPTIZM OF FIRE

O álbum mais clássico do guitarrista do JUDAS PRIEST

Remasterizado e com duas faixas inéditas!

MUTANTES

Revolução brasileira

Por Robson Leandro da Silva

Fotos: Divulgação

Depois de muita discussão entre os três integrantes do Mutantes, Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee, a Universal relançou toda a obra da banda – que teve remasterização contestada por Sérgio Dias. Que tal aproveitar o lançamento para ouvir o lendário "Jardim Elétrico" e conhecer a história da banda?

Os irmãos Sérgio Dias e Arnaldo Batista viviam em uma casa extremamente erudita. César Dias Batista, o pai, era poeta, cantor de ópera e jornalista de profissão, com uma coluna diária no extinto jornal paulistano "O Dia". Clarisse Leite, a mãe, foi a primeira mulher brasileira a escrever um concerto para piano e orquestra. Cláudio César Batista, o irmão mais velho já tinha um grupo de rock em 64 que tocava músicas de grupos americanos como The Ventures e Duanne Eddy, onde era guitarrista. Em 65 o grupo mudou o nome para Wooden Faces. Nessa época, Cláudio deu um presente para Sérgio Dias, com 15 anos na ocasião, que o marcaria para sempre: uma guitarra. Dois anos antes, Serginho como era chamado pelos mais próximos, tinha abandonado a escola para acompanhar mais de perto as apresentações do irmão. A mãe deu total apoio: "Tudo bem, então vá ganhar o seu dinheiro" disse dona Clarisse.

Sérginho foi admitido na banda do irmão e em 66 houve a união dos Wooden Faces ao Tha Teenage singers grupo formado por Arnaldo e alguns amigos de escola, entre eles sua namoradinha, Rita Lee Jones. Essa união ganhou o nome de Six Sided Rockers.

Cláudio resolveu se afastar da banda e ela mudou o nome para O Seis, depois para O Konjunto. Começaram a se apresentar em programas como "Astros do Disco" da TV Record. A coisa foi ficando séria, e os ensaios passaram a acontecer com mais freqüência na casa da família Batista no bairro paulistano da Pompéia. Nessa época, gravaram um compacto com apenas uma música, "O Suicida". Hoje não se sabe quem possui essa raridade de valor incalculável.

Três membros da banda deixam o barco, alegando que aquilo não levaria a lugar nenhum. Desse motim, resistiu o núcleo central da banda: Rita, Arnaldo e Sérgio. Decidiram então mudar o nome da banda mais uma vez, e é aqui que tem início uma controvérsia: a origem do nome Mutantes. A primeira versão é a de que Ronnie Von teria batizado o grupo inspirado no livro "O Despertar dos Mortos" de Jacques Berger. Sérgio Dias contesta e corrige: "...tinha um livro chamado "O Império dos Mutantes" de Stefan Wul. Foi daí que veio o nome." Estava concretizado o batismo.

Há boatos sobre a volta, mas Rita Lee já disse que não participa

Apesar das produções temáticas e as roupas psicodélicas, antes de 1970 as drogas não faziam parte da vida do trio. Tudo era o mais puro deboche, brincadeira e divertimento às custas do trabalho e da pouca idade.

A banda chegou ao mercado fonográfico após ser convidada para incrementar os arranjos de "Domingo no Parque", de Gilberto Gil. A idéia foi do produtor da TV Bandeirantes Chiquinho Moraes. Gil concordou com a idéia e no dia seguinte o grupo apareceu no estúdio e gravou a sua participação. Passaram a freqüentar outro programa que definiria todo um movimento que estava nascendo também: "Divino Maravilhoso" era apresentado pelo próprio Gilberto Gil e por Caetano Veloso e a gênese do movimento tropicalista.

"Os Mutantes" disco de 1968, sai depois da participação deles na obra prima "Tropicália ou Panis et Circensis". O primeiro disco da banda não foi propriamente um sucesso de vendas. Foram comercializadas na época pouco mais de 10 mil cópias, muito pouco para uma banda que tinha tanta visibilidade. A banda era respeitada pela crítica especializada e pelos músicos, principalmente tropicalistas, mas a impressão que se tinha é de que o público não tinha entendido a proposta da banda. A gravadora continou apostando na banda acreditando que o sucesso viria no longo prazo. E estavam certos.

O disco trouxe "2001", uma referência ao filme homônimo de Stanley Kubrick lançado no mesmo ano. A gravação era ousada e revelava a tendência ao que o filme tinha de psicodélico, usando trechos de "Jupiter and Beyond: Requiem for Soprano" utilizada no filme. Outra curiosidade é a participação oculta de Jorge Ben Jor tocando violão em "Minha Menina".

O ano de 69 trouxe o lançamento de "Mutantes", segundo disco da banda e produzido, igualmente ao primeiro, por Marcelo Barenbein. O disco contava com uma segunda versão para "Algo Mais", música que a banda compôs para a propaganda da Shell. Esse foi o ano que eles foram à França, mais precisamente Cannes, onde foram apresentados pela revista "Le Novel Oservateaur" como "nova tendência, novas idéias e nova vida". Fizeram também uma apresentação na TV Francesa com a música "Uma vez" e encerraram a viagem no festival Midem.

Na volta ao Brasil, começaram a trabalhar em "A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado". A capa, inspirada no "inferno de Dante", trazia Rita e Sérgio observando Arnaldo saindo de uma tumba, que foi montada por Cláudio Batista. Esse trabalho trazia mais uma participação "oculta" de Naná Vasconcelos, e as canções "Não vá se perder por aí", "Caminhante Noturno" e uma versão espacial para "Banho de Lua".

Ainda em 68, a banda montou um dos primeiros shows multimídia do país. Dirigido por Maria Ester Stockler e escrito por João Agnpino, "O Planeta dos Mutantes" tinha dança, exibição de filmes, figurino, teatro e muito psicodelismo. Parcialmente inspirado na

E.P.I. do (Exploding Plastic Inevitable) de Andy Warhol, novamente a banda inovava... e chocava. "Jogávamos bóias e redes na platéia" afirmou Serginho.

Após o lançamento de "A Divina Comédia...", a banda tirou férias e só voltou a se reunir em agosto do mesmo ano para produzir o show "Build Up" de que Rita apresentaria na UD (antiga feira de utilidades domésticas realizada anualmente em São Paulo). O resultado foi o disco homônimo lançado logo em seguida, marcando a estréia solo da vocalista do trio. Nessa mesma época, Liminha foi recrutado como baixista "convidado" para acompanhar a banda durante as apresentações ao vivo.

Como um quinteto (contavam desde o ano anterior com o baterista também "convidado" Dinho) gravaram o que seria conhecido 30 anos depois como o disco "Tecnicolor" no estúdio "Des Dames", em Paris. Mesmo sem o lançamento do disco, algumas músicas ("Virgínia", "Tecnicolor" e "El Justiceiro") foram aproveitadas para o quarto disco da banda, "Jardim Elétrico", de 1971. Esse trabalho traz um som mais elaborado e mais ácido. A música título do CD também traz o recado de que a banda já tinha conhecido o temido LSD, como demonstra o trecho "...no jardim eu me ligo em você/ planto cores, colho a fruta/ levo choques...". Nesse mesmo disco está o hit radiofônico "Top Top".

Com o ácido sendo consumido em quantidades respeitáveis, foi um passo para a banda buscar expandir seus horizontes. Nesse ritmo, Arnaldo começou a se ligar nas bandas progressivas (King Crimson, Can, Yes, Emerson Lake and Palmer e Grateful Dead) que faziam um tipo de música que casava com a busca de perfeccionismo que sempre marcou a banda. E a moda era ser hippie. Foi bem nessa época que Sérgio e Arnaldo decidem construir uma casa na Serra da Cantareira, então bairro muito distante do centro de São Paulo. Para amenizar a distância, decidiram levar um grupo de amigos para morar junto com eles, o que acabou por criar uma comunidade. Essa medida, além de não resolver o problema do isolamento, ainda se mostrara uma decisão equivocada. E mostraria logo as suas consequências.

A quantidade de LSD consumida passou de "respeitável" a "escala industrial". Segundo Liminha, todos naquela casa "viviam completamente alucinados". Quando não estavam "viajando", ensaiavam direto por horas e horas seguidas. Receita perigosa essa: drogas em excesso, vida comunitária, condições precárias, loucura e agitação. E, para complicar mais ainda, fazia parte da comunidade um grupo de jornalistas americanos que trabalhava na extinta "Rolling Stone" brasileira. Um deles era Mick Killingblack, que se tornou uma espécie de empresário informal da banda, e que colocava idéias sobre viagens espaciais misturadas com filosofia oriental na cabeça já perturbada de Arnaldo. Era o prelúdio do fim.

Em 1972 veio o lançamento de "Os Mutantes e Seus Cometas no País dos Bauretz", quinto disco da banda que traz a confessional "Vida de Cachorro", onde Rita Lee vislumbra o que seria a vida cotidiana em um hipotético casamento. Mas o disco não teve facilidades no seu lançamento por causa da censura, que vivia o seu período mais repressor, e questionava os deboches nas letras com medo de haver ali alguma mensagem subversiva subliminar contra o regime militar. Foi o caso de "Cabeludo Patriota" que acabou saindo com o título "A Hora e a Vez de o Cabelo Crescer". Mal sabiam os censores que "Bauretz" era uma palavra-código criada por Tim Maia para designar maconha...

Após o lançamento, Liminha e Rita foram para a Europa e voltaram com equipamentos novos: um minimoog e um mellotron. Foi mais lenha na fogueira. Arnaldo aceitou mal aqueles equipamentos e começaram as brigas. Rita e Arnaldo começaram a brigar por ciúme. A vida de quase casados que eles viviam (namoravam desde 64) não combinava com a vida em comunidade. O fim do relacionamento foi, segundo Sérgio Dias, quando ela pegou Arnaldo com alguém na cama. Rita deixou a banda e foi tocar a sua bem-sucedida carreira solo. Ela voltaria a se apresentar com Sérgio Dias em 92 no show Bossa'n'Roll.

Em 1973 ficou pronto "O A e o Z", o disco mais progressivo da banda, que foi gravado em 16 canais no estúdio Eldorado, em São Paulo. A faixa título dava o recado: sem Rita Lee, acabaram as brincadeiras. E o humor de Arnaldo se transformou em letras viajantes e sua "busca pelo som prefeito" tentava substituir, sem sucesso, a paixão

pela ex-namorada. Mas a gravadora Philips não gostou daquele disco com músicas longas, de mais de 8 minutos e sem potencial para ser explorado pelas rádios e engavetou o projeto. Em 1987, a única pessoa que tinha um registro em fita K7 desse disco era a DJ e radialista Sônia Abreu, uma raridade na época. O trabalho só foi lançado em 92, em CD.

O desânimo era geral na banda. Para piorar, Arnaldo se afundava mais e mais nas viagens de ácido. A saída dele acabou sendo uma conseqüência dessa piração toda. O limite foi um show onde "antes da apresentação, ele tomou muito LSD e começou a falar coisas sem sentido, repetindo em inglês "R... now... do", conta Serginho. No dia seguinte, Sérgio e Liminha procuraram Arnaldo, que ainda estava na ressaca do dia anterior, e ele começou a desancar os companheiros dizendo que ele era o único ponto de evolução da banda. Foi demitido imediatamente.

O Mutantes decidiu continuar investindo no progressivo e passou a fazer apresentações em um teatro. Como o desbunde era geral, o som começou a cair no gosto da juventude mais antenada, que começava a curtir os discos do Pink Floyd e lotava as apresentações da banda. Filas quilométricas se formavam para ver verdadeiras demonstrações de virtuosismo dos músicos. Acreditando naquele sucesso, lançaram o que seria o último disco da banda "Tudo Foi Feito pelo Sol". Liminha saiu da banda em 1974. Sérgio Dias ainda sustentou a banda fazendo essas apresentações por mais dois anos. Os shows ganharam registro em "Ao Vivo", de 1976. No ano seguinte, o Mutantes acabou oficialmente.

TEMBLOR

Salsa + metal = revolução

Por Ana Duarte, com colaboração de Alonso Dias e Marianne de Moura

Divulgação

Temblor: mensagem punk, som pesado e gingago latino

Peso, atitude e mescla de heavy metal com música latina – sim, salsa e merengue encaixam-se em todo o contexto de "Thousand Hearts", o primeiro álbum do Temblor, que chegou causando uma verdadeira revolução. E revolução, pelo jeito, é a palavra predileta para a banda. Ao menos é para o vocalista Amauri Chamorro, que é filho e neto de revolucionários.

Nascido no Equador, o cantor não somente vivenciou os episódios revolucionários de sua própria terra como teve convivência, amizade e influência de pessoas engajadas. O escritor uruguaio Eduardo Galeano, o compositor cubano Pablo Milanés e, claro, seu avô paterno, Horacio Hidrovo, um dos maiores escritores do equatorianos fizeram de Amauri um ativista.

Durante a entrevista Amauri contou que com apenas 11 anos já fugia de casa para participar de greves e manifestações. Hoje, ele usa a música como meio de passar suas idéias e de lutar contra o que acredita ser errado. O nome da banda já evoca isso. Temblor quer dizer, em espanhol, tremor, e em inglês, terremoto. "O nome tem a ver com a nossa função, que é discutir, debater o mundo. Queremos ser o epicentro de uma atitude de mudança", discursa Amauri.

Ele acredita que a história recente do Equador e do Brasil mistura-se com a história de sua família. "A atividade política dos meus avós e dos meus pais chegou até mim", conta. "Eu expresso isso nas minhas músicas. Galeano e Milanés serviram para me mostrar que a arte é uma importante ferramenta social. Por isso decidi cantar e escrever músicas com conteúdo social. Não consigo ver a um artista que não tenha seu engajamento. Isso não é arte para mim", diz, alfinetando quase 100% dos artistas atuais.

Ao contrário do comportamento-padrão das pessoas que querem mudar o mundo (metade é pacifista e curte reggae, a outra metade é punk), Amauri decidiu tocar death metal. É isso mesmo? "Não, na verdade somos uma banda latina que utiliza o metal como um elemento musical. A estrutura harmônica e rítmica do Temblor vem da música latina e, agregamos vocais e guitarras pesadas a isso". Então por que não tocar simplesmente salsa? "O metal é peso, é energia. Algumas letras das nossas músicas precisavam desse elemento. A música latina por ela mesma não fana o efeito que buscávamos e, por isso, misturamos tudo", explica.

O resultado dessa mistura é o álbum "Thousand Hearts". O vocalista contou que o disco foi elaborado como se fosse um roteiro de cinema e que a inspiração veio de cenas e fatos vistos na televisão e lidos em livros e jornais.

"A realidade é tão absurda que pode ser narrada como ficção", afirma, falando como se fosse um líder que dá ordens a uma multidão (leia o quadro).

IDEOLOGIA

"Devemos saber por que lutamos. Só o conhecimento e o entendimento de nossa realidade possibilitará alguma mudança"

"Não acho que o fim justifica o meio. Isso é muito delicado, ainda mais quando temos na nossa história muitos eventos que comprovam que não é bem assim"

"Muitas bandas 'criticam o sistema' sem saber absolutamente nada sobre coisa alguma. Criticar por criticar é idiota. Compromisso é a palavra que deve reger uma crítica"

"Não acredito que as críticas feitas pela old school (do hardcore) tenham surtido efeito. (...) Diferente do que fez Bob Geldolf. (...) Apontar é muito fácil, difícil é fazer"

Atitude, rebeldia e irreverência, mais P!nk do que nunca.

www.sonybmg.com.br | www.pinkspage.com/

BARANGA

Sem vender a alma ao diabo

Por Marcelo Teixeira

Patrícia Cecatti

O nome é engraçadinho, o som é sério

Depois de seis anos de estrada, a banda paulistana Baranga, formada pelos ex-Pitbulls on Crack Soneca (baixista) e Deca (guitarrista), Xande (vocais e guitarra) e pelo baterasta que é uma lenda viva do rock nacional, Paulão Thomaz (Ex- Centúrias, Firebox, Harppia e Cheap Tequila, bateria), está lançando seu segundo CD, chamado "Whiskey do Diabo"

Com um som mais pesado que o trabalho anterior, porém dentro do espírito de liberdade da banda, os quatro contam par a Dynamite como é fazer um som independentemente de modismos e sobre seus novos vôos. Confira os melhores momentos dessa entrevista.

Dynamite: Como foi a idéia do segundo CD? Vocês já o tinham "pronto"?
Deca: Algumas idéias vem desde a demo. A gente tinha 80% composto.
Soneca: O riff de "Piratas do Tietê" a gente tinha desde o primeiro disco
Dyna: Vocês trabalharam novamente com o Heros Trench, do Korzus, na produção...
Soneca: O Heros teve total liberdade, a gente confia muito nele Ele tem esse lance de fazer bem feito. Não que ele seja chato! Ele tem a percepção de falar 'vai embora, volta amanhã, você está cansado...'.
Paulão: Trabalhar com o Heros é muito bom, não teve nenhum estresse. Não tem o que falar. Ele já viu a gente ao vivo pra caramba! E isso ajuda!
Xande: A gente faz um solo, acha que ficou legal e ele fala: 'vamos fazer melhor' (risos)
Dyna: A sonoridade de vocês mudou bastante do primeiro para o segundo trabalho.
Paulão: O segundo trouxe mais influências pessoais. O primeiro foi mais voltado para o rock´n´roll.
Deca: A intenção foi ficar mais pesado. O primeiro CD foi gravado num período mais longo, o segundo num período mais curto. Por isso "Wiskey do Diabo" ficou mais coeso.
Dyna: E quanto aos temas? O primeiro era mais desencanado, falando de cachaça e mulher. Já no segundo vocês abordam o mesmo tema, mas com uma preocupação de falar mais de liberdade.
Deca: Quatro cabeças pensando mais, mas com a preocupação de não falar bobagem, de não cair na mesmice, e de continuar com as nossas histórias de estrada, mulher e rock´n´roll. A gente não fala sobre fadas e duendes. Falamos sobre a realidade Se tivermos que falar sobre duendes, falaremos sobre duendes safadas (risos) . Uma fada entra e faz strip tease.
Paulão: Safadas e furiosas (mais risos). Diversão, mas não banda engraçadinha.
Soneca: As letras ficaram menos explícitas e mais malandras. A intenção era essa mesma.
Dyna: Muita gente que curte um som mais pesado, como death e trash metal curte e respeita muito o Baranga... Vocês tem notado isso?
Paulão: Em Saquarema, vimos um monte de garotos com a camisa do Slayer. Particularmente, era um sonho que eu tinha. Sempre toquei em bandas de heavy metal, mas não queria ter um só tipo de público. É como o AC/DC: o "bluseiro" gosta, o cara que curte um som mais pesado também. O Amílcar, do Torture Squad, é lá nosso. O pessoal do Monster também. É gratificante
Soneca: Os caras do Korzus, do Torture Squad, do Reviolence estão sempre nos nossos shows.. Não dá pra fazer rock´n´roll levinho.
Xande: O Heros até quer tocar com as minhas guitarras! (risos)
Dyna: Vocês já pensaram em fazer música de protesto, consciência social?
Xande: Já. Eu ouvi muito punk nacional da década de 80, pois eu não manjo muito de inglês. A idéia do Baranga é mais diversão.
Deca: Já tentamos fazer, mas com som dançante não dá! Mas, no intervalo, a gente manda nosso recado! Fazer rock´n´roll no Brasil é fazer música de protesto.
Paulão: Falar de liberdade também é música de protesto.
Dyna: Como está a divulgação do CD?
Deca: Contratamos uma assessoria de imprensa e uma distribuidora. Cansamos do papo das gravadoras: qual o plano de marketing da Baranga? Daí que surgiu o selo Rock´n´roll Records (selo da banda).
Dyna: Vocês têm outros projetos?
Soneca: Tem o videoclipe. A gente quer fazer um clipe, queremos lançar em março
Deca: É uma puta grana, mas o público merece!
Paulão: Tem uma galera que curte MTV, curte muito a gente e vai curtir muito o clipe.

DOLLY DAGGERS

Miscelânia sueca

Por Elize Kawauchi

Poucas pessoas já ouviram falar deles. Mas, pelo andamento das coisas, daqui a pouco tempo esta será mais uma das bandas escandinavas de grande sucesso. Originais de Malmö, no Sul da Suécia, os Dolly Daggers renasceram das cinzas da banda Sixshots, que se separou em 2004. Enquanto o Sixshots tocava um hard rock sleazy, o Dolly Daggers faz um rock bem mais acessível a qualquer público.

Todos os membros da banda têm influências musicais diferentes, desde o heavy metal ao punk rock, passando por blues, anos 80 e pop. Talvez seja esta mistura tão inesperada que faça com que a banda se torne tão peculiar. Algumas das influências em comum da banda são Danko Jones, Billy Idol, Turbonegro, Silverbullet, Hanoi Rocks, The Hives e Madonna. Estranha a combinação? De uma coisa a banda faz questão: não impor limites para a música. Eles não têm medo de misturar punk rock com glam rock e música disco, e o resultao é um som inovador, pesado e ao mesmo tempo melódico com raízes nas guitarras dos anos 70 e 80. E essas influências são reais e podem ser identificadas em todas as músicas, a cada acorde.

O Dolly Daggers conta com a voz singular de Ludvig Sersam, também responsável pelo baixo; com as guitarradas intensas de Christian Kapusta; com o frenético teclado e a gaita pertencente a Jonatan Sersam e com a bateria de Maja Ljungberg. O EP de lançamento chegou com quatro canções originais da banda. Abre com "If I Could Dance", um rock extremamente dançante que exala Billy Idol a cada nota e a cada tom alcançado pelo vocalista Ludvig. A segunda faixa, "Neverending", é um tema mais calmo, quase um Skid Row anos 80 – e com vocais bem mais suaves e melodiosos. "A Face to Put on" volta a agitar os ânimos, ainda num clima anos 80, um ritmo mais simples e contagiante. A banda encerra o CD com "Numb", que também não fica atrás das outras composições e contagia qualquer amante do rock.

Fotos: Divulgação

Visual agressivo, canções nem tanto

A bateria de Maja é forte e intensa, com um certo groove. Christian criou seu próprio estilo de tocar, e sempre procura inovar – não só sua guitarra como em toda a música da banda, e que o torna, de certa forma, o cérebro do grupo. Já os irmãos Sersam vieram com os genes prontos. O pai, Rolf Sersam, lançou alguns discos nos anos 60 com sua banda de rock Storm. Jonatan é um músico-prodígio – com apenas 15 anos de idade já havia adquirido uma boa reputação como gaiteiro no país, tocando ao lado de lendas dos blues como Peps Persson e Lee Oskar. E Ludvig, um verdadeiro frontman com visual de "rockeiro malvado", é carismático e tem a voz bastante versátil. Ele atinge desde sons à la Bono Vox até aos do barítono Billy Idol.

A banda está agora agendada para abrir eventos. E o canal pelo qual eles conseguiram isso (pasme) foi uma das maiores agências de moda da Suécia. E o primeiro videoclipe, de "Neverending", deve sair lá pelo meio deste ano. Ficou curioso? Acesse e baixe as músicas no site www.dollydagers.net.

3 COLD MEN

2 Brasil, 1 França

Por Robson Leandro da Silva

Na rua, TVs e rádios, o Carnaval, onipresente. Na mesa, alguns CDs que ainda devem ser ouvidos. Discman. 3 Cold Men. Volume alto, para que não haja interferência (do Carnaval) externo. De repente, uma batida sincopada e fria. Vocais gélidos. Será um CD do Nitzer Ebb? Não, é o "Urban RMXS" segundo trabalho do 3 Cold Men, lançado no Brasil pelo selo paulista Lado Z, que tem em seu catálogo nomes como Front 242 e DJ Hell.

A banda é formada por Franck Lopez, vocalista francês e membro do Opera Multi Steel (banda de dark wave clássica, de 1983), Alex Twin e Maurizio Bonito, brasileiros que cuidam dos sintetizadores analógicos - e que também são o Individual Industry, que faz ethereal pop. Co-nhecido no Brasil apenas por amantes do gênero mas bem conceituados e respeitados na Europa, o 3 Cold Men tem vivido um de seus melhores momentos. O seu primeiro disco foi escolhido o segundo melhor de 2005 pela Brazilian Alternative Charts e permaneceu durante três meses no top 20 da parada alternativa francesa (BAC). A agenda de shows na Europa é respeitável.

Sucesso na Europa, o 3 Cold Men lança CD de remixes por aqui

Dynamite: Como foi a formação do grupo? Como vocês conheceram o Franck Lopez?
Alex Twin: O 3 Cold Men surgiu das compatibilidades musicais entre Alex Twin, Maurizio Bonito e Franck Lopez. Todos queriam fazer algo diferente de suas bandas originais, algo entre os anos 80, darkwave, synth pop, etc. Conheci o Franck Lopez em 1991 e acabamos nos tornando mais amigos em 1997 quando o Opera Multi Steel veio ao Brasil.
Dyna: Lançar um segundo trabalho com quase 100% de remixes (a exceção é "My Greatest Greta", inédita) é uma atitude ousada, principalmente se somarmos a isso o fato de que a banda ainda não é muito conhecida no Brasil. De quem partiu a iniciativa?
Alex: Na verdade, a idéia de lançar o CD de remixes aconteceu por dois motivos: lançar um CD para venda no Brasil e ter este mesmo CD para venda no resto do mundo. Já que algumas bandas estavam trabalhando em nossos remixes, achamos esta a melhor saída. Como nosso próximo álbum sairá no fim de 2006, seria uma boa estratégia ter algo lançado entre o primeiro e segundo CDs.
Dyna: Como foi a escolha das pessoas que iriam remixar as faixas? Houve algum critério?
Alex: Lançamos um concurso de remixes na internet. Após ouvir todos os remixes, escolhemos os melhores nos critérios qualidade, estilo, etc.. Queríamos que os remixes fossem bem dançantes.
Dyna: A dificuldade de inserção no mercado brasileiro é o único motivo para o não lançamento do primeiro CD aqui no Brasil?
Alex: Lançar um CD para venda apenas no Brasil é muito difícil hoje. Você precisa pensar em vender em todo o mundo, ou não é viável.
Dyna: Desde meados de 2003 vivemos no Brasil um revival dos anos 80, que incluiu coisas que eram melhores ser esquecidas. As músicas do "Urban Remixes" fazem lembrar de coisas boas daquela época: synth pop, Heaven 17, Depeche Mode...
Alex: Os anos 80 foram importantes para muita gente, não só na música como em outras artes. O que acontece é que, assim como nos anos 70 e 90, existem coisas boas e coisas ruins. Os anos 80 foram os melhores para as influências atuais. Existem muitas coisas boas hoje em dia mas, infelizmente, pouco divulgadas no Brasil.
Dyna: Vocês estão escalados para tocar no Wave Gotik Trefen, na Alemanha. Lá vocês devem tocar ao lado de Nitzer Ebb e Heaven 17. Qual é a expectativa?
Alex: É muito grande, primeiro por participar do maior festival do estilo. Serão mais de 150 bandas nos quatro dias de festival. Segundo, estar ao lado de grandes bandas é uma coisa nunca imaginada por nós anos atrás. Esperamos poder fazer o melhor nesta primeira aparição na Europa.
Dynamite: O que você acha da troca por internet de arquivos de música?
Alex: Se você disponibilizar um trecho eu acho legal. Em países como o Brasil, sem grande poder aquisitivo, as pessoas não comprarão o CD depois que conseguiram o MP3.

Discografia

"A HISTÓRIA NÃO TEM FIM" (2001)
Estréia do grupo em disco e até hoje seu CD mais vendido (já ultrapassou a marca das 18 mil cópias comercializadas). O Dance Of Days estréia com uma pegada feroz e vocais bastante agressivos de Nenê Altro. Mas a levada emo nas melodias atrai uma enorme legião de fãs do estilo para o som da banda, que começa a ficar famosa no circuito alternativo paulistano. Grandes momentos em "Se Essas Paredes Falassem" e "Acho que É sua Vez de Jogar".

"CORAÇÃO DE TRÓIA" (2002)
Com a boa aceitação do primeiro álbum, o quinteto volta rapidamente ao estúdio e sai de lá com um segundo trabalho bem parecido com o de sua estréia. Não tão ríspido nas guitarras, mas ainda assim barulhento e emo. As letras começam a ficar mais bunladas, poéticas e existencialistas. E o grupo vai aumentando seu contingente de fãs (enorme já a essa altura), por conta de canções como "Tochas para Joana", "O Rastro de Teseu" e "Horizontes de Outono".

"A VALSA DE ÁGUAS VIVAS" (2003)
A orientação musical continua quase a mesma, com sutis diferenças. Começa a entrar em cena uma estética mais voltada para o pós-punk inglês dos anos 80 (e que culminaria no disco seguinte), algo perceptível já no trabalho de arte do encarte do CD. Aí entram músicas como "Um Dia Comum", "Adeus Sofia", "Dorian" (Oscar Wilde?) ou "Antítese", e fica claro que o DOD é um dos melhores grupos independentes do Brasil e, Nenê Altro, um dos melhores letristas da nova geração do rock brasileiro.

VOICE MUSIC
APRESENTA
EM CATÁLOGO
LANÇAMENTOS
KORZUS ao vivo
PELA PRIMEIRA VEZ EM CD
EDIÇÃO DE COLECIONADOR!!!
PORCOS CEGOS
DVD ZUMBIS DO ESPAÇO COM SHOW, CLIPES, ENTREVISTAS, BONUS COM TOR E GALERIA DE FOTOS !!
PORCOS CEGOS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS
AÇÃO DIRETA - MASSACRE HUMANO
ATAQUE SONORO
PUNK ROCK NACIONAL COM CÓLERA
OLHO SECO
KORZUS - VIDEO HISTÓRIA
COM SHOWS
AO VIVO
VENDAS NO ATACADO
VENDAS@VOICEMUSIC.COM.BR
apoio
Elixir

EARS UP

FIQUE POR DENTRO DOS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DE CDs.
O SITE DA REVISTA (WWW.DYNAMITE.COM.BR) TRAZ MAIS LANÇAMENTOS.

COTAÇÃO:
- (Excelente);
- (Ótimo);
- (Bom);
- (Regular);
- (Fraco)

ECHO AND THE BUNNYMEN – "Siberia" (Indie Records)

Após quatro anos sem lançar nenhum trabalho inédito de estúdio, eis que o Echo and the Bunnymen retorna com álbum "Siberia". Nas onze faixas desse novo trabalho, nota-se uma volta dos caras à sonoridade antiga da banda. Músicas como "Parthenon Drive", "Make Us Blind" e "Everything Kills You" confirmam esse retorno ao passado. Faixas como "Stormy Weather" e "All Because Of You Days", que abrem o disco, também merecem destaque pela qualidade - a segunda é uma daquelas belas baladas com marca do Echo. Com certeza os caras acertaram nesse CD e provaram para todos que os "coelhos" continuam mais vivos do que nunca. (AS)

WALVERDES – "Playback" (Mondo 77)

O rufar da batena de Marcos Rubenich durante precisos 51 segundos é o recado inicial desse terceiro CD dos Walverdes. Rock puro, urgente e sem retoques. É seco e direto, como não poderia deixar de ser em um trabalho assinado pelo power trio gaucho. "Playback" é diferente das outras obras construídas pela banda, a começar pela acidez e cinismo de algumas letras como, por exemplo, "Teu Amigo": "Não dá para confiar no teu amigo de walverde". Sim, dá para confiar nesse trio. São quase 43 minutos de rock n'roll tocados sem firulas e sem rodeios. Rock pesado, mas sem se deixar ser cooptado pelos modismos musicais. Os Walverdes estão acima disso. Um clássico desde já! Prestem atenção em "Insistente", "Ter" e a saborosa faixa de abertura, "Seja mais Certo". (LS)

BORDERLINERZ – "O Simples É Complexo" (Supernova)

O segundo álbum traz boas músicas, guitarras aceleradas e contudentes e também boas letras, agora escritas em português – em "Elvis", álbum anterior, o inglês predominava. A justificativa do vocalista e guitarrista Zeh é que ele queria revestir as letras com um tom mais sério, aprofundado. Talvez ele tenha conseguido como em em "Bula", poderosa faixa que abre o CD. E tem um pouco de "delírio" divertido "Eu vejo o Elvis, de bicicleta/passeando no jardim" e ainda há espaço para a vociferação política, como em "Silêncio", que fecha o disco e diz "Eu não acredito na sua revolução/quando eu não acredito em fórmula ou discussão. "O Simples É Complexo" é, em suma, mais simples e animado do que complexo e introspectivo. E por isso mesmo muito bom. (HF)

THE ALLMAN BROTHERS – "Brothers and Sisters" (Universal)

Mestre de blues-country-"Western Swing" (fusão de country com jazz das big bands dos anos 1930), o grupo americano Allman Brothers infelizmente sofreu duas grandes perdas no início dos anos 1970, o guitarrista Duane Allman e o contrabaixista Berry Oakley. Este disco, de 1973, é o primeiro sem Duane e incluindo algumas faixas com Oakley; é um trabalho correto e competente, porém sem muita garra ou novidades, em diferentes andamentos (rápido em "Ramblin' Man" e "Pony Boy", lento em "Jelly Jelly", cadenciado em "Southbound" e na instrumental "Jessica", além do country-blues à anos 1930 "Come and Go Blues". Curiosidade: a formação deste CD inclui o tecladista Chuck Leavell, hoje um quase-Rolling Stones. Os Allmans continuam na ativa agora em 2006, e alguns de seus shows têm participação do guitarrista Hubert Sumlin, que tocou com Howlin' Wolf. (AMJ)

MORRISSEY – "Ringleader of the Tormentors" (Sony/BMG)

O disco é quase sublime. Talvez seja o melhor solo de Mozz desde o sensacional "Your Arsenal" de 1992. Há músicas ora etéreas, climáticas, suaves e doces, ora poderosas e a mão com o sangue rocker correndo nas veias de seu autor (como em "I Will See You In Far-Off Places"). O poeta canta como nunca e escreve como nunca. Isso é facilmente perceptível quando você saca as letras de faixas como "Dear God Please Help Me" ou "The Youngest Was the Most Loved". A produção do álbum é esmerada, a banda de apoio é ótima e isso resulta em momentos "smithianos" como há tempos não se ouvia na carreira solo do cantor vide "On The Streets I Ran", "To Me You Are A Work Of Art" e, em especial, o que pode ser considerado o ápice de todo o cd: "Life Is a Pigsty". (HF)

TORTURE SQUAD – "Death, Chaos and Torture Alive" (Voice Music)

A saga do quarteto paulistano continua com o lançamento deste show gravado na Led Slay, em São Paulo, no dia 25 de outubro de 2003, que mostra toda a fúria do grupo on stage. Aqui estão presentes os hinos "A Soul in Hell", "Horror and Torture", "The Unholy Spell", "Abduction Was the Case" e outras pauladas na orelha! (RKR)

CLAUSTROFOBIA – Fatminant (Voice Music)

Terceiro disco do brothers de Leme já radicados em sampa, mais agressivo do que nunca mostra o total caos gerado por seus instrumentos, como nas faixas "Disorder and Decay", Reality Show", "It's Not Enough to Exceed... You Must Run Over", "Terror Against Terror", a"Eu Quero é que se Foda" em português e com solo de Andreas Kisser do Sepultura. "Necessary Evil" cover do Napalm Death, "Two Faced" e a excelente "Fact" com a participação de Alex Camargo do Krisiun. (RKR)

NASI – "Onde os Anjos Não Ousam Pisar" (Sony & BMG)

Nasi lança seu primeiro disco solo incorporando o personagem mutante Wolverine das histórias em quadrinhos da Marvel Comics. O vocalista do Ira! traz "Onde os Anjos Não Ousam Pisar", com muito rock e fortes influências de blues, o que se percebe facilmente em músicas como "Eu Não Me Canso de Dizer" e "Wolverine Blues". Nasi também exerceu seu lado produtor no trabalho. (DZ)

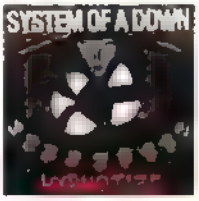
HANG THE SUPERSTARS – "First, Last and Always" (Monstro Discos)

"R.O.C.K." a faixa de abertura do primeiro CD oficial de Hang the Superstars, é o cartão de visitas da banda. Nada de firulas, nada de electro rock, nada de bons rapazes ou boas moças. Rock, virulento, cru e, por que não, um pouco tosco? Hang não tem medo das piadas sujas no meio de algumas faixas (como a clássica frase "Suck My Dick"), não tem medo de soar uma banda às vezes profissional como em "I Hate Your Daddy" e na mesma faixa soar estapafúrdio. Não procure pistas, não procure sentido nessa banda. Bem, talvez haja algum dance no meio da pista, beba cada cerveja como se fosse a última e agradeça por existirem bandas onde o rock nada mais é que diversão. (LS)

LUNATICA – "Fables and Dreams" (Frontier Records)

O Lunatica é uma banda do estilo "metal sinfônico", com vocais femininos, vinda da Europa. O perfeccionismo da banda a levou a ser um fenômeno na Suíça (eles levaram três anos procurando a vocalista ideal até encontrarem Andrea Datwyler). Este segundo trabalho traz mixagem e masterização de Sascha Paeth, um especialista no estilo que trabalhou com Angra, Rhapsody, Kamelot, Edguy e outras. Quem busca peso achará que os vocais são muito pop. Quem busca beleza encontrará o que quer. E com peso. (MM)

SYSTEM OF A DOWN – "Hypnotize" (Sony/BMG)

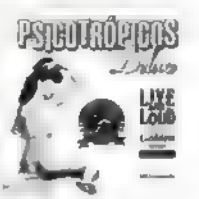


E o que podena ter sido um álbum duplo acabou sendo dois separados. "Hypnotize", apesar de ser um bom álbum, fica para trás quando comparado ao anterior, "Mesmerize". Repetindo, o disco não é fraco, mas sim perdeu força por ter sido separado de seu irmão. Ouça as ótimas "Attack", "Dreaming", "Kill Rock'n Roll" e a faixa-título. (RKR)

MICHAEL BUBLÉ – "Come Fly With Me" (Warner)

O cantor canadense Michael Bublé, apesar de ainda na casa dos 20 anos, já é um bom expoente do estilo de música popular anglo-americana pré-rock, que a maioria deve conhecer pelos mais recentes discos de Rod Stewart. Este álbum duplo ao vivo (CD e DVD) é perfeito para ver e ouvir em boa companhia, e tem o atrativo adicional de não incluir somente repertório das muito antigas. Além de sucessos associados a Frank Sinatra, Sammy Davis Jr. e semelhantes ("Come Fly With Me", "For Once In My Life"), ainda há arranjos em jazz suave para "Moondance", de Van Morrison, e "How Can You Mend a Broken Heart", do Bee Gees. (AMJ)

PSICOTRÓPICOS DELUXE – "Live and Loud Golden Series Vol.1" (Bloody Records)



Surf music instrumental maluquete deste quarteto de Curitiba, gravado ao vivo em dois canais no 92 graus. A banda merece destaque por estar sempre agitando e correndo atrás de festas, shows e festivais pelo Brasil e também gravando discos. Ao vivo o Psicotrópicos mata a pau e completa a mistura de surf music com punk rock, hardcore e psychobilly usando muitos instrumentos de percussão. Este CD contém nove músicas que soam tão estranhas quanto seus nomes: "Carangas Envenenadas Não Precisam de Buzina", "Rádio Transistorizado Não faz Bom Teremim" e "A Vingança do Quasímodo". Boa pedida para quem curte algo incomum. Contato: psicotropicos deluxe@gmail.com. (HCR)

EARS UP

SHADOWSIDE - "Theatre of Shadows" (Universal) ★★★★★

Saiu o tão esperado primeiro CD da banda de heavy metal tradicional santista Shadowside. Formada pela vocalista e tecladista Dani Nolden, por Ricky Slater (guitarra), Fábio Buitvidas (batera) e Lucas de Santis (baixo). A banda já havia lançado um EP, com as músicas "Enter the Shadowside", "Vampire Hunter", "Illusions", "Believe in Yourself" e obteve boa aceitação por parte do publico e crítica, além de ter aberto shows para o Shaaman, Nightwish e Primal Fear. Neste "Theatre of Shadows" destacam-se "Highlight" onde os vocais da Dani lembram os de Ann Wilson, do Heart, "We Want a Miracle", com os teclados bem colocados e "Believe in Yourself", que ganhou nova roupagem. O Shadowside tem tudo para seguir os caminhos do Angra e Shaaman. Amantes da boa música, comprem e delicem-se. (MT)

SHADOWS FADE – "Shadows Fade" (Frontiers Records) ★★

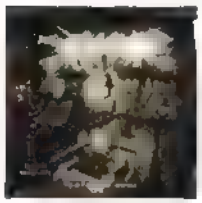
Este é o novo trabalho do veterano do rock-pop americano Kevin Chalfant. Na estrada desde os anos 80 (707, Steel Breeze, The Storm, Two Fires), Chalfant já montou bandas com membros famosos, como Alice Cooper, Santana e Cher entre outros. Este é o mais recente projeto, que conta com a parceira de Alex DeRosso (ex-Dokken). Qualidade técnica inegável, mas muito pop para fãs de metal. Mesmo para os mais leves. (MM)

U.D.O. – "Mission N° X" (AFM Records – Rock Brigade Records) ★★★★

Surgido inicialmente como um projeto paralelo de Udo Dirkschneider, o U.D.O. lançou o seu 10º LP, intitulado "Mission nº X". O disco começa com "The Embarkation", que é praticamente uma intro para o que vem em seguida, "Mission Nº X". Logo em seguida a música "24/7" tem boa batida e um trabalho minucioso das guitarras. Destaque para a balada em "Eye of the Eagle". (AD)

UNEARTH – "The Oncoming Storm" (Metal Blade Records) ★★★

A banda de Massachusetts, após a tour com Slipknot e seus companheiros de selo como As I Lay Dying, volta a atacar com sua fúria. Vem com características típicas de um bom death hardcore old school, com finais em paradas bruscas, vários riffs seqüenciados agressivos e ao mesmo tempo agradáveis. A primeira música já define muito do que há de vir, "The Great Dividers" com seu principal refrão "Take over the world / Divide our home / Does hate mean freedom". Ainda vem com o clipe bônus no CD, para ver no computador, da faixa "Black Hearts Now Reign". (AD)



ABORTED – "The Archaic Abattoir" (Century Media) ★★★★

A banda belga Aborted traz em seu álbum participações de Bo Summer (Ill-Disposed), Michael Bogballe (Mnemic) e Jacob Bredahl (Hatesphere), que dividem os vocais com Sven de Caluwé nas faixas "Dead Wreckoning", "The Gangrenous Epitaph", "The Inertia" e "Threading on Vermillion Deception". A produção ficou a cargo de Tue Madsen (The Haunted, Ekyomorph, Destiny). Logo na introdução da primeira música um barulho de porta se abrindo, correntes ao fundo, pegadas em algo viscoso. Um telefone antigo toca e, ao fundo, a batera começa a surgir... um rapaz em voz trômula diz: "Howard, I think you should know I've killed a lot of people", a bateria aumenta. É "Dead Wreckoning" com muitos elementos que evocam uma típica lenda urbana, lembrando um assassino em algum lugar perdido. Alguns dos destaques do CD ficam para "Hecatomb", uma das faixas realmente destruidoras e "A Cold Logistic Slaughter", com uma pequena narração no início e um fim brusco. (AD)

KATARSE – "A Prosaica Onipresença da Criatura" (Independente) ★★★★

Esse disco é bem diferente. E, por se tratar de uma banda nacional, é completamente diferente de tudo o que rola hoje em dia. Em dados momentos, parece que você está em um acampamento, reunido com amigos ao redor da fogueira cantando músicas antigas ("O Céu"), em outros você tem a impressão de estar ouvindo uma daquelas dezenas de bandas formadas de universitários oriundos da PUC ("Saída"), mas felizmente não está. Pela capa você imagina se tratar de alguma banda de emocore. Não é. Enfim, você vai ficar tentando atribuir rótulos e mais rótulos, e enquanto isso o disco inteiro vai tocando e, quando você menos espera, já acabou. A banda que consegue escapar dos rótulos e faz com que você preste atenção em cada uma das músicas para tentar descobrir do que se trata. Realmente, o disco é uma Katarse. É um sopro de inteligência no universo musical independente. (RLS)

CORREDOR 5 – "Corredor 5" (Universal) ★

Mesmo sabendo que nenhuma banda tem obrigação de acertar sempre, ainda mais em seu CD de estréia, o trabalho de quem faz crítica é de... criticar. A banda não é ruim. Todos tocam bem (o que é raro hoje em dia), por isso a nota aí em cima é 1, e não 0. A produção é bacana, bem-feita, e o CD é bem gravado. Mas é só. As letras precisam melhorar, mesmo levando em conta a proposta pop-rock da banda. Fica difícil gostar de faixas como "Má companhia" ("Você diz que eu não presto/ mas no resto do tempo eu te empresto o paraíso/ eu sou má companhia/ a pessoa certa se você quiser perder o juízo"). Se estivéssemos em 1963, tudo bem, mas letras como essa não fazem o menor sentido em 2006. Falta acordar para o presente. (RLS)

NERVOSO – "Lembrança das Minhas Saudades, Remixes Memoráveis" (L&C) ★★★★★

Este disco de Nervoso lançado em 2004 já tinha sido um dos melhores discos nacionais da década. Dois anos depois, um dos nomes mais importantes do cenário independente está de volta neste lançamento da revista "Outra Coisa", em versão remix. O disco é extraordinário, mesmo se você faz parte daquele grupo que sempre torce o nariz para remixes de discos que são considerados acima da média, achando que o trabalho feito não poderia ficar melhor. Nesse caso ficou. Gente como De Leve, Edu K e Kassim assinam versões que são verdadeiros trabalhos de reconstrução. Ouça a versão de Jhon Merrick Experience para "Mimosa" e a de Flu por "Já Desmanchei Minha Relação". Um clássico moderno. (RLS)

FALL OUT NOBODY "From Under the Cork Tree" (Island) ★

Não dá para acreditar que uma banda de moleques de Illinois consiga um contrato com uma baita gravadora e, tendo a oportunidade da sua vida nas mãos, faça um disco como esse. Mas em uma coisa a banda deve ter o seu mérito reconhecido: eles conseguem reunir todos os clichês que bandas americanas na linha do Blink 182, Green Day e Linkin' Park tocaram nos últimos seis anos. Se alguém colocar para tocar a música "Sugar, We're Going Down", você terá a impressão de estar ouvindo um híbrido de todas essas bandas, com um título de música do Evanescence. Um disco que contém uma música com o título "I Slept with Someone in Fall Out Boy and all I Got was this Stupid Song Written about Me" não merece a sua atenção. (RLS)

FIREBUG - "On the Move" (Deckdisc) ★★★★★

Mesmo quem não gosta de reggae tem de reconhecer: trata-se de um trabalho excelente. A impressão é de se estar ouvindo algum disco de uma banda jamaicana, jamais de um grupo brasileiro. Isso por si só faz do disco uma pérola. Você dá o play e a fumaça jamaicana invade o ambiente. A produção, que ficou à cargo de Victor Rice, é classuda. O CD conta com a participação de B Negão em "Injustiça", que fecha o disco e é a única em português. Há um tempo atrás houve uma avalanche de bandas que diziam fazer reggae de raiz. Se eles ouvirem esse disco, vão ficar com vergonha do que fizeram. (RLS)

MELLAN TRE ÖGON – "Mr. Brown" (Transubstans Records) ★★★★

Para quem gosta do estilão Pink Floyd, prog, esse álbum é o que há. Misturando psicodelia com (muitos) teclados que lembram música da idade média, a banda sueca abusa da variedade dos instrumentos, utilizando até banjo e sinos. Os vocais em inglês são suaves e os arranjos, sofisticados. Destaque para a faixa "Recall the future". Vale conferir. (EC)

ORESUND SPACE COLLECTIVE – "Oresund Space Collective" (Transubstans Records) ★★

Este CD é uma viagem de sons e ruídos. Parece que você entrou no túnel do tempo e foi direto para o experimentalismo dos anos 1970 e está ouvindo a trilha sonora de alguma exposição moderna. A faixa quatro, "Fallen Stardrops", é a que chega ao cúmulo dos barulhinhos experimentais. Detalhe: são mais de 15 minutos de música, grandiosa e climática. Se você não faz questão de dançar e curte uma viagem, vai gostar. Mas o disco enjoa rapidamente. (EC)

GARGAMEL – "Watch for the Umbles" (Transubstans Records) ★★

Psicodelia, psicodelia e psicodelia. E virtuosismo nas guitarras também. Isso é o que traz a banda norueguesa Gargamel, que caprichou no som, fazendo até um pouco de jazz-folk. O problema aqui é que a criatividade não foi tanta como a qualidade dos instrumentistas, e o disco acaba se tornando chato e repetitivo. O final da primeira faixa, "Ties", de mais de oito minutos, parece saído de uma perseguição cinematográfica. Vale para quem endeusa músicos acima da música. (EC)

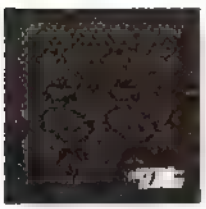
ARRAMIS DRAMA – "Upasa Tokjäveius Vais" (Transubstans Records) ★★★

A finlandesa Arramis Drama parece uma banda psicodélica do Ozzy Osbourne. Bastante peso e guitarras interessantes, e com vocais redondinhos – apesar de não dar pra entender absolutamente nada do que os caras cantam. A faixa seis, "Nalen" (tem uma bolinha em cima do "a", vai saber que acento é esse e onde ele está escondido no teclado), tem uma interessantes batera seca e é cheia de climas. De longe, a melhor do disco. Esse trabalho é de 1999. E o pior do CD é a capa, que parece ter sido feita no Paint por uma criança de sete anos. (EC)

EARS UP

SCARCÉUS – "Tão Humano" (Independente) ★★

Houve um pequeno problema na apresentação da Scarcéus. Lendo o release que acompanha o CD, ou o belo encarte com as letras, se imagina que trata-se de uma banda de pop rock (inclusive eles participaram e venceram o Pop Rock Café Brasil 2005). Quando você coloca o CD para tocar, a banda toca algo muito próximo do metal. Preocupa que uma banda que tem um material gráfico tão bem cuidado e de impacto decepcione na hora que importa: a da música. O vocalista Henrique é muito bom, a banda também, mas o resultado final ficou aquém do potencial deles. Destaque para "Tão Humano" (RLS)



THE DT'S - "Hard Fixed" (Scatter Records) ★★★★

Quem está na faixa dos 29 aos 34 anos certamente vai se lembrar de uma banda de "one hit wonder" surgida no final de 88 chamada Bliss, que tinha uma música chamada "I Hear You Call". Diana Young-Blanchard, do DT's, faz a mesma linha que a vocalista daquela banda fazia. Mas com uma leve queda para Janis Joplin. Calma, não estou comparando a imortal JJ com Diana, mas sim os estilos. A banda é boa porque faz simplesmente rock n'roll e nada mais. Sem firulas nem dramas. O DT's é o tipo de banda da qual você dificilmente vai ouvir falar no rádio e vai sempre se orgulhar por ter o CD em casa. "On the ground" é a melhor do disco. Ouça se você gostar de mulheres que andam de moto, calças de coro de cobra e whisky. (RLS)

JOHNNY & JUNE - Trilha Sonora (Sony Music) ★★★★

Essa é a trilha sonora do filme que conta a vida de Johnny Cash e June Carter interpretados por Joaquim Phoenix e Reese Witherspoon respectivamente. E são eles que cantam neste CD. Mas antes de você achar que vai economizar uma grana por não compra-lo, leve em consideração algumas coisas: a primeira delas é que Johnny Cash, ainda em vida, abençoou e aprovou Joaquim para o papel, além de também ter gostado da forma como o ator interpretou suas músicas. A outra é que é óbvio que não é a mesma coisa do que você pegar discos originais de Cash, como "San Quentin", o melhor disco ao vivo de todos os tempos. Mas, se você tentar ouvir da mesma forma que Johnny ouviu, vai sacar que o homem de preto tinha razão quando deu sua bênção. (RLS)

3 COLD MEN – "Urban RMXS" (Lado Z) ★★★★

Batida sincopada, vocais gélidos, synth pop no ar. É um CD dos anos 80? Não. É algum grupo de EBM europeu? Quase. Estamos falando aqui de um grupo franco-brasileiro. Mais brasileiro do que franco porque dois terços da banda é brasileira (Alex Twin e Maurizio Bonito) e o vocalista é francês (Franck Lopez). Este segundo CD é composto apenas de remixes das músicas do trabalho anterior, que levou o nome da banda, lançado em 2005 apenas na Europa. Para quem gosta de eletrônico com pitadas de gótico esse disco é um prato cheio. O remix de "Your Face" ficou espetacular - tanto que faz você correr desesperadamente para o PC para baixar o primeiro CD e tentar entender como uma banda como essa é praticamente ignorada no Brasil. Ouça "My Gratest Greta" e entenda porque música eletrônica feita por brasileiros ainda tem salvação. Para quem gosta de cabelos espetados, de andar de roupa preta e de tomar sorvete no inverno. (RLS)

MANDRAXE - "Mandrake" (Independente) ★★

Mais do mesmo? Quase isso. No último ano, parece ter começado no Brasil um movimento pela libertação do emocore reinante nas FMs. A partir daí, muitas bandas têm caminhado em outras direções (o que é muito bom). É o caso da banda Mandrake, que, apesar de algumas letras, ainda trazerem o ranço amoroso carregado de decepção como em "Sempre igual" e "Meu Vício", ou na rebeldia sem causa mostrada em "A Versão". Mas o lado positivo é que dentro da proposta a que a banda se lançou – que é fazer pop rock -, eles chega a ser bem-sucedida e faz com que o CD tenha bons momentos. "Tarde Demais" é a melhor e o CD é bom, mas pode ficar ótimo se a banda investir também em letras melhores e arranjos mais bem trabalhados. (RLS)

THE DEAD ROCKS – "International Brazilian Surfs" (Monstro Discos) ★★★★★

A cada novo CD de surf music brasileiro que ouço, não creio que ele é tocado e produzido inteiramente por brasileiros de verdade, dado o domínio e técnica apresentados por cada grupo. O surf music não é mais exclusividade dos estrangeiros, e esse é mais um caso de CD que beira a perfeição. O Dead Rocks prova mais uma vez que a surf music não morreu. Imagine escutar "Preciso me Encontrar" (que pontua a cena onde o personagem Cabeleira é executado por policiais no filme "Cidade de Deus") de Candeia em surf music e com direito a inserção do início do áudio da cena. E o que dizer do clássico "As Rosas Não Falam", de Cartola, no mesmo ritmo? A banda e seu produtor, Clayton Martin, transformaram o ritmo que às vezes cai no lugar comum em excelente pedida. (LS)

EASY STAR ALL-STAR - "Dub Side of the Moon" (Deckdisc) ★★★★★

Ótimo CD de dub. Misturar as músicas do lendário disco de Pink Floyd com o ritmo do reggae não é para qualquer um. Músicas como "Time", "On the Run", "Money", "Us and Them", "Speak to Me" são clássicos memoráveis tocados em versões completamente rasta. Outra faixa de destaque é "Great Dub in The Sky". (NR)

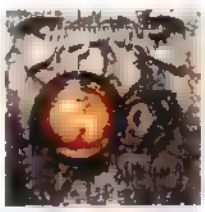
CABAL - "Prova Cabal" (Universal Music) ★★★★

Cabal é um cara que sempre esteve envolvido até os dentes com o movimento hip-hop. Natural de São Paulo, o MC é uma das vozes por trás do megahit "Senhorita". "Prova Cabal", seu disco solo, mostra o talento do rapper e traz ainda os "convidados de sempre" Helião, Negra Li, Rhossi, P Rima, Bomba e DJ Black, além de Rappin' Hood e Primo Preto. As faixas mais bacanas são "Prova pro Povo", "Mexe seu Corpo", "Quem Vai?" e "Som da Rua". Cabal começou com o pé direito. (NR)

MAMELO SOUND SYSTEM - "Operação: Parcel ou Mixália" (Selo Instituto/YB Music) ★★★

Este é o terceiro CD individual do Mamelo Sound System, um álbum de remixes, com um time variado de bambas do balanço nacional: Tejo, Speed, Lumbriga Tremosa, Daniel Bozio, Maquinado, Alexandre Bassa, Parteum, Munhoz, Leo Cunha, DJ Perifério, Rica Amabis e Hurtmold. As músicas são muito boas, mas nada fora do comum. As faixas que se destacam mais são "Cidade Ácida", "Isso aqui Não É", "Noturno" e "Amor em Tempos de Guerra". É um CD bem legal, mas que não chega a empolgar. (NR)

DRAGONFORCE – "Inhuman Rampage" (Century Media Records) ★★★★



O estilo musical do DragonForce vem evoluindo com o tempo. Nesse disco, a ênfase é para velocidade, arranjos complexos, letras voltadas para fantastic tales ou épicas e uso sutil de coral em background. Destaque para o solo de teclado em "Body Breakdown". O CD ainda conta com um "Rockumentário", mostrando backstages da banda no Japão, entre outros. Além do esperado extreme power metal, há elementos de death, como na faixa "Revolution Deathsquad", por exemplo. (AD)

DIGITARIA – "Digitaria" (Lado Z/International Deejay Gigolo Records) ★★★

O primeiro CD do quarteto mineiro surpreende em todos os sentidos. Primeiro destaque é o fato de estar sendo lançado pelo International Dee,ay Gigolo Records, selo do renomado alemão DJ Hell, que está apostando alto no grupo. As produções giram em torno do electro, com claras influências punk e rock, porém passeiam por vertentes mais pop, algumas vão para o lado do techno e até mesmo sons mais lentos e calmos estão presentes. Bons vocais, letras em inglês, efeitos hipnóticos e uma masterização de altíssima qualidade fecham o pacote. (RH)

FOUR TET – "Everything Ecstatic" (Slag Records) ★★

Kieran Hebden apresenta um CD com capa alegre, encarte contendo imagens fotográficas interessantes e coloridas, porém sem nenhuma informação extra sobre o disco e/ou o artista. As produções deste álbum têm claras influências de jazz, hip-hop, house, ambient e outras misturas eletrônicas. Algumas músicas são bem quebradas, outras um tanto calmas e sonolentas. Faz algumas incursões por caminhos mais experimentais, porém sem estilo bem definido. Em geral não chama muita atenção, nem para o bem, nem para o mal. A melhor faixa é a quatro, "Sun Drums and Soil". (RH)

RHD – "Xô Governo" (Travolta Discos/Cospe Fogo Gravações) ★★★★

O nome da banda diz tudo: Raça Humana Destrói. E o nome do CD completa a idéia "Xô Governo". O que surgiu inicialmente como o passatempo dos integrantes do Presto? (enquanto seu baterista fazia turnê com sua outra banda Hutt), hoje já toma ares de superioridade perante a antiga banda. O CD tem 21 faixas desgraçadas com o máximo de um minuto cada, com o melhor do crossover nacional. Sabe aquela palhetadinha que o Metallica já esqueceu de fazer? Eles ainda lembram bem como é. Mas as letras e a postura deixam claras a veia hardcore. Destaque fica para a faixa "RHD" e "No Cu da sua Mãe" com os trechos do famoso vídeo da internet da "Profissional do Séquito". (SS)

EARS UP

JAMES CHRISTIAN – "Meet the Man" (Frontier Records) ♦♦♦♦

Este é o segundo álbum solo do vocalista do House of Lords (o primeiro, "Rude Awakening", de 1994, foi recentemente relançado com seis faixas-bônus). O trabalho, como era de se esperar, é de grande qualidade, não apenas tecnicamente como também em termos de composição. Apesar de ser mais comercial que o House of Lords, o CD surpreende com uns hard rocks mais pesados como "Circle of Tears", "Know You in the Dark", "Strong Enough" e a música-título, que é puro Whitesnake (em sua fase mais comercial). Claro, não faltam as grudentas como "Leave Well Enough Alone" "You Should Be Blue" e "After The Love has Gone", esta uma das colaborações dos colegas do House of Lords Chuck Wright e Lanny Cordola. (MM)

DANNY VAUGHN – "From the Inside" (Frontier Records) ♦♦♦

Para quem não sabe, Danny Vaughn foi o vocalista da banda Tyketto até 1995. A banda continuou sem ele, mas não prosperou (Steve Augeri, que foi parar no Journey substituindo Steve Perry). Em 1999, a banda voltou (aliás, metade dela), porém com o nome de Vaughn. Também não vingou, talvez por terem focado mais no blues que no hard rock. Mas o vocalista não desistiu – participou do projeto de blues Flesh & Blood (ao lado de Al Pitrelli, do Megadeth) e formou sua própria banda. O resultado é este CD, que é uma vitrine para o talento de Danny e um presente para os fãs - "Nothing At All", "Stop" e "Always" são de matar qualquer fã de black metal. (MM)

JEFF SCOTT SOTO – "Lost in the Translation" (Frontier Records) ♦♦♦

Soto é simplesmente uma das vozes mais poderosas e versáteis do hard rock atualmente (os melhores álbuns do Malmsteen foram com ele). Portanto, não é exagero dizer que qualquer coisa que ele cante será de grande qualidade musical. Mas não se engane – este trabalho puxa para o hard rock mais comercial (o melhor exemplo disto é a excelente "Find Your Way"), portanto quem espera algo mais pesado ficará decepcionado - só para dar um exemplo, seu maior colaborador é/tem sido Neal Schon, do Journey. Claro, há as poderosas "Believe In Me" e "Soul Divine" (MM)

ROBIN BECK – "Do You Miss Me" (Frontiers Records) ♦♦♦

A cantora é conhecida como a maior voz feminina do AOR mundial atual e esposa de James Christian (House of Lords). Mas o que muitos não sabem é que ela já tocou em banda de rock (Deep South) aos 18 anos de idade, participou de musical da Broadway e até fez jingles. E foi justamente um jingle para a Coca-Cola que lançou sua carreira – a música ("First Time") se tornou o hit número 1 no Reino Unido! Em seu quinto álbum solo (o primeiro é de 1979, ela costuma dar longos espaços entre álbuns), Robin mostra mais uma vez que tem uma voz fantástica. Quem ainda não conhece o trabalho pode esperar um AOR bem comercial, bem mais que o de seu marido. O CD tem colaborações de Michale Bolton e Desmond Child, entre outros. (MM)

THE ROCKEFELLERS – "King Size" (Monstro) ♦♦♦

O quarteto que vem de Goiânia lançou seu primeiro álbum e ganhou pontos preciosos nos quesitos qualidade de gravação e das composições. "King Size" mostra em suas dez faixas o mesmo hard/glam/poser rock que sacudiu Cuiabá no último festival Grito Rock. Sim, as guitarras pesadas, dançantes e aceleradas lembram e muito Backyard Babies, The Hellacopters e até algo do Forgotten Boys. As melodias são rápidas e agressivas, o vocal se impõe com interpretações poderosas e ai sobram faixas bacanas no disco, como "Fight Club", "Midnight Express" ou até a quase instrumental "Fucking Punk Kid" onde a banda mostra que não está pra brincadeira. (HF)

PORCAS BORBOLETAS – "Um Carinho com os Dentes" (Independente) ♦♦

Como explicar ou definir o som de um sexteto egresso de Uberândia, Minas Gerais, que produz um CD com 16 faixas (em pouco mais de 38 minutos) onde a tônica dominante é a tentativa de produzir um experimentalismo sonoro, há inclassificável? O PB lembra muito aqueles grupos de teatro experimental que se tornaram famosos pela sua arte conceitual e que, um belo dia, acharam que também podiam se tornar um grupo musical. A linguagem do grupo tenta ser pop (rock não é, definitivamente), mas até que ponto dá para ser pop usando e abusando de desconstruções melódicas, vocais "malucos" e musicas que remetem a Tom Zé ou a referências de MPB ainda que de forma estilizada? Decida se você gosta ou não em www.porcasborboletas.com.br. (HF)

TRISSÔNICOS – "Objeto Direto" (Monstro) ♦♦

Mais rock básico cru e direto, oriundo de Goiânia, com influências do punk americano dos anos 80 e 90, com algumas linhas melódicas que lembram algo de Husker Du e Superchunk. O que chama a atenção é a rapidez com que as 13 faixas foram gravadas, tudo foi registrado "ao vivo" no estúdio em certeiras dez horas de gravações, realizadas em abril do ano passado. O trabalho gráfico da capa também é bacanudo, já que o disquinho vem embalado em digipack triplo. "Tudo que Eu Posso Querer", "O Preço que se Paga", "Filosofia de Bar", "Quantas Vezes" (uma das levadas mais pop e saborosas do disco) e até a mais emotiva "Lugar Meu" são curtas, grossas e sob medida para quem curte rock sem frescuras, daquele que é perfeito para pular em um show ao vivo. Mais em www.trissonicos.com.br (HF)

CALL AND RESPONSE – "Minds Take No Shape" (Rio 8) ♦♦♦♦

Mais um disco legal sai no Brasil, através da pequena gravadora paulistana Rio8. Quem? Como? Call and Response, com três caras e duas garotas egressos da Califórnia, que começaram a tocar e cantar juntos em 2000. De lá pra cá lançaram quatro discos - este lançamento foi editado originalmente em 2004. A música pode ser definida como fofa ensolarada e, às vezes, tristinha. Lindas harmonias vocais, algumas melodias envoltas em brumas psicodélicas, reminiscências de Stereolab e Belle & Sebastian. Canções como "Colors Bleed", "Station" ou a belíssima e inspirada "Eclipse", são grata surpresa. (HF)

CALIBAN – "The Opposite From Within" (Sum) ♦♦♦

Você está à procura de alguma coisa? A Caliban, formada em 1997, também procura muitas coisas, principalmente amor. Pesado, melódico, inovando cada vez a música de hoje em dia; o Caliban mostra carência e agressividade em seu novo trabalho. "The Opposite From Within" traz o novo metal europeu, divulgando seu novo single e clipe "The Beloved and the Hatred". Algumas faixas como "Stigmata", "My Little Secret" e "Senseless Fight" sempre impondo o "Eu" do compositor, Andy Dorner (vocal) grita, canta, rosna com agressividade e sutileza. Pena eles não variarem um pouco nas composições, pois o CD parece ter uma única faixa. (ACP)

DISTURBED – "Ten Thousand Fists" (Warner) ♦

Imagine regravar um CD de hard rock ou de metal melódico dos anos 80 com um equipamento de última geração. Em nenhum momento o Disturbed tenta seguir com composições modernas – as músicas de trabalho "Just Stop" e "Stricken" não negam isso. O trio faz cover até do Phil Collins, "Land of Confusion". "I'm Alive", "Forgiven" e "Deify" mostram claramente o fanatismo pelo som dos anos 80. Não tem personalidade, pode ser confundida com outras bandas. Pena. (ACP)

TIWAS – "T-Stamped Spear" (Somber Music) ♦♦♦

Excelente trabalho executado por esta horda de Joinville, Santa Catarina, levando adiante seu pagan metal climático e poderoso, desde a abertura com "Falling Christendom", seguida pela magnífica "The Rune of Victory" e "Drus-Wid". Para quem curte climas de pagan, viking e war metal é uma fantástica viagem musical. (RKR)

VADER – "Revelations" (Sum) ♦♦♦

O grupo polonês Vader continua fazendo muito bem o que sabe de melhor: death metal puro e sem frescura. É o caso deste "Revelations", de 2002, com suas bases bem entrosadas com a cozinha, rasgado pelos solos de Mauser. O CD traz também mais três faixas bônus: "Reing Forever World", "Frozen Paths" e "Privilege of the Gods". (RKR)

MYTHOLOGICAL COLD TOWERS – "The Vanished Pantheon" (Somber Music) ♦♦♦

O Mythological continua investindo firme no doom metal com influências orientais. "The Vanished Pantheon" vem com cinco músicas variando entre os 7 e 12 minutos. Destaque para as ótimas "When the Solstice Reachs the Apogee", "Tula", "The Shine of Lemurian Cataclysm", "Ancestral Solar Emblem" e para a faixa-título. As letras são uma verdadeira viagem pelo tempo. (RKR)

HYPOCRISY – "Virus" (Nuclear Blast) ♦♦♦

É sempre um enorme prazer receber em mãos um novo lançamento deste grupo sueco, afinal Peter Tagtgreen sabe muito bem o que faz e como se faz. As músicas do Hypocrisy já nascem poderosas, com ou sem atmosfera climática e de quebra ainda uma participação de Gary Holt (Exodus) soando em "Scrutinized". Resumindo: mais um clássico no vale da morte! (RKR)

EARS UP

RAMESSES – "The Tomb" (Invada) 🎸🎸🎸

Doom metal mais que perfeito, seguindo os moldes britânicos. Afinal, doom bem feito, só lá mesmo. "The Tomb" dá o nome ao petardo abre o disco já numa "psycho trip from hell", é seguida por "Cult of Cyclops", de mais de 9 minutos, que mantém o clima. "Omniversal Horror" faz o ouvinte viajar no som e "Unholy Outburst #3" tem riffs matadores que envolvem o voca gutural. São quatro faixas, mas nem precisa de mais. (RKR)

CATHEDRAL – "The Garden of Unearthly Delights" (Nuclear Blast/Rock Brigade) 🎸🎸🎸

Doom metal ou stoner rock, em qual estilo classificar o Cathedral? Ambos se enquadram no som executado pela banda de Lee Dorian. Destaque neste álbum "Fields of Zagara", faixa instrumental com cara de Metallica na fase " ..And Justice for All". "The Garden" é uma viagem lisérgica de 27 minutos. Há também uma faixa escondida no final do CD, sem título. (RKR)

REBELLION – "Sagas of Iceland - The History of the Vikings Volume 1" (Century Media) 🎸🎸🎸🎸

O power metal do grupo alemão Rebellion veste a temática viking abordada neste "Sagas of Iceland", que chama a atenção pelo excelente trabalho instrumental, que dá uma série de climas épicos combinando com o vocal bem variado, que vai do melódico ao gutural. Isso pode ser percebido em "Ynglinga Saga (To Odin We Call)" e "Freedon (The Saga of Gang Hrolf)". Vale a pena conferir também "Sword in the Storm (The Saga of Earl Hakon, Protetor of Norway)", "Blood Rains (The Saga of King Olaf Trygvason)" e "Canute the Great (The King of Danish Pride)". Ótimo para fãs da mitologia nórdica. (RKR)

TROPA SUICIDA – "Apocalipse" (Independente) 🎸

A Tropa Suicida, banda de Santos, São Paulo, com quase 20 anos de batalha na cena underground, tem em mãos o CD "Apocalipse", lançado em 2002. O álbum traz punk rock (street/oi) regado de protesto. Quase todas as músicas trazem letras de consciência e indignação. Destacam-se as musicas "Falar ou Morrer" e "11 de Setembro". A alienada "As Cores do Meu Time" vem com um videoclipe bastante legal. (AC)

MERDA – Carlos (Lajã Records) 🎸🎸🎸🎸

O Merda volta à cena trazendo um CD de peso, só que elaborado. O Merda traz letras com humor crítico e sarcástico, sem deixar de expor sua revolta. As letras estão menos profanas (por incrível que pareça) mas eles continuam com ódio pelo "Senhor". A boa qualidade da gravação pode parecer estranha para os fãs que estão acostumados com o som "tosco" do trio, mas mesmo assim a banda não foge de suas raízes, permanecendo com o mesmo som cru. O álbum traz 16 faixas divididas no mais puro punk rock hard core, e o som continua a mesma porrada na orelha do começo ao fim. Há ainda a participação Rodrigo Lima (Dead Fish) cantando três faixas no álbum. Destaque para "Punk Crente" e "Nirvana dos Pobres". O encarte do CD traz algumas ilustrações bem legais em quadrinhos. (AC)

BATHTUB SHITTER – "Dance Hall" (Super Hit Fun Records) 🎸🎸🎸

O Bathtub Shitter, banda consagrada no mundo do "barulho music", traz nesse trabalho um grind bastante selecionado, com bastante influência de metal, crust e hard core. A bateria é rápida e não perde a marcação de tempo a guitarra vai de aguda a grave sem perder o tom e as letras continuam engraçadas como sempre. O álbum traz 12 sons gritados em inglês, e um bônus track. Tem também um cover de "Time Out", do D.R.I. (AC)

MASSACRE – "Diferentes Maneras Ao Vivo" (Pelo Disco/EMI) 🎸🎸🎸

Banda com quase 20 anos de estrada, formada entre 86/87, o Massacre lança um álbum ao vivo o "Diferentes Maneras". Gravado entre agosto e novembro de 2004 no El Teatro, em Beunos Aires, o CD traz uma coletânea de todos os álbuns e conta toda a trajetória da banda. São 16 faixas que mostram todos os estágios desse quinteto argentino. O som está perfeito, muito bem gravado e produzido. Rock'n'roll com tendência punk de primeira qualidade. (AC)

GRAVE DIGGER – "25 To Live" (Nuclear Blast) 🎸🎸🎸

Em comemoração aos 25 anos de carreira, o Grave Digger, ícone do heavy metal alemão presenteia os fãs com um álbum duplo, gravado na melhor (e pior) cidade do mundo: São Paulo em turnê de seu último álbum 'The Last Supper'. São 26 porradas, incluindo os clássicos que fizeram do grupo um dos maiores de sua terra, como "Witchhunter", "Grave Digger", "Knights of the Crodd" "Heavy Metal Breakdown" e a balada "Yesterday". (RKR)

EYES UP

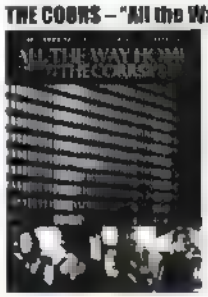
SANTANA – "Live by Request" (Sony/BMG) 🎸🎸🎸🎸

Com 36 álbuns lançados, Santana é um astro do Rock & Roll Hall of Fame. Não é pra menos. São quase 50 anos de sucesso. "Live By Request" reúne os maiores hits, incluindo "Oye Como Va", "Black Magic Woman", "Soul Sacrifice" e "Europa", entre outras. O DVD traz participações especiais de Rob Thomas (Matchbox 20), no megasucesso "Smooth", Michelle Branch em "The Game of Love", e The Product G&B em "Mana Maria". Já a parte técnica deixa um pouco a desejar. Não há áudio 5.1, o que deixa insatisfeitos os donos de home theather. Segundo: não há extras. A nota seria menor se não se tratasse de Santana em uma apresentação curta, com só 11 músicas. Porém, impecável. (EC)

THE MISSION – "Lighting the Candles" (Indies Records) 🎸🎸🎸

Esse material traz no primeiro DVD um show do The Mission que aconteceu na Alemanha em abril de 2004. Numa apresentação comportada de Wayne Husse, o Mission caras tocaram os seus grandes hits como "Severina", "Beyond the Pale", "Butterfly on a Wheel", entre outras. Também tocaram "(Slave To) Lust" e "Evangeline", do álbum "Aura". No DVD tem uma secção chamada Classic Video Clips, onde há sete clipes, entre eles, "Butterfly on a Wheel" e "Tower of Strength". O segundo DVD traz entrevistas com o vocalista e o guitarrista Bob Holliday, galeria de fotos, performace solo de Wayne Hussey, entre outras coisas. Há também um Bônus Live CD, que traz algumas músicas do show do primeiro DVD. (AS)

THE COORS – "All the Way Home – A History of..." (Warner) 🎸🎸🎸🎸



O DVD duplo traz surpresas para os fãs. No primeiro, um documentário de 102 minutos sobre a feitura do mais recente CD, "Home", que marcou a volta da banda às raízes celtas, dois clipes promocionais alternativos e as apresentações da banda para o falecido papa João Paulo II e para a tripulação de um porta-aviões. E a engraçada tentativa de cantar o hino nacional irlandês antes de uma partida de futebol, o que acabou não dando muito certo. O segundo disco é de um competente e lotado show em Gênova, na Itália, em 2004. São 21 musicas , de todos os períodos da banda, incluindo "I Never Lookd You Anyway", Angel, "Queen of Hollywood", Toss the feathers" e Only when I Sleep". (EC)

LIVE AT MONTREAUX – "Série Legends" (ST2 Records) 🎸🎸🎸

A paulistana ST2, pioneira no formato, continua se destacando no mercado de DVDs no Brasil. Agora a novidade é uma nova fornada de títulos da série "Legends", que captura com esmero várias apresentações de nomes consagrados do pop e do jazz, no lendário festival de Montreaux, na Suíça. Sim, há algumas performances mais fracas aqui e ali, e outras medianas (como a de Bonnie Raitt, registrada em 1977, ou da desconhecida Average White Band, que tocou no mesmo ano). Por outro lado, é um bálsamo para os sentidos poder ouvir a trinca dourada Al Di Meola, Jean-Luc Ponty e Stanley Clarke fazendo um set histórico e irrepreensível em 1994. E tem também Dr. John e Gary Moore para os amantes do blues, George Benson ainda em sua fase menos pop (em show de 1986) e muito mais. São mais de dez títulos ao todo. Escolha o seu e tome contato com os sons e as imagens que fazem de Montreaux, há décadas, o festival de jazz mais importante do mundo. (HF)

CHICAGO – "The Heart of Chicago – The Videos 1982 - 1991" (WARNER) 🎸🎸🎸

A banda americana Chicago, criada em 1967 e que já vendeu mais de 120 milhões de cópias de todos seus albuns, teve seu auge a partir de meados dos anos 70, época em que o cantor e compositor Peter Cetera comandava a banda. São desse período clássicos como "If You Leave Me Now" e "Happy Man". Em 1982 a banda mudou de gravadora, chegando a Warner bem no início da popularização dos videoclipes. A banda foi parar na MTV e o sucesso continuou. A Warner juntou todos os videos produzidos entre 1982 e 1991, tempo que a gravadora trabalhou com o Chicago, e colocou nesse DVD. São 11 canções: "Hard To Say I'm Sorry", "Love Me Tomorrow", "Stay the Night", "Hard Habit to Break", "You're the Inspiration", "Along Comes a Woman", "25 or 6 to 4", "Will You Still Love Me", "Look Away", "You're Not Alone" e "Chasin' The Wind". (EC)

SUPLA – "Só na Loucura" (ST2) 🎸🎸🎸🎸

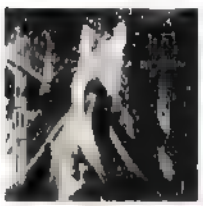
O DVD é o registro de um show de Supla em um dos hotéis mais caros e sofisticados de São Paulo, o Unique, em dezembro de 2004. Ele desfia seu punk pop em 15 canções de sua carreira solo e com a banda Tokyo. "Humanos", "Green Hair", "Garota de Berlim" e "Bizness (Comidia)" dividem espaço com regravações de "Pet Cemetery" e "Imagine". Ainda há um documentário feito pelo próprio cantor sobre sua carreira, que aborda desde as primeiras bandas – Os Impossíveis, Metrópolis e Psycho 69 – e traz petardos como imagens do Tokyo gravando com a cantora alemã Nina Hagen, namorada de Supla nos anos 80, o sucesso new wave "Garota de Berlim", um clipe ao lado de Cauby Peixoto e cenas do grupo nos anos 80, em programas de TV, como "Cassino do Chacrinha", "Perdidos na Noite", "Hebe" e "Raul Gil", além de imagens do primeiro Rock in Rio. A carreira recente também é abordada, quando ele foi ressuscitado pela MTV e, logo após, na participação na "Casa dos Artistas". (EC)

DEMOTERAPIA

Cotação:
- (Excelente);
- (Ótimo);
- (Bom);
- (Regular);
- (Fraco)

JORGE QUASE – "Simancol Desamrrtchatiea"

Na verdade, Jorge não chegou nem perto de quase. O nome do disco é o mais errado possível – ele é, sim, chatíssimo. Os instrumentos são tocados de forma satisfatória, porém óbvia do começo ao fim. E as letras, então... "Manela" pede para que essa menina libere logo e deixe de ser virgem, "Gordinho Peludo" diz "Gordinho peludo/eu quero você com pelo e tudo", "Deprê" e "João Saiu para Comprar Cigarros e Nunca Mais Voltou" são insultos ao estilo de Renato Russo. "Sambinha" diz pros roqueiros darem uma chance ao samba. E o petardo é a marchinha de Carnaval "Simancol", que nem conseguiu rimar. Se era uma piada, não funcionou. Melhor ficar com Juca Chaves. Contato: www.jorgequase.com. (EC)



ZÉRA – "Na Sombra da Cidade"

Rock de protesto – não é punk, é rock – básico e bem feito, reclamando das injustiças e da pobreza e/ou fazendo música adolescente engraçadinha. Nada de inovador, mas bastante bem-feito – e o caminho pode ser esse mesmo, mas falta lapidar mais a personalidade da banda. Em alguns momentos mais inspirados chega a lembrar o Legião Urbana em seus primeiros dias, principalmente na faixa "Pensa que Sabe". Mas, em outros, como em "Largada", parece Baba Cósmica. O ideal seria procurar um meio-termo e, assim, chegar às rádios comerciais. No CD veio o telefone de contato, mas a banda esqueceu o DDD. Pena. (EC)

JARDINEIROS – "Sequelado"

Uma banda que não tem medo de experimentações. Esse é o ponto de partida dos Jardineiros. Com uma mistura de pop, rock, britsh pop, levadas calcadas em Beatles, efeitos bem sacados e o típico som retrô gaúcho como na boa escola de Frank Jorge, Graforréia e Cachorro Grande. A banda compõe letras com histórias bem-estruturadas e alguns pequenos efeitos no meio de faixas que pegam o ouvinte de surpresa. Não que os Jardineiros sejam a próxima banda gaúcha que vai estourar. Mas a honestidade e os ótimos músicos deixam antever que, com boa divulgação e muitos shows, eles podem chegar longe. Contato: bandajardineiros@hotmail.com (LS)

JOHNNY FOLK – "Pensamentos de um Viajante Solitário"

Algumas idéias são muito boas, outras nem tanto. Johnny Folk é um artista que optou por misturar duas vertentes distintas que apenas um punhado conseguiu. Na verdade só consigo lembrar de dois extremos: Bob Dylan (o mestre maior) e os Bad Folks (guardadas as proporções). Ao iniciar esse trabalho com instrumentos típicos do folk como violão acústico e gaita, ele acerta. Apesar de a produção ser um pouco frouxa, a simplicidade do trabalho de Johnny é boa. O problema é quando o artista se envereda por outros caminhos, como quando encarna o rockeiro em "O Tempo está Recuperado". Com mais acertos que erros, esse bom trabalho de Johnny é simples e direto. Quem sabe não teremos mais um bardo no mundo? Contato: www.johnnyfolk.com. (LS)

MR. EGO – "Revolutions"

A banda de Monte Azul Paulista (interior de São Paulo) já tem dez anos de existência e optou por regravar três músicas numa nova demo para apresentar os novos integrantes: Igor Nogueira (teclados e voz) e Eloy Casagrande (bateria), que venceu o concurso Modern Drummer, festival realizado em 2005, nos EUA. Completam a line-up Julio Vieira (vocais), J.C. Baiano (guitarra e voz) e Paulo André (baixo e voz). "Strangers", "A Sign of life" e "The Winds of Wasteland" destilam influências de Iron Maiden, Hellowen, Dream Theater, Symphony X e Edguy. A demo está muito bem gravada e os caras esbanjam talento, mostrando um excelente entrosamento. A banda tem tanto tempo de estrada, ótimos músicos e cinco demos. Falta lançar o CD. Contato: www.mrego.com.br. (MT)

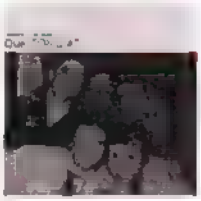
WASH – "Wash"

Banda de rock sem guitarras. Ou melhor, dupla de rock sem guitarras. Só baixo, bateria e alguns sons como um avião que passa aqui e acola em "Go On". Só se ouve voz na terceira faixa, a ótima "Deep Trouble". Paul (bateria) e Tito (baixo) usam a fórmula de tocar sem guitarras ou de fazer uma dupla parecer uma banda de cinco integrantes, que parece vir funcionando bem. Infelizmente a banda escreveu uma ótima apresentação mas esqueceu de colocar sequer um e-mail para contato. (RLS)

IAN – "Eu, os Lugares, as Pessoas..."

Fernando Lui é um cara bom. Tem boas letras e toca bem. Mas a demo poderia ter sido melhor produzida pois foi feita em estúdio profissional e contou inclusive com mixagem e masterização. O CD é quase uma reedição de "Amor e Cotidiano", de 2004, onde todas as letras tem participação de Fernando e lançado por Flávia Kell que está presente nesse disco tanto na produção como em "Amor e Cotidiano 2" e "Bulimia". Contato: nossarua@hotmail.com (RLS)

TONQ – "Que Tonq É?..."



Ótimo, ótimo, ótimo. Esse é mais um projeto do qual faz parte o colaborador da Dynamite Ayrton Mugnaini Jr. Temas modernos como "Samba do Orkut" e "Piercing no Umbigo", essa última com letra de Ricardo Moreira, são tocados sobre bases de samba, misturados com rock totalmente tosqueira. Há outras pérolas como "Eu Sempre Leio a Senhor F" e "Tatuagem na Bunda". Se você tem bom humor e sabe apreciar as coisas boas da vida, esse CD foi feito pra você. Contato: ayrtonmu@uol.com.br. (RLS)

TURBULÊNCIA – "Vidas Diferentes podem se Cruzar"

Histórias de amor devem ser dosadas ou podem se tornar a mais pura "pieguice". Não, não é o caso de Turbulência, uma banda que soa diferente de tantas existentes por aí. Ao começar pela calma na primeira faixa do CD, "A Triste História dos Três". As faixas dessa demo não obedecem uma ordem de duração, de cronologia, de uma história. São simplesmente histórias, algumas longas, outras curtas. "Simplesmente Não" tem toda a urgência de uma banda que sabe que chegou em algum lugar. São 11 faixas com ótimo rock tocado de ponta a ponta. Contato: www.turbulencia.tk. (LS)

TRIARCHY – "Broken Dreams"

Quando é que poderia se imaginar que do Ceará, um berço de ótimos humoristas e - para o bem ou para o mal – de bandas de forró, viria uma das melhores bandas de metal gótico? Bem, rotular uma banda é complicadíssimo, mas nesse caso imagine um Evanescence sem uma superprodução, sem os apelativos refrões misturados com nu metal e rap. Imaginou? Agora pegue uma banda honesta que não tenta inventar, que segue a tradicional cartilha do metal melódico e se dá muitíssimo bem. Triarchy é um sexteto que diz a que veio. Com uma produção de primeiro mundo, vozes femininas e vocais às vezes limpo às vezes guturais, são duas faixas ("Broken Dreams" e "Emotional Daze") que soam às vezes líricas e às vezes pesadas. Seja qual for o caminho a ser seguido por essa ótima banda cearense, fica o elogio. Contato: www.triarchy.com.br. (LS)

TRILOBITA – "Trilobita"

São apenas três faixas... Uma pena. Essa demo que é pura dinamite na mão de qualquer amante de um som que mistura Kraftwerk, samplers, programações, theremim e os tradicionais guitarra, baixo e bateria. Três faixas é uma economia injusta com um trabalho tão bom! Trata-se de uma banda que em qualquer lugar do mundo seria aclamada como a nova promessa do rock. Ou melhor, do electro rock. Ou seja lá qual categoria os integrantes preferiam se encaixar. Com um encarte simples e eficiente, Trilobita está à frente do seu tempo, mesmo usando idéias já experimentadas pelo grupo alemão Kraftwerk. Sinal que os quatro rapazes sabem bem aproveitar as boas e antigas idéias. Contato: bandatrilobita@gmail.com. (LS)

TURN 21 – "Captain Cool"

O que encontramos nas três faixas deste CD são canções de rock cru. Cantando em inglês, essa banda de São Paulo busca sonoridade simples e própria, o que consegue atingir em faixas como "Captain Cool" e "(Whatever Happened To) Jackie Faye". Em "The Storm" o destaque fica para o baixo na canção. Uma boa estréia para os caras do Turn 21. Contato: www.turn21.net (AS)

STARLA – "Silêncio"

Esse trio paulistano traz uma influência do rock pop dos anos 80 e do rock alternativo dos anos 90, além de ser formada por integrantes do extinto Dead Drunk. Com letras cantadas em português, o que podemos encontrar nesse CD demo são três canções muito bem feitas, com toques de lirismo, amor, ódio e paixões em cada faixa. São três ótimas canções de rock.
Contato: www.starla.kit.net (AS)

THE WHO
Quadrophenia (1973)

Divulgação

A banda em performance ao vivo

O The Who, grupo londrino surgido nos anos 60 e formado por grandes e criativos músicos, foi um dos percursores das óperas rock, obras conceituais e grandiosas. Fez "Tommy", que virou filme nos anos 70, o que também rolou com o magnífico "Quadrophenia". Guiado pelas mãos do excelente guitarrista e compositor Pete Towshend, Roger Daltrey (vocais), John Entwistle e Keith Moon, construiram uma das mais poderosas bandas de rock da história. Quem não conhece mas viu o show Live 8 no ano passado sabe disso.

A banda ficou conhecida pelos shows arrasadores, pelo virtuosismo dos instrumentistas e pela personalidade forte de seus integrantes. Peças com estrutura de filme e narrativas sempre foram a marca do grupo, assim como guitarras bem colocadas, bateria neurótica, quebrada e desestruturada em sua jazzística forma e um groove de baixo no mais alto grave. Em 1978 morreu o baterista e, o baixista, em 2004. Mas o Who continua vivo e forte.

"Quadrophenia" ficou por 18 meses no top americano e faturou disco de platina. A bela capa já diz tudo: um garoto de scooter e jaqueta de couro. É uma reflexão sobre a Grã-Bretanha pré-Tatcher, que documenta o narcisismo movido a anfetaminas da cultura jovem dos anos 60. O álbum relata uma guerra entre os rockers e os mods, duas turmas da swinguing London dos 60's. O disco duplo conta a história de Jimmi, o mod, um garoto cheio de dúvidas, problemas e amores, como sempre foi e será. O tema mixa ficção e realidade, o ego autobiográfico de Tonshend. Musicalmente é uma obra de arte. Canções como "I'm One", "The Real Me" – maravilhosa com uma emocionante letra, gritante rebeldia – "The Punk Meets the Goodfather", "Bell Boy", "Love Reing On Me" são a síntese do rock dos anos 1970.

Consistência poética, talento musical e criatividade visceral. "Quadrophenia" é uma ópera rock forte, que satisfaz e perturba. Ouvi-lo é mergulhar no submundo londrino das gangues. A banda estava no auge da maturidade musical e produtiva, com o mesmo punch que chamou atenção de Hendrix. A produção foi uma tour de force, com malhas de sintetizadores imaginativos, pontes e timbre de guitarras pesadas e até atonais. O Who, em "Quadrophenia", experimentou, ousou e sublimou a energia e a alma rock. "Sea And Sand", "Dr Jimmi", são avassaladoras como um pulo dentro de uma betoneira em movimento. Em "Helpless Dancer" e "Dirty Jobs" a banda explora, especialmente nas letras a obscuridade da alma, o nonse e as armadilhas das rua e becos. "Quadrophenia" é um grande disco não apenas porque o The Who é uma banda das melhores, das powerfulls. Mas porque, cirurgicamente, traça fielmente a realidade da juventude londrina dos anos 1960, a própira verdade onde cresceram e se formaram os músicos do Who.

"Quadrophenia" virou filme em 1979, com Phil Daniels no papel de Jimmi e participações de Toyah Willcox, Mark Wingett, John Altman, Leslie Ash, Ray Winstone e Sting. O longa foi a estréia do diretor Franc Roddam e, em 2004, a revista "Total Filme" elegeu-o o 35º melhor filme britânico de todos os tempos. Vale conferir ambos.

EXPEDIENTE

Dynamite # 89 – Maio/2006

Publisher e jornalista responsável: André "Pomba" Cagni – Mtb: 34553 (pomba@dynamite.com.br)
Editor: Elcio Cabral – Mtb: 42069 (elcio@dynamite.com.br)

Redação: Alex Sallai (alex@dynamite.com.br), Bruno Palma Fernandes (bruno@dynamite. com.br) e Alexandre Carvalho (alexandre_punk_hc@hotmail.com).

Diagramação: Rodrigo "Khall" Ramos (khall@dynamite.com.br)
Arte da capa: Jonathan Ramirez (jonathan@drm.ppg.br)
Fotos da capa: Cristina Ludwig

Relações Públicas: Lilian Vituzzo (lilian@dynamite.com.br) & Patricia "Pat Get" Guedes (patget@dynamite.com.br)
Webmaster: Daniel Zsigmond (daniel@dynamite.com.br)

Colaboraram nesta edição:
Adreana Oliveira (AO), Alexandre Carvalho (AC), Alex Sallai (AS), Alonso Dias (ALD), Ana "Death" Duarte (AD), André "Copycat" Punski (ACP), André "Pomba" Cagni (APC), Anderson Foca (AF), Ayrton Mugnaini Jr. (AMJ), Bruno Palma Fernandes (BPF), Cristina Ludwig (CL), Daniel Zsigmond (DZ), Dum de Lucca Neto (DLN), Eduardo Machado (EM), Elcio Cabral (EC), Elize Kawauchi (EK), Gilza Araújo (GA), Guilherme Sorgine (GS), Herik Correia Rocha (HCR), Hugo Morais (HM), Humberto Finatti (HF), Kadu Martins de Oliveira (KMO), Luciano Santos (LS), Marcelo Teixeira (MT), Marcio Baraldi (MBD), Marianne de Moura (MDM), Micki Mihich (MM), Nathalia Birkholz (NB), Mr. Nilson Rizada (NR), Robson Leandro da Silva (RLS), Rodrigo "Khall" Ramos (RKR), Shamil Silva (SS), Pat Get (PG), Pati Patah (PP), Rony Heller (RH), Tiago Bolzan De Luca (TBL), Vinícius "LaSombra" Fornielle (VSF)

Correspondentes:
Paraná: Herik Correia Rocha (herikhc@dynamite.com.br)
Rio de Janeiro: Guilherme Sorgine (guilherme@dynamite.com.br)
Santa Catarina: Luciano Santos (luciano@dynamite.com.br)

Suécia: Elize Kawauchi (lilize29@gmail.com)
New York: Micki Mihich (micki.mihich@terra.com.br)
UK: Cristiane Richardson (Manager – cristiane@hcp-industries.demon.co.uk)
Gisele Brierley (repórter – giselebrierley@tycos.co.uk)

Representação Comercial: Agility
Marcelo Teixeira (mateixeira@dynamite.com.br) & Marcelo Salomão (mmsalomao@dynamite.com.br)

Redação / Publicidade:
Fone: (11) 3064-1197
Fax: (11) 3081-4618
Rua dos Pinheiros, 730 – sala 1 - CEP: 05422-000
Pinheiros - São Paulo/SP

DYNAMITE é uma publicação sem fins lucrativos aberta a qualquer tipo de colaboração não remunerada em qualquer forma de expressão. Envie e-mail para dynamite@dynamite.com.br ou xerox dos seus textos/trabalhos/ensaios para a Caixa Postal 11253 - CEP: 05422-970 - SP/SP, com seu endereço e fone para contato. Caso seu material seja aprovado, entraremos em contato. A opinião dos nossos colaboradores não representa necessariamente a opinião da revista. A cópia ou reprodução total ou parcial das fotos e matérias aqui contidas é permitida, desde que citada a fonte e a autoria.

DYNAMITE é uma publicação da ASSOCIAÇÃO CULTURAL DYNAMITE, CNPJ 07.157.970/0001-44

Distribuição em bancas: Distmag
Impressão: Lastri Studios

LANÇAMENTO

RUSH - DVD DUPLO
Show do 30º Aniversário
em Retrospectiva Histórica

DURAN DURAN - DVD + CD
1º Gravação ao Vivo
Totalmente Digital

BASEMENT JAXX DVD
Videoclipes + Versões ao vivo
da Melhor Banda de
Música Eletrônica Atual

GRAVAÇÕES AO VIVO EM ALTA DEFINIÇÃO

GRANDES BANDAS EM SUPER SHOWS

AS NOVIDADES DA SUM RECORDS SÃO MAIS VIBRANTES!

EXPERIMENTE OS GRANDES SUCESSOS EM VERSÕES BOSSA NOVA, JAZZ E REGGAE...

BOSSA N`STONES

BOSSA N`MARLEY

JAZZ AND `80S

UOMO FASHION TV

PETE TONG - DUPLO
O Melhor da Pacha
Dance Club

www.sumrecords.com.br

LUXURIA

Envenene-se!

CD DE LANÇAMENTO DA BANDA VENCEDORA DO FESTIVAL "PORÃO DO ROCK" EM 2005!

INCLUINDO:
11 MÚSICAS INÉDITAS, FAIXA MULTIMÍDIA COM FOTOS, VIDEOCLIPE, VIDEO RELEASE E MUITO MAIS!!

INCLUINDO "ODIO"!

CD NAS LOJAS

WWW.SONYBMG.COM.BR | WWW.BANDALUXURIA.COM.BR

SONY BMG MUSIC ENTERTAINMENT

031 31 8804 0202
PONTAL DO SOU FÃ DE MÚSICA

THE PRODIGY

DYNAMITE

THE PRODIGY photographed by CHRIS DAVISON

www.sumrecords.com.br